# *Lá diz-se assim: Ilustração de Regionalismos do Porto*

Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto
Mestrado em Ilustração, Edição e Impressão

Relatório de Projeto para a Obtenção do Grau
de Mestre em Ilustração, Edição e Impressão

Orientação do Professor Doutor Júlio Dolbeth
Andreia Santos Moreira
Porto, junho 2025

# *Lá diz-se assim: Ilustração de Regionalismos do Porto*

Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto
Mestrado em Ilustração, Edição e Impressão

Relatório de Projeto para a Obtenção do Grau
de Mestre em Ilustração, Edição e Impressão

Orientação do Professor Doutor Júlio Dolbeth
Andreia Santos Moreira
Porto, junho 2025

U.PORTO
FACULDADE DE BELAS ARTES
UNIVERSIDADE DO PORTO

Tenho a agradecer imensamente à Joana, companheira de curso que se tornou companheira para a vida, por não me ter deixado desistir, e fazer com que esta jornada fosse mais leve. Sem ela isto não teria sido possível.

Ao João, pela cumplicidade e sentido crítico.

Ao Professor Júlio Dolbeth pela orientação neste projeto de dissertação.

Agradeço ao Centro de Convívio da Corujeira e ao Centro de Dia Senhor do Bonfim – Associação de Solidariedade Social, por colaborarem no desenvolvimento deste projeto.

Agradeço a todos aqueles que contribuíram, de forma direta ou indireta, para este trabalho.

Sem estas pessoas este projeto não seria possível.

## *Resumo*

O projeto de mestrado intitulado *Lá diz-se assim: Ilustração de regionalismos do Porto* tem como objetivo central a criação de um artefacto editorial que retrate visualmente palavras tradicionais da região Norte de Portugal. A escolha deste tema surge da necessidade de promover e preservar este património cultural, explorando a intersecção entre a ilustração e o vocabulário regional, com o propósito de documentar, divulgar e manter vivas estas expressões, a partir da ilustração.

Com esta investigação, pretende-se contribuir para o resgate de expressões orais e da cultura popular, enquanto se valoriza a ilustração no diálogo social e cultural. O projeto inclui o desenvolvimento de uma ferramenta lúdica interativa, sob a forma de um jogo, com o objetivo de recolher regionalismos diretamente da comunidade, tornando as pessoas parte ativa na ligação entre comunicação e ilustração.

A partir da recolha dos regionalismos, procede-se à seleção de uma lista representativa, que será apresentada e desenvolvida no formato de banda desenhada silenciosa, em que cada palavra será acompanhada por uma cena ilustrada que a clarifica e significa, proporcionando um contexto e compreensão mais aprofundado de cada termo.



## *Palavras-chave*

Banda Desenhada Silenciosa
Cultura Popular Portuguesa
Ilustração
Regionalismos
Tradição Portuguesa

## *Abstract*

The master's project entitled *Lá diz-se assim: Illustration of Porto's Regional Expressions* aims to create an editorial artefact that visually represents traditional expressions from the northern region of Portugal, specifically Porto. This theme was chosen in response to the need to promote and preserve the cultural heritage, exploring the intersection between illustration and regional vocabulary with the goal of documenting, disseminating, and keeping these expressions alive through visual storytelling.

This research seeks to contribute to the revival of oral traditions and popular culture, while also highlighting the role of illustration in social and cultural dialogue. The project includes the development of an interactive and playful tool in the form of a game, designed to collect expressions directly from the community, encouraging active public participation in bridging communication and illustration.

From the collection of regionalisms, we proceed to select a representative list, which will be presented and developed in the format of silent comic strips, where each word will be accompanied by an illustrated scene that clarifies and gives it meaning, providing a deeper context and understanding of each term.



## *Keywords*

Illustration
Portuguese Popular Culture
Portuguese Tradition
Regionalisms
Silent Comic Book

4 Agradecimentos
5 Resumo
6 Abstract

# Índice

9-13 *Introdução*
10 Contextualização
11 Motivações e Objetivos
12 Metodologia de Investigação
12-13 Estrutura do Documento

14-33 *Fundamentação teórica*
15 Regionalismos: Um Património Vivo
15-17 Enquadramento: *la Langue* e *la Parole*
18-19 O que são Regionalismos?
20-22 A Língua enquanto Património Imaterial
23-25 A Importância de Recolher: Oralidade e Memória Popular
26-29 Ilustração como Lugar de Fala
30-34 Banda Desenhada Portuguesa
34-37 Características Formais da BD

38-58 *Estado da arte*
39 Casos de Estudo
40-50 *Editoriais*
51-53 *Digitais*
54-58 Banda Desenhada Silenciosa em Portugal

59-87 *Projeto*
60-71 *Ferramenta lúdica*
60 Métodos de Recolha de Dados
61-62 Criação do Jogo/Ferramenta
63-68 Aplicação do Jogo e Recolha de Dados
69 Recolha Pessoal
69-70 Organização e Análise de Dados
70-71 Adaptações e Reflexões sobre a Aplicação da Ferramenta

72-87 *Artefacto*
73-74 Antecedentes
75 Interpretação Visual
75 *Desenvolvimento do Artefacto*
76-77 Cor
78 Tipografia
79 Estrutura e Paginação
80-81 Guardas e Capa
82 Encadernação e Finalização
82-87 Artefacto Editorial

88-92 *Considerações Finais*
89 Conclusão
90 Limitações
91-92 Perspetivas Futuras

93-96 *Referências Bibliográficas*
94-95 Bibliografia Citada
96 Bibliografia Consultada

97-99 *Lista de Figuras*

100-141 *Apêndices*

# *Introdução*

## *Contextualização*

*Lá diz-se assim* é um projeto que pretende resgatar palavras que estejam a cair em desuso na Língua Popular Portuguesa, os regionalismos, e preservá-los a partir da ilustração.

O assunto retratado nesta investigação serve como contributo enriquecedor no que se trata à preservação e resgate de palavras, reconhecendo o seu valor histórico e cultural, bem como a invocação da memória coletiva e a constante transformação da língua popular portuguesa. Este projeto articula esses regionalismos com a ilustração como meio de expressão visual. A ilustração surge como uma ferramenta fundamental para preservação e perpetuação dos mesmos.

Este documento tem como base a pesquisa de conceitos e definições que dizem respeito ao objeto de estudo, dando a entender que os regionalismos são construções linguísticas, que se relacionam diretamente com dimensões sociais e culturais da língua portuguesa para a sua formação e utilização.

Por fim, como produto final foi criado um artefacto editorial que reúne uma lista de regionalismos ilustrados, selecionados através de atividades realizadas em centros de dia. Este livro, enquanto artefacto final do projeto, constitui um contributo para o património visual com o intuito de preservar e recordar.

## *Motivações e Objetivos*

O presente trabalho é motivado pela dinâmica da comunicação visual com recurso aos regionalismos como matéria relevante para a cultura popular portuguesa. Pretende-se articular ilustração e regionalismo com o objetivo de comunicar e preservar este património da língua popular portuguesa.

Este trabalho é motivado pela convergência de interesses pessoais e académicos e fomentado por um projeto que antecede a presente investigação, desenvolvido no final da licenciatura em Design Gráfico e Multimédia, na Escola Superior de Artes e Design - Politécnico de Leiria, sobre a importância do património cultural, como parte integrante e significativa da cultura popular, e pela necessidade de registar e comunicar essas diferenças, de forma ilustrada.

Apesar da autora ser de Numão, o seu vocabulário foi influenciado por parte da família pertencer ao norte do país, tendo grande importância na sua criação. Dessa forma, quando mudou de região foi notada certa diferença nas palavras que seriam comuns ou conhecidas, observando assim as diferenças que a língua assume em várias regiões do país, esse foi o principal motivo para o desenvolvimento do projeto.

No que toca à pertinência deste projeto, consta a dificuldade de acesso a objetos literários que abordam o tema de forma específica e que ilustrem o mesmo, de forma a expandir a informação a um número mais alargado de pessoas. Os regionalismos, assim como as expressões idiomáticas têm vindo a ser tratados em dicionários especializados para a sua consulta e, em livros sobre a oralidade (linguística e património cultural) mas não tanto em articulação com a ilustração como meio de comunicação. Dessa forma este projeto mostra-se pertinente nesta vertente.

Por fim, a finalidade desta investigação é contribuir para o não esquecimento e perda de um património cultural tão rico, e para a sua divulgação, fazendo com que o seu conhecimento se expanda e permaneça vivo.

*A questão de investigação aqui levantada é a seguinte:*

De que forma a ilustração pode contribuir para a preservação e divulgação dos regionalismos da cultura popular portuguesa?

## *Metodologia de Investigação*

Esta investigação adota uma abordagem que combina a teoria e a prática para alcançar os objetivos propostos. Na componente teórica, a revisão da literatura baseia-se em autores relevantes que abordam questões centrais para esta investigação, oferecendo enquadramento e suporte conceitual ao tema em estudo. Na dimensão prática, procuramos casos e exemplos significativos que se relacionam diretamente com o nosso campo de investigação.

No que toca à questão prática deste projeto, foi criado uma jogo/ferramenta lúdica, como forma de proceder à recolha de regionalismos. Essa recolha foi feita primeiramente na Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto (FBAUP), mas não existiu a aderência prevista à sua concretização, o que resultou na procura de um público que se adequasse ao fundamento principal da pesquisa, levando assim ao contacto com dois centros de dia da região do Porto, o Centro de Dia e Convívio da Corujeira, e o Centro de Dia Senhor do Bonfim – Associação de Solidariedade Social, concluindo a recolha do material necessário à produção deste projeto; e em conversas informais, fazendo a recolha de forma orgânica com a população e os familiares da autora.

## *Estrutura do Documento*

O presente documento está estruturado de modo a sustentar teoricamente a investigação e a contextualizar o trabalho de projeto desenvolvido. A organização do trabalho está distribuída por cinco capítulos, de forma a garantir uma exposição coerente e progressiva dos conteúdos.

No primeiro capítulo é contextualizado o projeto, os seus conceitos-chave, os objetivos e motivações, a metodologia de investigação e a estrutura do documento.

O segundo capítulo é dedicado à fundamentação teórica e revisão de literatura. Foi procurado conteúdo em torno dos regionalismos, através da revisão dos seus contextos - linguístico, social e cultural – alicerçada na revisão de referências teóricas e exemplos com o objetivo geral de identificar e compreender definições e características destas palavras. Aborda-se, igualmente, a relevância da recolha e

preservação dos mesmos, bem como a necessidade da transposição do domínio oral para o suporte físico, e de que forma a ilustração poderia contribuir para esta recuperação.

No terceiro capítulo é apresentado o estado da arte, onde primeiro se evidenciam projetos que têm como fundamento os regionalismos, expressões idiomáticas, bem como provérbios, tanto de âmbito nacional como internacional, representados através de meios ilustrativos ou fotográficos, verificando-se igualmente casos que contemplam apenas a compilação e difusão digital dos mesmos. Apresentam-se, ainda, alguns exemplos de projetos desenvolvidos em banda desenhada silenciosa, de modo a completar a componente teórica relativa à ilustração.

O quarto capítulo divide-se em duas partes. Na primeira, inicia-se a componente prática do processo de investigação. É analisado o trabalho de campo desenvolvido, o processo de criação e a contextualização da ferramenta desenvolvida para a recolha de dados, bem como a sua aplicação e a análise do desempenho dos resultados obtidos para a continuação do projeto. Na segunda parte, é apresentada a elaboração do artefacto, começando pela explicação do anteprojeto que serviu de base à investigação. Após a apresentação deste contexto, descreve-se o processo e justifica-se conceptualmente a ilustração, bem como os aspetos técnicos, concluindo com a apresentação do objeto editorial.

No quinto capítulo são apresentadas as considerações finais, são analisados os resultados e perspetivas futuras para a continuidade da presente investigação.

No final do documento é apresentado o apêncice, que reúne informações relevantes para a investigação, como por exemplo a recolha efetuada nos centros de dia e a respetiva transcrição, bem como as autorizações obtidas para a recolha de dados e registo fotográfico das atividades. Contém ainda o cartaz criado para a participação da autora no Encontro de Investigação Jovem da Universidade do Porto (IJUP) em 2025, e todas as ilustruções desenvolvidas para o projeto.

# *Fundamentação Teórica*

## *Regionalismos: Um Património Vivo*

O presente capítulo tem como objetivo desenvolver uma análise linguística, enquadrando a temática do projeto na contextualização da investigação e do projeto em curso. Para tal, é fundamental um entendimento geral da língua, tanto na sua vertente escrita como falada, de modo a compreender plenamente a importância dos regionalismos, que constituem o principal objeto de estudo deste trabalho.

## *Enquadramento: la Langue e la Parole*

Neste campo, os principais estudos e teorias chegam-nos de Ferdinand de Saussure, (1857-1913), linguista e filósofo suiço, que estudou as línguas indo-europeias, sendo considerado fundador da linguística como ciência moderna. No artigo de Lucas Brandão (2017), é nos dito que:

> "Entre signos e significados, a organização dos conceitos e de toda a envolvência do saber é enquadrada nesta perspetiva linguística, capaz de reproduzir uma tessitura ampla de estruturas conceptuais." (Brandão, 2017, para. 1).

O elemento fundamental na teoria de Ferdinand de Saussure é o **signo**, que serve como ponto central para compreender toda a estrutura da língua. Em 1916, após a sua morte, foi publicado o livro *Curso de Linguística Geral* onde Saussure apresenta uma nova visão sobre as palavras: são produtos coletivos com base em interações sociais e são instrumentos para compor e articular o mundo (Brandão, 2017).



Fig. 1
Ferdinand de Saussure (1857-1913)

Esta perspetiva mostrou-nos que uma língua é um sistema organizado, formado por diferentes elementos que se relacionam entre si. O signo linguístico, segundo Saussure, divide-se em duas partes essenciais:

O **significado**: é o conceito mental, a ideia que formamos na nossa cabeça quando ouvimos ou lemos uma palavra. Por exemplo, quando lemos "casa", imaginamos um edifício onde as pessoas vivem.

O **significante**: é a forma material da palavra, ou seja, as letras escritas ou os sons pronunciados. No exemplo anterior, seriam as letras "c-a-s-a" ou o som [kaza].

Embora Saussure considerasse estas noções como psicológicas, acabámos por adotar o significante como a representação física do significado. Esta divisão ajuda-nos a perceber como as pessoas, ao longo da história, transformaram as suas experiências e percepções em palavras e conceitos (Carmelo, 2003).

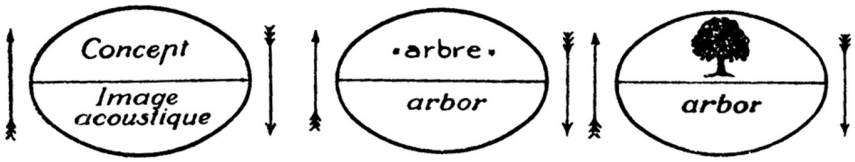



Fig. 2
O carácter duplo do signo, segundo Ferdinand de Saussure

Dentro desta estrutura, Saussure identificou dois aspetos fundamentais da linguagem:

A **parole** (a fala): refere-se ao uso concreto e individual da língua, ligado aos significantes. É como cada pessoa utiliza o sistema linguístico no seu dia-a-dia.

A **langue** (a língua): é o sistema coletivo de regras e convenções que todos os falantes partilham. Está associada aos significados e funciona como um contrato social entre os falantes.

A **langue** existe porque os utilizadores de uma língua concordam coletivamente que determinadas palavras têm significados específicos, correspondendo a certos conjuntos de letras e sons. Este acordo social é independente de qualquer utilizador individual (Carmelo, 2003).

Por outro lado, a **parole** representa a expressão prática da língua, seja falada ou escrita. A relação entre estes dois elementos é essencial: a **langue** (o sistema de regras) precisa da **parole** (o uso prático) para conseguir uniformizar a forma como os conceitos são expressos linguísticamente. Só através deste uso concreto é que as convenções da língua se estabelecem e evoluem, permitindo que regionalismos e variações linguísticas se desenvolvam dentro do mesmo sistema (Carmelo, 2003).

> "Os vocabulários de cada idioma tornam-se herméticos, fechados e pouco recetivos à mudança, estabelecendo-se estaticamente nas suas regras gramaticais e constitutivas, e só crescendo a partir das evoluções situacionais, sociais e tecnológicas." (Brandão, 2017, para. 10)

Nesta investigação interessa-nos especialmente o uso prático da língua, aquilo que Saussure chamou de **parole**. O foco está na forma como diferentes comunidades desenvolveram as suas próprias regras linguísticas dentro de grupos mais pequenos, criando assim variações locais do sistema geral da língua portuguesa.

Para compreender isto de forma simples: em Portugal, todos os falantes de português partilham um sistema comum de regras (a **langue**), onde concordamos coletivamente que determinadas palavras têm significados específicos. É este acordo comum que nos permite comunicar. No entanto, este sistema geral não impediu que surgissem outros sistemas de regras mais localizados, utilizados por comunidades mais restritas – são os chamados regionalismos. Estes funcionam como pequenos "acordos linguísticos" dentro de zonas geográficas específicas (Paiva, 2001).

Um exemplo claro: enquanto a palavra "jeco" pode não ser reconhecida por todos os portugueses como significando "cão", no Norte de Portugal existe uma convenção local em que "jeco" é perfeitamente entendido como sinónimo de "cão". Este é apenas um dos muitos exemplos de como as comunidades regionais criam e mantêm os seus próprios regionalismos.

> "Mas a língua padrão supõe a uniformidade, frequentemente alcançada à custa da rejeição, da imposição de um uso, que não é o da maioria, como o melhor e único aceitável, e é inevitável a indecisão de contornos desse uso idealizado e ficcionado." (Paiva, 2001, p. 161)

Esta investigação reconhece que, tal como Maria Helena Paiva observa, a coexistência entre a norma padrão e as variantes regionais é um fenómeno natural e enriquecedor, onde a língua popular mantém a sua plasticidade e capacidade evolutiva.

> "Efetivamente, um signo é um signo apenas quando exprime idéias e suscita no espírito daquele ou daqueles que o recebem uma atitude interpretativa. Deste ponto de vista poderemos afirmar que tudo pode ser signo, pois que a partir do momento em que somos seres socializados aprendemos a interpretar o mundo que nos rodeia, seja ele cultural ou natural." (Joly, 2007, p. 30-31)

## *O que são Regionalismos?*

Tal como mencionado na análise dos trabalhos de Paiva (2001), Brandão (2017) e Carmelo (2003), os regionalismos surgem através de evoluções e/ou mutações regionais de palavras da língua padrão.

Estes sistemas linguísticos locais não substituem a língua portuguesa padrão, mas convivem com ela, enriquecendo-a e revelando a diversidade cultural das diferentes regiões de Portugal, valorizando a oralidade no seio da Língua Popular. Os regionalismos têm um lugar muito importante na língua e na cultura, uma vez que nos mostram como núcleos mais pequenos criam o seu próprio conhecimento popular, mantendo-o vivo através do seu uso, partilha entre gerações e na disseminação.

> "[...] não há línguas, nem variedades linguísticas superiores e inferiores, a linguística histórica está bem armada para comprovar a raiz extra-linguística de juízos de valor deste tipo. Uma das razões por que a história da língua interessa, é que ela desemboca no presente e o ilumina; [...]" (Paiva, 2001, p. 155)

Pessoas que crescem no "meio popular" aprendem por imitação a linguagem do seu contexto, tornando a norma padrão algo relativamente estranho para elas. A língua popular permite que certos fenómenos linguísticos (como a analogia) continuem a modificar a língua, enquanto a língua padrão é mais resistente a mudanças em determinados domínios (Paiva, 2001).

> "Quando se observa a língua ao longo do tempo, constata-se que a variação é inerente à actividade linguística, que é variando que a língua flui, vai sendo plasmada e se transforma" (Paiva, 2001, p. 162)

Dado ser um dos objetos deste estudo, será importante verificar as principais semelhanças e diferenças entre expressões idiomáticas e regionalismos.

As **expressões idiomáticas (EIs)** são algo bastante difícil de definir, dado que não existe consenso entre autores relativamente às características que definem as EIs (Santos, 2016).

Adelnia e Dastjerdi (2011) definem as EIs como "expressões linguísticas ou itens lexicais que representam objetos, conceitos ou fenómenos da vida específicos de cada língua. São necessárias a qualquer língua para manter a identidade local e cultural da mesma" (Santos, 2016, p. 879).

São então frases, de difícil tradução, com uma composição não mutável e, muitas vezes, de origem desconhecida (Klett, 2013), que existem em línguas e que representam, muitas vezes, conceitos ou acontecimentos (Santos, 2016).

Em Portugal temos inúmeros exemplos: "meter o pé na poça", "andor violeta", "sem pés nem cabeça", entre outros. Apesar destas EIs poderem ser mais ligadas a certas regiões, não se enquadram na definição de "regionalismos" na qual este projeto se apoia.

Os **regionalismos** representam palavras isoladas inseridas em regiões, que podem ser mais amplas - como "regionalismos do Norte de Portugal" - ou mais fechadas, referentes apenas a uma cidade ou aldeia.

Tal como nos diz José Teixeira (2016), quando se refere ao regionalismo "cascavelha", da região do Minho, estas são palavras "inexistentes no "Registo Civil" da língua. Uma palavra condenada a não deixar memória, embora fundamental nas vivências de uma vasta região." (p. 170).

Mais que simples curiosidades etnográficas, os regionalismos representam um património linguístico valioso cuja exclusão significaria perder não apenas palavras, mas conceitos e toda a rede semântica construída a partir deles (Teixeira, 2016).

Para este projeto, o interesse são os regionalismos — as palavras isoladas — por estarem ligados a memórias pessoais, mas também pelo interesse visual que podem proporcionar. Enquanto as EIs já possuem em si narrativas mais fechadas, os regionalismos permitem mais liberdade na interpretação para a ilustração.

## *A Língua enquanto Património Imaterial*

Como esta investigação pretende mostrar e preservar os regionalismos, não podemos deixar de referir a convenção para a salvaguarda do património cultural imaterial (2003) pela Comissão Nacional da UNESCO, que nos elucida sobre a necessidade de salvaguardar tradições e expressões orais, assim como a língua (*Património Cultural Imaterial*, 2003).

Afinal o que faz parte do **Património Cultural Imaterial (PCI)** é simultaneamente tradicional e contemporâneo, abrangendo tanto tradições históricas como práticas rurais e urbanas de diversos grupos, permitindo a partilha de expressões culturais transmitidas intergeracionalmente, que evoluem conforme o ambiente e fortalecem a identidade coletiva, ligando passado, presente e futuro, representando as comunidades e os detentores de conhecimentos tradicionais que garantem a sua transmissão.

> "[...] o património cultural imaterial deve ser reconhecido como tal pelas comunidades, grupos ou indivíduos que o criam, mantêm e transmitem – sem o seu reconhecimento, ninguém poderá decidir que uma determinada expressão ou prática constitui o seu património." (*Património Cultural Imaterial*, 2003, para. 12)

Esta Convenção pretende a "[...] adoção de medidas destinadas a assegurar a viabilidade do património cultural imaterial, incluindo a identificação, documentação, pesquisa, preservação, proteção, promoção, valorização, transmissão, essencialmente através da educação formal e não formal, bem como a revitalização dos diferentes aspetos desse património." (*Património Cultural Imaterial*, 2003, para. 8).

Na dissertação de Daniel Levy de Alvarenga (2019), intitulada *A salvaguarda do patrimônio cultural imaterial: uma perspectiva comparada entre Portugal e Brasil*, o autor analisa, as características de salvaguarda à proteção do PCI entre Portugal e o Brasil, referindo que em Portugal os procedimentos e medidas para esta proteção são realizados através do Inventário Nacional do Património Cultural Imaterial.

Na legislação portuguesa sobre o PCI, é nos descrito que:

> "[...] a nova Lei considera que o património cultural é uma realidade da maior relevância para a compreensão, permanência e construção da identidade nacional e para a democratização da cultura. [...] todos os bens que, sendo testemunhos com valor de civilização ou de cultura portadores de interesse cultural relevante, devam ser objeto de especial protecção e valorização" (Alvarenga, 2019, p. 66).

A Lei do Património Cultural de Portugal adota a perspetiva internacional atual sobre a preservação do património imaterial, que valoriza a manutenção das tradições vivas através do apoio aos mestres que detêm e transmitem conhecimentos ancestrais. Esta abordagem reconhece a importância de preservar não apenas as técnicas em si, mas também o modo de vida destes mestres e o seu contexto ambiental. A legislação portuguesa protege as expressões orais da cultura tradicional, os métodos artesanais de construção e fabrico, e as formas tradicionais de preparação alimentar, garantindo assim a continuidade destas práticas culturalmente significativas (Alvarenga, 2019).

> "No processo de revisão do Decreto realizado em 2015, optou-se por incluir uma definição de patrimônio cultural imaterial no artigo 1º, nº 2: "[...] as manifestações culturais expressas em práticas, representações, conhecimentos e aptidões, de caráter tradicional, independentemente da sua origem popular ou erudita, que as comunidades, os grupos e os indivíduos reconheçam como fazendo parte integrante do seu patrimônio cultural, e que, sendo transmitidas de geração em geração, são constantemente recriadas pelas comunidades e grupos em função do seu meio, da sua interação com a natureza e da sua história, incutindo-lhes um sentimento de identidade coletiva." (Alvarenga, 2019, p. 69)

Em Portugal, a MatrizPCI constitui o principal recurso em língua portuguesa para o património imaterial, sustentando o Inventário Nacional do PCI. Neste sistema encontram-se diversas tradições, desde elementos materiais como o Barco Moliceiro e a Calçada Portuguesa, até manifestações linguísticas como o Cantar os Reis em Ovar, o Canto a vozes de mulheres e o Castrejo, um dialeto tradicional de Castro Laboreiro. Este último representa uma herança linguística

ancestral, sendo classificado por alguns especialistas como parte dos dialetos setentrionais portugueses, embora tal classificação não seja consensual entre os linguistas (*MatrizPCI Inventário Nacional do Património Cultural Imaterial*, 2022).

Assim como a MatrizPCI existe o MEMORIAMEDIA e-Museu do Património Cultural Imaterial, que é "um museu que expõe e partilha vídeos, documentários e estudos sobre manifestações culturais do património cultural imaterial – expressões orais, saberes, celebrações e práticas performativas" (MEMORIAMEDIA, 2006, para. 1).

Desta forma, podemos afirmar que o envolvimento por parte das comunidades é um fator determinante à salvaguarda do PCI, uma vez que as tradições lhes pertencem, e que a vertente da Língua é uma tradição a não perder. A Convenção de 2003 assim o declara. É necessária a contribuição da população para a salvaguarda deste legado para as gerações futuras.



Fig. 3
O Cantar os Reis em Ovar. Primeira Troupe – a dos "Reis dos Alves" ou "Troupe dos Velhos", (1893)



Fig. 4
Exemplo de calçada portuguesa




Fig. 5
Fotografia de moliceiros na Ria de Aveiro

# *A Importância de Recolher: Oralidade e Memória Popular*

## *Memória futura*

Michel Giacometti, etnólogo francês, fundou os *Arquivos Sonoros Portugueses* em dezembro de 1960, num período em que Portugal carecia de uma antologia sistematizada da sua música tradicional. Apesar da recusa de apoio por parte da Comissão de Etnomusicologia da Fundação Calouste Gulbenkian, Giacometti estabeleceu uma parceria com o compositor Fernando Lopes-Graça (1906-1994), empreendendo um meticuloso trabalho de recolha, estudo e divulgação do património musical tradicional português, contribuindo significativamente para a sua preservação e valorização (*Museu da Música Portuguesa - Arquivos Sonoros Portugueses*, 2012).



Fig. 6
Michel Giacometti (1929-1990)

Giacometti percorreu Portugal, gravando centenas de cantares e músicas tradicionais, que deram origem ao maior levantamento da cultura popular portuguesa. Este projeto teve como entrave o Secretariado Nacional de Informação, que proibia os investigadores, mesmo os estrangeiros, a fazer o estudo das canções nacionais, isto porque obrigava-os a visitar as zonas pobres do país para fazer as recolhas. Apesar desse entrave, essa recolha foi concluída e engloba diversas obras do autor, e também conta com centenas de objetos relevantes ao projeto, dando origem ao Museu do Trabalho Michel Giacometti, em Setúbal (*Museu do Trabalho Michel Giacometti*, 1987).



Fig. 7
Reprodução do antigo escritório no Museu do trabalho Michel Giacometti

> "Giacometti procurava a genuína canção popular, muito diferente daquela que era produzida pelas agências de propaganda do Estado Novo e que faziam parte da chamada "Política do Espírito". O SNI (Secretariado Nacional de Informação) coordenava e promovia as manifestações de cultura popular que eram completamente estereotipados pelos órgãos oficiais e não revelavam a verdadeira música tradicional; muito mais rica e expressiva do modus vivendi do povo português." (Magalhães, 2017, p. 1)

O *Cancioneiro Popular Português*, obra colaborativa entre Michel Giacometti e Fernando Lopes-Graça, reúne cantares populares que acompanhavam o trabalho quotidiano do povo português. Estas canções demonstram como o conhecimento popular era transmitido oralmente entre gerações, incorporando regionalismos característicos de diversas zonas do país. Originários principalmente de áreas rurais com população analfabeta, estes cantares foram posteriormente transcritos, permitindo a sua salvaguarda para a posteridade.

> "O que aqui se pretendeu, acaso com certa presunção, foi restituir ao povo português o que lhe pertence de uma herança legítima, nem sempre avaliada justamente como um dos mais preciosos bens do património comum." (Giacometti & Lopes-Graça, 1981, p. 5)

A conservação da língua popular portuguesa, e da literatura oral, é necessária e importante, visto que os regionalismos falados e difundidos pelos mais velhos, ainda conservados nos meios rurais, podem ser esquecidos em meios urbanos. Francisco Topa em *A tradição ainda é o que era* (2002), fala sobre a recolha de rimas infantis no distrito do Porto. Nessa recolha verifica a presença do cancioneiro popular, e afirma "Esta verificação não pode deixar de causar alguma perplexidade, sobretudo levando em conta a ideia insistentemente repetida — mas pouco demonstrada — de que a tradição está em processo acelerado de desaparecimento, sobretudo nos meios urbanos e entre os mais novos." (Topa, 2002, p. 546).

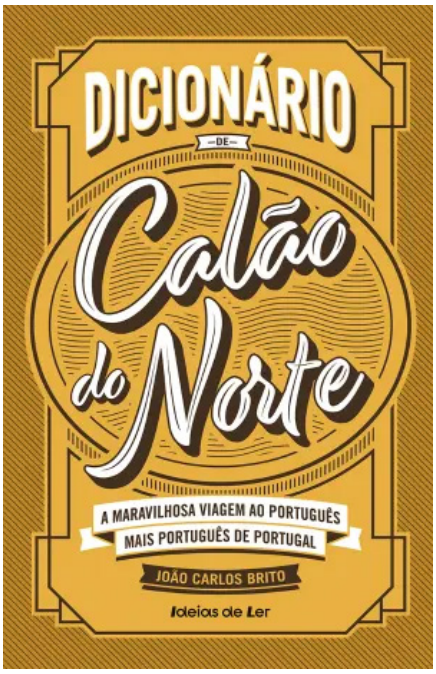



Fig. 8
Capa do livro *Dicionário de Calão do Norte*, João Carlos Brito

Atualmente o acesso aos regionalismos portugueses tornou-se mais fácil graças à existência de autores que criam livros e dicionários temáticos que compilam o vocabulário específico de diversas regiões do país. Esta documentação sistemática, que inclui tanto exemplos gerais como aqueles relevantes para a presente investigação, democratiza o conhecimento do património linguístico nacional, permitindo a sua preservação, valorização e estudo como componentes essenciais da identidade cultural portuguesa.

Na tese de doutoramento *Dicionários dinâmicos multi-fonte* (2003), o professor José João Almeida, considera que a noção de dicionário "é tudo o que estabelece uma correspondência entre termos e informação associada (estática ou dinamicamente)." (Almeida, 2003, p. 7), incluindo assim dicionários convencionais, entre outros termos.

Como autor relevante temos João Carlos Brito, professor, linguista e escritor, considerado uma figura incontornável da cultura portuense. Com um vasto número de obras publicadas sobre a temática do Porto e do Norte decidimos destacar algumas obras como, *Dicionário de Calão do Norte* (2021), este livro apresenta mais de dez mil significados de expressões do Porto, Minho e Trás-os-Montes e Alto Douro "Numa tentativa de não deixar cair o calão nortenho em desuso,

o objectivo do livro é tentar perceber como nascem as palavras e os seus segundos significados" (Ramos, 2021, para. 5); o *Dicionário de Calão do Porto* (2016), que contém mais de duas mil e quinhentas entradas e quatro mil significados para as palavras ou expressões, que de acordo com o autor pode ser uma boa fonte para trabalhos académicos dentro dos regionalismos, expressões populares, gírias e algumas formas de calão (Coentrão, 2016); e o *Lugares e Palavras do Porto* (2014), que retrata o Porto em "estórias, memórias, imagens e poemas", um "dicionário de português" que conta com mais de duas mil e quinhentas palavras e expressões do calão do Porto (Brito, 2014).




Fig. 9
Capa do livro *Dicionário de Calão do Porto* (2016), João Carlos Brito

Numa entrevista ao Observador, João Carlos Brito diz ""Chegámos a uma altura em que se não as registarmos ela perdem-se no tempo" e dá como exemplo os sinónimos bué e o tótil. "Tenho 47 anos. Pelos meus 20 anos, o tótil era usado pelos portuenses e o bué pelos lisboetas. Ai do portuense que utilizasse o bué, era logo um 'betinho de Cascais!'". Mas a realidade mudou." (Coelho & Costa, 2014, para. 5). Esta citação revela tanto a importância do estudo da língua como a sua constante transformação, explicando a urgência que o autor sente em documentar este vocabulário antes que se perca.

Tudo isto sugere que, contrariamente ao discurso predominante sobre o desaparecimento das tradições orais, existe uma continuidade cultural mais resiliente do que se reconhece. Assim, torna-se fundamental desenvolver metodologias de documentação e transmissão que permitam não apenas preservar este património linguístico, mas também compreender a sua dinâmica adaptativa aos contextos contemporâneos, assegurando que a riqueza expressiva da língua popular portuguesa possa continuar a ser partilhada entre gerações.

Neste contexto, diversos autores têm documentado as variações linguísticas em dicionários específicos, facilitando assim o acesso e divulgação deste importante património cultural a um público mais amplo, e com objetivos alinhados ao presente projeto de investigação.

## *Ilustração como Lugar de Fala*

Esta investigação pretende estabelecer uma ponte entre a cultura popular oral e o uso da ilustração como método de visualização a partir da imagem.

Como referido no contexto relativo à semiótica, aqui os regionalismos têm a função de significante. No livro *Introdução à Análise da Imagem*, Martine Joly (1994) propõe que a imagem é uma mensagem visual, por ter, em si, signos e funções a desempenhar que são cruciais para a compreensão do seu conteúdo. É também por isto que as narrativas silenciosas continuam a ter significado, apesar de não recorrerem às palavras - a imagem comunica sozinha.

> "Considerar a imagem como uma mensagem visual composta de diferentes tipos de signos equivale, como já dissemos, a considerá-la como uma linguagem e, portanto, como um instrumento de expressão e de comunicação. Quer ela seja expressiva ou comunicativa, podemos admitir que uma imagem constitui sempre uma mensagem para o outro, mesmo quando este outro é o próprio autor da mensagem. É por isso que uma das precauções necessárias a tomar para melhor compreender uma mensagem visual é procurar para quem ela foi produzida." (Joly, 2007, p. 61)

As imagens comunicam visualmente, sem necessidade da palavra. Diz-nos Marina Mota (2016) que "a configuração entre a linguagem verbal e a expressão visual é transposta para o artefacto imbuída de experiências, de memórias e do conhecimento individual de cada autor." (p. 21-22).

Conjugar o texto e a imagem subentende o uso apropriado de ambas as linguagens. É necessário, para uma compreensão visual completa, que estas relacionem entre si, algo que Marina Mota (2016) refere como uma "narrativa polissémica, construída pela dialéctica entre os discursos verbal e visual" (p. 26).

> "[...] como se existissem dois narradores, um responsável pelo texto e outro pelas imagens, ambos podem depender um do outro, na tentativa de produzirem um segundo nível de leitura." (Mota & Vitorino Santos, 2016, p. 26)

Júlio Dolbeth em *Convergências entre Ilustração Contemporânea em Portugal e Património Popular Português* (2014), diz-nos, sobre a ilustração, que o seu "carácter representacional da ilustração definia-a sempre por associação a um texto ou a uma ideia" (p. 42). Sabemos então que, mesmo não tendo texto associado, a partir da imagem é sempre possível chegar à sua ideia e significado. Esta característica fundamental da ilustração revela a sua natureza dupla: por um lado, traduz visualmente conceitos da língua; por outro, possui autonomia expressiva que permite ao observador interpretar e extrair mensagens mesmo na ausência do texto original. A ilustração funciona, assim, como uma ponte entre o mundo das palavras e o universo visual, transformando ideias abstratas em experiências visuais concretas.

A ilustração é então, por associação, uma forma de preservação da língua e dos significados, sendo ela um dos principais difusores. Na cultura popular podemos observar este fenómeno nos Pratos Falantes (2023) — Coordenação de Maria Manuela Restivo e Felipa Almeida, conceção gráfica de Filipa Pinto da Silva — que expõe artefactos que conjugam saberes e ditados populares com pequenas ilustrações, como podemos observar nas figuras 10 a 15, (feitas, na sua maioria, por artesãos e não ilustradores no seu sentido contemporâneo). Também está presente em esculturas populares, que, apesar de não serem acompanhadas de texto, não deixam de estar carregadas de sentido e de histórias que passam, através delas, de geração em geração (Almeida & Restivo, 2024).

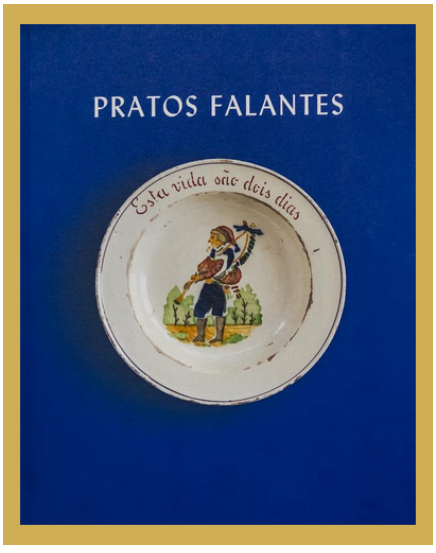



Fig. 10
*Pratos Falantes*, coordenação de Maria Manuela Restivo e Filipa Almeida (2023)




Fig. 11
Fotografia de prato falante, *Feira do Prato Falante Lisboa*, Filipa Pinto da Silva (2023)











Fig. 12, 13, 14 e 15
Imagens de pratos do século XX presentes no livro *Pratos Falantes*, coordenação de Maria Manuela Restivo e Filipa Almeida (2023)

Esta ligação entre o visual e o verbal é especialmente poderosa na cultura popular, onde regionalismos e ditados antigos encontram a sua tradução visual. Quando um artesão esculpe algo ou pinta um prato, está a transformar a linguagem em algo palpável, que pode ser visto e tocado por todos independentemente da sua formação, nível de educação ou estrato social (Dolbeth, 2014).

> "A arte popular reflecte simplesmente uma prática que deve menos aos ensinamentos académicos do que à acumulação de conhecimentos, muitas vezes fragmentários e ocasionais. O artista não procura produzir uma prova do seu saber mas sim colocar a sua competência ao serviço da comunidade à qual são destinados os objectos que cria." (Sarmento, 2007, p. 194)

As ilustrações tornam-se, assim, uma espécie de tradutores visuais da cultura popular, garantindo que mesmo quem não conhece a expressão original consegue captar seu sentido essencial. É nesta dança entre palavras e imagens que a identidade cultural se preserva e se renova, criando pontes não só entre gerações, mas também entre diferentes formas de conhecimento.

> "Todas as comunidades têm a capacidade de modelar os seus sistemas de valores em formas de expressão significativas, que incluem uma série de conhecimentos e práticas criativas tradicionais, apreendidos informalmente e transmitidos de geração em geração, através do saber oral, da observação e da imitação." (Sarmento, 2007, p. 486)

## *Banda Desenhada Portuguesa*

A Banda Desenhada (BD), é de forma simplificada uma forma de arte que conjuga páginas divididas por painéis, que descrevem uma ação ou narrativa com ilustrações, que podem ou não ter texto. Neste estilo é importante ser claro para que a imagem passada seja compreendida de forma eficaz, para que não restem dúvidas sobre a ideia ou ação e seja cumprido o seu objetivo (Afonso, 2015).

Neste tópico é abordada de maneira sucinta a Banda Desenhada no contexto português. "Terá sido no número 18 da Revista Popular, publicado em 1850, que surgiu a banda desenhada intitulada Aventuras Sentimentais e Dramáticas do Senhor Simplício Baptista, vista como sendo a primeira a ganhar vida em Portugal, ainda que se tratasse da tradução de um original francês." (Velada, 2021, p. 49).

Nessa altura a BD ainda não tinha nenhum limite do que seria, não estando bem definido o seu conceito. Em 1870, Bordalo Pinheiro publicou a sua primeira BD *Os Fossadores do Patriotismo*, na revista *A Berlinda* e, em 1872, o seu primeiro álbum de BD *Apontamentos de Raphael Bordallo Pinheiro Sobre a Picaresca Viagem do Imperador de Rasilb pela Europa*, sendo considerado uma personagem importante no panorama nacional da Banda Desenhada (Velada, 2021).


REVISTA POPULAR.

AVENTURAS SENTIMENTAES E DRAMATICAS

DO SENHOR

SIMPLICIO BAPTISTA.

Era por uma bella manhã do estio. Ao suave trinar das avesinhas o sr. Simplicio acordou, sentiu-se bem disposto,

E disse lá comsigo: — «Sou celibatario...

e começou a reflectir...

não tenho mais de quarenta e cinco annos...

Flora, "Aventuras Sentimentaes e Dramáticas do Senhor Simplicio Baptista", *Revista Popular* nº 18, de 3 de Agosto de 1850

Fig. 16
*Aventuras Sentimentaes e Dramáticas do Senhor Simplicio Baptista*, Revista Popular nº 18, de 3 de Agosto de 1850, de Flora (pseudónimo atribuído a António Nogueira da Silva)

> "A nível gráfico português, Rafael Bordalo Pinheiro foi o artista que mais se evidenciou durante o século XIX e início do século XX tendo sido um dos principais responsáveis pela expansão da banda desenhada portuguesa. Criou histórias com sequência lógicas, cujos textos e imagens se apresentavam de forma harmoniosa, dando uma valiosa contribuição para o desenvolvimento desta expressão artística." (Venâncio, 2016, p. 12)

A evolução da BD em Portugal foi um processo lento comparativamente a outros países da Europa, visto que era uma arte desvalorizada, e considerada para leitores pouco exigentes, pois o seu intuito era entreter as camadas mais jovens. As crianças tornaram-se os grandes consumidores da BD, surgindo assim jornais que difundiam esta arte por volta de 1930 (Venâncio, 2016).

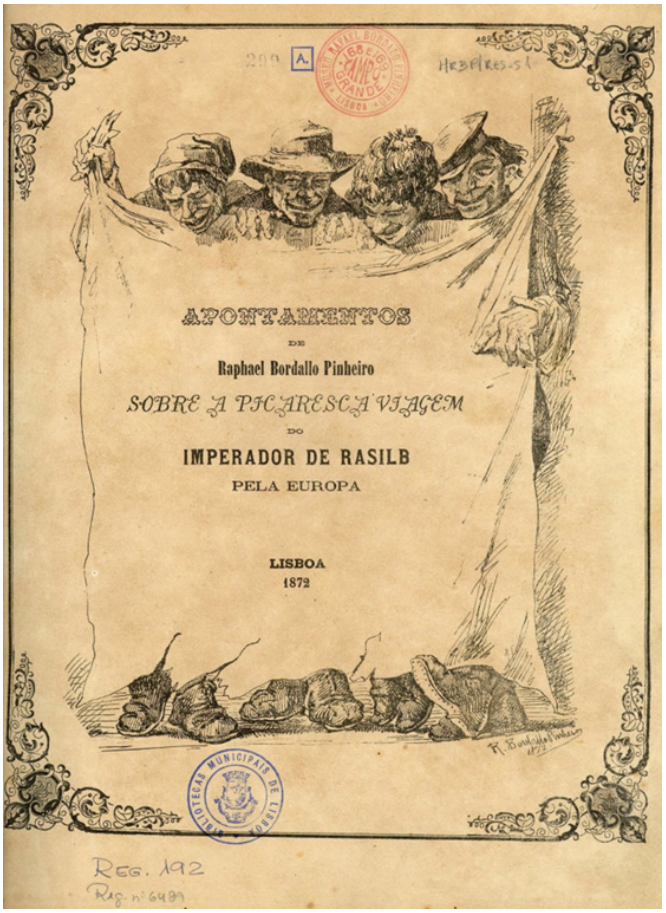






Fig. 17 e 18
Imagens da capa e a página 3 do livro *Apontamentos de Raphael Bordallo Pinheiro sobre a Picaresca Viagem do Imperador de Rasilb pela Europa*, Rafael Bordalo Pinheiro, Lisboa 1872

A BD teve um maior crescimento em Portugal entre 1910 e 1940, com destaque a Stuart de Carvalhais, considerado o verdadeiro criador do género no país, publicando *Quim e Manecas* na revista *O Século Cómico*, em 1915. O *ABC-zinho* (1921-1932), foi a primeira revista destinada ao público infanto-juvenil, o que deu popularidade ao género, sendo depois criadas mais revistas com o mesmo propósito (Venâncio, 2016).




Fig. 19
*O Manecas e o Polícia*, na revista *O Seculo Comico: suplemento humoristico de O Seculo*, nº 987, 2 de outubro de 1916

Durante o Estado Novo (1933-1974), Salazar utilizava a imprensa para divulgar os seus valores políticos, morais e sociais, o que resultou na censura de tudo o que fosse contra a ideologia do seu regime. A BD, tal como outras expressões artísticas escritas ou ilustradas, foram submetidas a revisão, tendo sido censuradas e obrigadas a fazer alterações: desde as roupas das personagens a eliminar objetos como armas, mesmo sendo necessários à ação. Apesar da censura, na década de 1930 a 1950, foram importadas revistas inglesas, espanholas e francesas, introduzindo em Portugal as BD sobre super-heróis americanos; em 1953, algumas das personagens foram censuradas e proibida a sua publicação, como o *Tarzan*, o *Super Homem* e o *Capitão Marvel* (Venâncio, 2016).

> "Sendo a BD um género literário de massas, e que permite abranger um vasto público, nomeadamente crianças, jovens e/ou adultos, a sua designação é bastante diversificada ao longo do globo. No nosso país a forma mais frequente de referenciar esta tipologia é Banda Desenhada (BD), tendo influências da tradução do termo francês "bande dessinée", que surgiu devido ao elevado número de publicações que surgiram por volta das décadas dos anos 60 e 70, de bandas desenhadas Franco-Belga." (Cardoso, 2016, p. 34-35)

Em 1974, com o fim da ditadura, a BD ressurgiu, assim como todos os outros setores, com o fim à censura, foi possível voltar a criar. Foi então que no ano seguinte nasceu a revista *Visão* (1975-1976), revista pioneira onde era apresentada uma coletânea de artistas da BD portuguesa. Esta revista valorizava a BD, tirando o seu rótulo de ser apenas para entretenimento de crianças e adolescentes, era um lugar onde a BD era valorizada (Velada, 2021).

A BD é agora valorizada mundialmente, aparecendo em vários suportes como jornais (físicos e online), revistas e livros. A BD tem diversas funções, desde puro entretenimento até ao ensino. O seu papel no ensino é suportado por diversas investigações, tal como a de Tiago Cardoso (2016), que nos diz que "A partir da análise indutiva dos dados recolhidos, pode-se afirmar que este estudo demonstrou a relevância da utilização de BD em sala de aula para aprendizagem de História, contribuindo para o desenvolvimento da compreensão histórica nos alunos, e de outras competências específicas, como a leitura e interpretação de fontes diversas e com mensagens divergentes, bem como competências transversais, ao nível da comunicação." (Cardoso, 2016, p. v).




Fig. 20
Capa da primeira revista de BD publicada em Portugal, o *ABC-zinho* dirigido por Cottinelli Telmo, cujo primeiro número foi posto à venda a 15 de outubro de 1921

A banda desenhada permite uma maior compreensão de determinados tópicos, ao conjugar a ilustração com o texto, possibilitando que a informação se torne mais acessível. Isto torna-se relevante quando se considera a sua aplicação no contexto educativo e na transmissão de conhecimento transgeracional. A combinação de elementos visuais e textuais facilita a assimilação de conteúdos complexos, adaptando-se às necessidades específicas de diferentes públicos (Cardoso, 2016).

Nesta perspetiva, a banda desenhada silenciosa surge como uma abordagem particularmente eficaz. Ao prescindir do texto escrito, este formato concentra-se exclusivamente na narrativa visual, eliminando potenciais barreiras linguísticas e de literacia (Lamothe, 2019).

> "Ironically, the dominant narrative medium—writing—has a predisposed privileging of literacy over orality. In other words, there is no silence in a written work; it is impossible. Of course, ever since approximately the Middle Ages, human cultures have relied primarily on "silent" reading, meaning that readers generally consume writing interiorly without the expectation that it will be spoken out loud. However, even that form of reading without speaking is not a silent experience." (Lamothe, 2019, p. 76)

Esta característica torna-se especialmente relevante no contexto da preservação dos regionalismos portugueses, uma vez que a ausência de texto permite que o leitor se concentre na representação visual dos contextos culturais e sociais em que estas expressões se inserem.

> "In a silent narrative, a comic, although generally a comingling of words and images, can rely exclusively on visuals in order to tell certain aspects of the story or, in rare cases, nearly the entire story. [...] However, a comic's ability to convey deep silence that transcends the page and involves the reader allows an immersive reading experience in a way that is difficult for others narrative structures to achieve." (Lamothe, 2019, p. 70-71)

A narrativa puramente visual da banda desenhada silenciosa possibilita uma experiência de leitura mais intuitiva e universal, onde o significado é construído através da interpretação das imagens e da sequência narrativa (Lamothe, 2019). Esta abordagem revela-se particularmente interessante no contexto desta investigação projeto, permitindo que os regionalismos sejam transmitidos através de contextos visuais que ilustram o seu uso e significado de forma imediata e compreensível. Além disso, permite que exista espaço para descobrir a narrativa, para que se possa utilizar o silêncio como uma parte inerente ao significado.

> "Without even one mark on the page, a reader can find meaning from a presumably blank medium." (Lewis, 2010, p. 75)

## *Características Formais da BD*

A banda desenhada, de forma simplificada, é a junção de imagens estáticas colocadas em sequência, acompanhadas ou não de texto, destinadas a narrar uma história.

Neste tópico são descritos alguns conceitos da sua construção, no que toca à narrativa silenciosa, não sendo definidos conceitos sobre a apresentação de texto.

De modo geral, cada uma das imagens chama-se vinheta ou quadradinho, essas vinhetas são organizadas em tiras ou bandas que formam a prancha, que corresponde a cada uma das páginas de um livro de BD.

A **prancha** ou **página**, é um plano gráfico, sendo a maior unidade da banda desenhada, nela o número de tiras, sequência de vinhetas apresentadas de forma horizontal varia, criando ênfase ou redimensionando-as de acordo com a necessidade gráfica. Por vezes as narrativas podem ser contadas apenas com uma prancha (Gomes, 2010).

A **tira** ou **banda**, é uma unidade de banda desenhada inferior à prancha. Esta consiste no conjunto de, normalmente, três a quatro vinhetas organizadas em faixas horizontais. Tal como a prancha, a tira sozinha também pode contar uma história (Gomes, 2010).

A **vinheta** ou **quadradinho**, é a menor unidade da banda desenhada, sendo correspondente a cada momento que se escolheu fixar e destacar, que possui a sua própria ordem de leitura, que pode variar entre vinhetas (Gomes, 2010).

## *Características Formais da BD - Planos*

> "O enquadramento consusbstancia-se na delimitação do espaço real onde se desenrola a acção da vinheta. Na banda desenhada, esta técnica consegue-se sobretudo com recurso à planificação e à angulação." (Gomes, 2010, p. 28)

Tal como no cinema, e com grande influência da pintura, os vários planos correspondem às diversas imagens que podem ser produzidas através das vinhetas, os planos utilizados são importantes à narrativa visual apresentada na banda desenhada, deste modo existem planos aproximados ou de distância, assim como ângulos de visão distintos (Gomes, 2010).

Primeiramente serão analisados os planos descritivos, que normalmente não dão detalhe ao pormenor, mas sim ao cenário. "O seu objectivo é dar a visão mais ampla possível, daí que normalmente as personagens apareçam de corpo inteiro e não seja visível a sua expressão facial." (Gomes, 2010, p. 29).

Dentro dos planos descritivos temos o **plano geral**, que apresenta uma visão panorâmica do cenário, assim como da ação, e o **plano de conjunto**, que localiza as personagens, apresentadas de corpo inteiro, tendo o mesmo destaque que o cenário, dando assim contexto à ação, onde há um equilíbrio na representação desses elementos (Gomes, 2010).

Já os planos considerados narrativos ou dramáticos são focados na representação de um elemento principal, requerendo menos tempo de leitura comparados aos planos descritivos. Aqui serão descritos por ordem de aproximação, da maior escala, para a menor.

O **plano inteiro** mostra as personagens com o tamanho da vinheta. "Este plano coloca a tónica na expressão corporal, permitindo, em certos casos, fazer passar sensualidade ou provocar humor. Muitas vezes imprime movimento e, noutros casos, realça a forma como se veste a personagem." (Gomes, 2010, p. 30).

No **plano americano** as personagens aparecem apenas do joelho para cima, o que faz com que haja maiores detalhes da ação. Normalmente utilizado para cenas de conversas entre personagens, dando destaque à expressão facial e corporal (Gomes, 2010).

O **plano médio**, ou **de aproximação** as personagens são representadas até à cintura, e o cenário desvanece. Este plano também dá destaque à expressão facial e corporal da personagem (Gomes, 2010).

O **grande plano** representa apenas a face da personagem, sendo dos planos mais emotivos, por reforçar detalhes finos das expressões faciais, e os seus sentimentos (Gomes, 2010).

O **plano de detalhe** é um plano que aparece com menor frequência nas bandas desenhadas. Este é usado em situações de alerta, sendo para dar importância àquele elemento na narrativa (Gomes, 2010).

> "Numa só banda desenhada, é comum haver vários tipos de planos consoante as intenções do artista. Esta variação confere ritmo, expressividade e potencia a motivação de quem a lê." (Gomes, 2010, p. 31)

## *Características Formais da BD - Ângulos*

Tal como os planos, na narração, os ângulos de visão são importantes. Desta forma o artista guia o olhar do leitor segundo as suas intenções. Aqui são descritos os mais frequentemente utilizados (Gomes, 2010).

O **ângulo picado** ou superior é a representação da cena vista de cima para baixo, simulando sensações de opressão, encurralamento e esmagamento. Já o **plano contrapicado** é o inverso do picado, mostrando a cena de baixo para cima, neste ângulo permitisse enfatizar algo pelo seu engrandecimento (Gomes, 2010).

O **ângulo médio** ou **ângulo frontal** mostra a cena ao nível do olhar do leitor (Gomes, 2010).

Após analisarmos estes aspetos técnicos que caracterizam a banda desenhada, no que toca à sua composição, aos planos e ângulos verificamos que o artista utiliza estas características para dar destaques ao longo do seu trabalho. A variação destas características permite que exista ritmo, expressividade e dinamismo para o leitor.

# *Estado da Arte*

## *Casos de Estudo*

Neste tópico é feito um breve levantamento de projetos que tenham por base a criação de ilustrações sobre regionalismos, provérbios, expressões idiomáticas, tanto no contexto popular português, como no estrangeiro. Temos então projetos editoriais feitos em contexto académico, como relatórios de projeto de mestrado, ou respostas a unidades curriculares, assim como projetos profissionais. Já no digital são apresentados projetos em páginas como *Instagram* ou *Facebook*, que ilustram regionalismos e expressões idiomáticas, com a função de recolha e divulgação dos significados.

## Editoriais

### *P'ra cá do Marão, mandam os que cá estão*

*P'ra cá do Marão, mandam os que cá estão* (2014), de Dora Queirós, é um livro que divulga e valoriza as expressões e regionalismos transmontanos, reunindo fotografias e expressões representativas da comunidade.

Dora Queirós, designer e ilustradora baseada em Braga, desenvolveu este projeto que permite a divulgação e valorização de expressões e regionalismos transmontanos. Este livro tem como apoio visual a fotografia de pessoas, animais, lugares e objetos, mostrando como é a vida na aldeia, criando comparações entre as fotografias e os regionalismos e expressões transmontanas.

No que toca ao design do livro, ele é um livro horizontal, que em página dupla apresenta o texto à esquerda e a fotografia à direita, como podemos observer na figura 21, sendo que há páginas duplas em que as fotografias se estendem, sem texto. As páginas da direita nunca apresentam texto, sempre imagem.

Este caso de estudo é relevante ao tema do presente relatório, por valorizar e divulgar de forma imagética, neste caso usando a fotografia, para a preservação destes "dizeres" de Trás-os-Montes.

> "A diversidade linguística é um dos patrimónios mais ricos de Trás-os-Montes" (Queirós, 2014, para.1)




Fig. 21
Exemplo de dupla página, com texto na página esquerda, e fotografia na página direita, Dora Queirós (2014)

# Editoriais







Fig. 22 e 23
Duas páginas duplas do livro de Dora Queirós (2014), que mostram o uso articulado do texto e da fotografia

## O dicionário da minha avó

Em *O dicionário da minha avó* (2016), Susana Martins ilustra um livro sobre a "Dona Natália", a sua avó, e as particularidades do seu vocabulário distinto.

Susana Martins desenvolveu este livro em contexto académico, na unidade curricular de *Contexto e Práticas da Ilustração*, orientada por Júlio Dolbeth, durante o seu mestrado em Design Gráfico e Projetos Editoriais na FBAUP. É um álbum ilustrado, feito a partir das palavras que a sua avó criou, e utilizou durante a sua vida.

O design do livro é apresentado da seguinte forma; nas páginas da esquerda é ilustrada a palavra que a avó fala, e como ela é escrita; na página da direita é apresentado o contexto, e uma demonstração da palavra, assim como a avó, como se observa nas figuras 25 a 27.

A técnica de ilustração utilizada é a de caneta fina preta linear, para as palavras e partes dos cenários, objetos e personificação da avó. Já para dar cor às ilustrações é utilizada a técnica de carimbo, com alguma tinta à base de água. As cores utilizadas variam entre vermelhos, laranjas e azuis.

Este projeto revela-se pertinente para esta investigação, ao propor uma dinâmica de dicionário que evidencia a palavra, o seu uso e significado. As guardas deste objeto gráfico, que podem ser observadas na figura 24, constituem também uma referência relevante, tendo servido de inspiração para as guardas concebidas no âmbito deste projeto.



Fig. 24
Fotografia das guardas, que contêm as ilustrações desenvolvidas para o livro *O dicionário da minha avó* (2016) de Susana Martins










Fig. 25, 26 e 27
Fotografias de três duplas páginas que nos mostram as ilustrações desenvolvidas para as palavras "Figorífico", "Helicopo" e "Panossa", do livro *O dicionário da minha avó* (2016) de Susana Martins

## Tiro e Queda

*Tiro e Queda, Fanzine de Vocábulos do Saber Popular e Tradicional Português* (2017), da autoria de Daniela Vieira para obtenção do grau de Mestre em Design da Imagem, sob orientação de Júlio Dolbeth e coorientação de Emílio Remelhe, é um projeto que ilustra vocábulos que possam cair em desuso de Amarante, Lixa e Felgueiras.

Este projeto compila dez fanzines, em que cada um tem dez vocábulos. Cada fanzine tem como função mostrar vocábulos que compreendam todas as palavras do alfabeto, sendo o primeiro relativo às letras "a" e "b", repetindo o processo até terminar o alfabeto. Os fanzines são agrupados numa caixa também desenvolvida para o projeto.

O design individual de cada fanzine é composto pelo vocábulo na página da esquerda e pela ilustração na página da direita. As ilustrações são vetores a preto, criadas a partir de fotografias tiradas pela autora à sua família, quando lhes pediu que representassem o significado de cada vocábulo, essas ilustrações são "incompletas" (exemplo fig. 29), pois de acordo com a autora, o desenho inacabado cria a representação da perda do conhecimento destes vocábulos e daquilo que eles representam. Os vocábulos escritos em maiúsculas na fonte *Myriad Pro* são também apresentados incompletos. As dimensões dos fanzines são de 13,8 × 16,8 cm, tamanho aproximado do formato A5.

A análise deste projeto revelou-se contributiva, por apresentar afinidades com o seu próprio percurso, nomeadamente no uso da ilustração como meio de preservação e divulgação de regionalismos.




Fig. 28
Fotografia da caixa desenvolvida para armazenar as dez fanzines, e exemplo de uma delas no exterior da caixa, projeto *Tiro e Queda* (2017) de Daniela Vieira



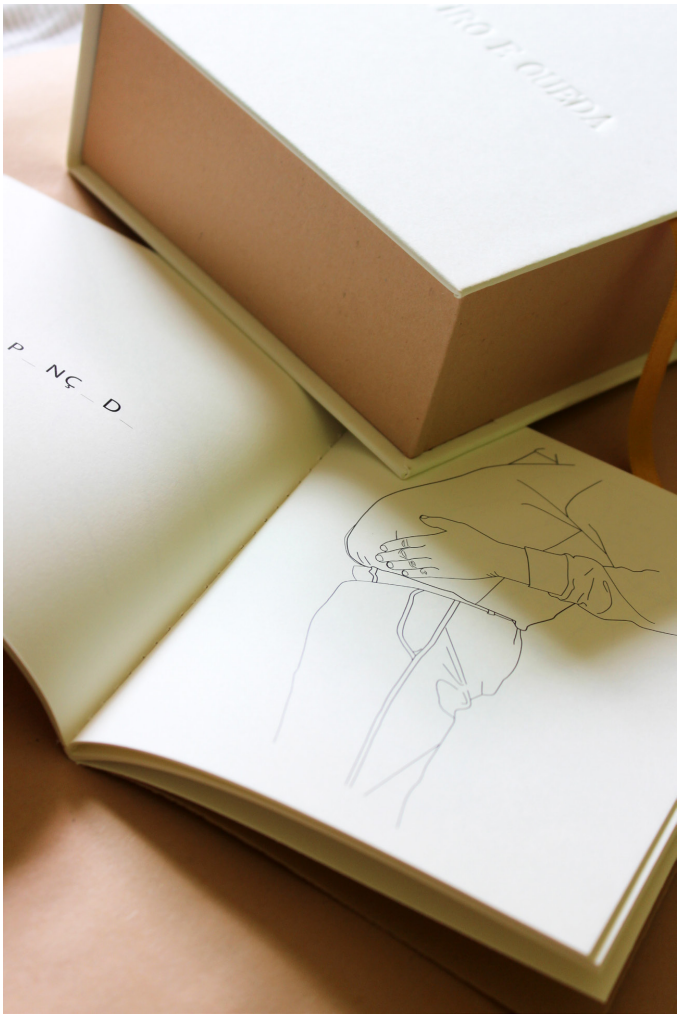


Fig. 29 e 30
Ilustração do vocábulo "Beiços", e ilustração do vocábulo "Pançudo" em suporte impresso, do projeto *Tiro e Queda* (2017) de Daniela Vieira

## Editoriais

### *Trinta por uma linha*

*Trinta por uma linha – Expressões idiomáticas ilustradas – um projeto* (2021), de Marina Moreira para a obtenção do grau de Mestre em Design de Imagem, sob a orientação do Professor Emílio Remelhe, onde resgata expressões idiomáticas do Norte, especificamente de Marco de Canaveses, e ilustra trinta e uma delas num objeto editorial.

Este livro foi desenvolvido com o intuito de valorizar o património popular Português e divulgá-lo, articulando a imagem e o texto, ilustrando assim expressões idiomáticas na zona de onde a autora é natural. O design do livro é similar aos projetos anteriores, pois apresenta a expressão na página esquerda, e a ilustração na página direita. As dimensões do livro são um A5, sendo impresso em papel recolhido durante a investigação ao Museu do Papel de Terras de Santa Maria, por fazer parte do conceito do livro.

As ilustrações são vetores a preto, como se pode observar nas figuras 31 e 32, criadas a partir de fotografias da autora a ovelhas, animais que escolheu por fazerem parte do contexto e narrativa que criou. A tipografia utilizada na escrita das expressões idiomáticas foi recolhida durante o processo, incluindo a comunidade que a rodeia, refletindo o cunho pessoal de cada caligrafia, mostrando a riqueza e diversidade do património oral.

Este projeto torna-se relevante ao presente projeto pela tradução da tradição oral, as expressões idiomáticas, para o contexto da ilustração. No que toca ao design das páginas duplas, segue o mesmo esquema já descrito — texto à esquerda e ilustração à direita — que também será utilizado no presente projeto.



Fig. 31
Ilustração realizada para a expressão idiomática "Pesar figos", Marina Moreira (2021)

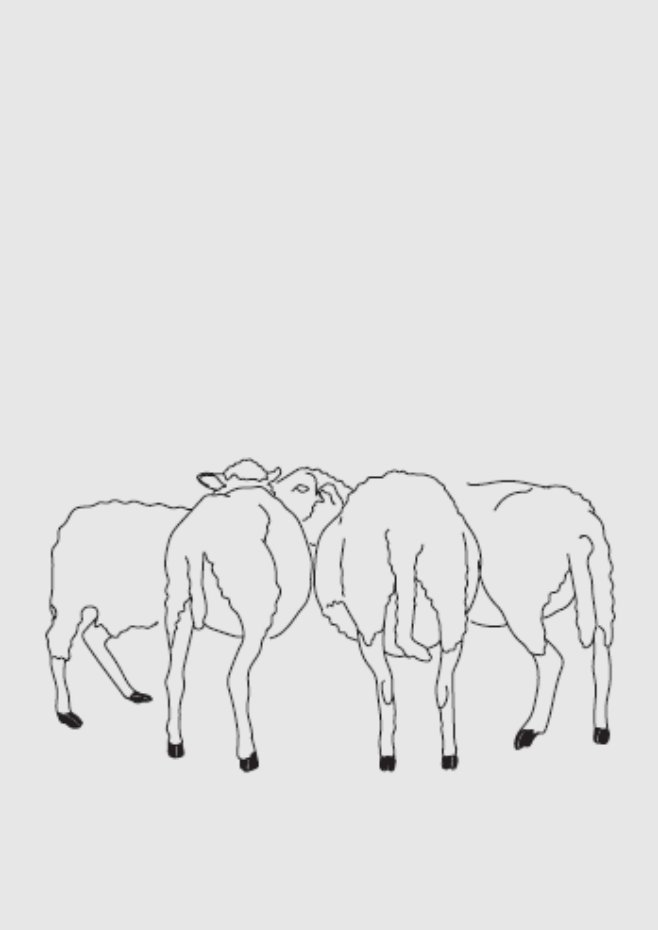


Fig. 32
Ilustração realizada para a expressão idiomática "Onde há fumo há fogo", Marina Moreira (2021)

## *Dicionário livre e delirante feito a partir de uma colheita de palavras nas terras do Alto Minho*

*Dicionário livre e delirante feito a partir de uma colheita de palavras nas terras do Alto Minho* (2023). Este dicionário ilustrado com o texto de Raúl Pereira, conta com Ilustrações de Ana Biscaia, Catarina Gomes, Emílio Remelhe, Eva Evita, Helder Dias, Luís Mendonça, Mariana Rio, Marta Madureira, Rui Vitorino Santos e Sebastião Peixoto para contar estas histórias destas terras de forma ilustrada. Este projeto teve direção de arte de Tiago Manuel e coordenação editorial de Rui Bandeira Ramos.

Este dicionário ilustrado foi desenvolvido dentro do projeto *+REDE* cujo objetivo era a dinamização e acompanhamento transversal do Plano Intermunicipal Integrado de Combate ao Insucesso Escolar no Alto Minho, promovido pela CIM Alto Minho no período 2018-2023, que inscreveu na programação do ano letivo 2022/2023 o desenvolvimento do livro *Dicionário Ilustrado do Alto Minho*.

Raúl Pereira e os ilustradores já citados entraram em contacto com alunos do 1º Ciclo do Ensino Básico, co-criando e reinventando as lendas, relativas aos dez municípios que fazem parte do território do Alto Minho. Sendo assim cada ilustrador ficou com um dos municípios, criando ilustrações alusivas a cada lenda/conto.

O design do livro mostra o texto e as ilustrações de forma intercalada, dividindo cada capítulo por município. Aqui é apenas mostrado o trabalho de Ana Biscaia, sobre uma lenda do município de Viana do Castelo. As ilustrações são feitas em papel, a grafite nos contornos das ilustrações, ou para delimitar alguma ideia na ilustração e as manchas de cor feitas a pastel seco, materiais muito utilizados nos seus desenhos.

A relevância deste dicionário para o presente projeto é a criação de iniciativas pedagógicas como ferramentas que liguem os jovens à comunidade.





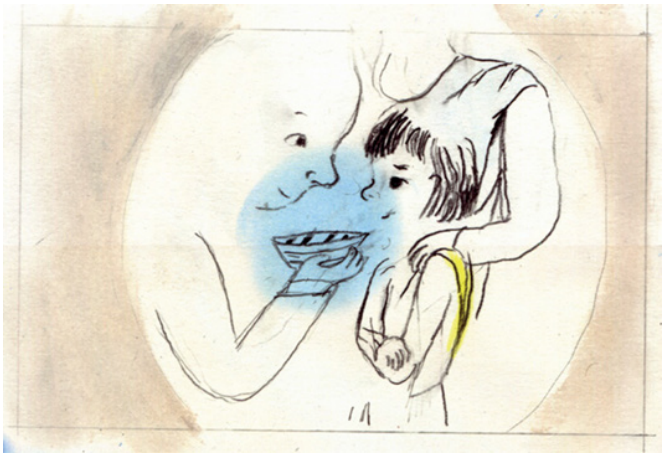






Fig. 33, 34, 35, 36 e 37
Ilustrações desenvolvidas por Ana Biscaia para o livro *Dicionário livre e delirante feito a partir de uma colheita de palavras nas terras do Alto Minho* (2023), para a história de Viana do Castelo

## Madeirense Puro

*Madeirense Puro* (2013), projeto do *Gonna Creative Studio*, de autoria de Bruna Pires e Gonçalo Correia, tem como objetivo a divulgação de regionalismos e expressões idiomáticas da Madeira. A marca *Madeirense Puro* começou com uma publicação no *Facebook* em 2013, e atualmente cria produtos com regionalismos na sua loja online.

Esta marca publica nas redes sociais regionalismos e expressões idiomáticas da Madeira, mas a sua recolha vai mais além, com a criação de dois livros que compilam esses "dizeres" madeirenses, de nomes *Manual SOS Madeirense Puro* (2024) e *Manual SOS Madeirense Puro 2* (2025). Nestes livros são explorados os regionalismos, expressões, tradições e histórias da Madeira, mostrando as palavras e o significado em conjunto com ilustrações.

Este projeto é dedicado à preservação do património cultural para as futuras gerações, algo importante para a presente investigação.







Fig. 38 e 39
Publicações no *Instagram* de *Madeirense Puro*, onde mostram os regionalismos "passadas" e "atarrachador"

## *Bibó Porto*

*Bibó Porto! – A expressão do Norte (2016)*, uma página de Instagram que partilha expressões portuguesas nortenhas, assim como o seu significado, com a função de resgate das mesmas.

O design das publicações é de fundo preto, com o regionalismo ou expressões idiomáticas no centro a branco, que por vezes conta com pictogramas coloridos alusivos ao tema do regionalismo ou expressão idiomática em questão.

A relação deste projeto com a presente investigação é o resgate destas expressões e palavras, e a sua divulgação.







Fig. 40 e 41
Publicações no *Instagram* de *Bibó Porto - A expressão do Norte* (2016), referentes aos regionalismos "Safa" e "Fanar"

## German Proverbs Illustrated

*German Proverbs Illustrated* (2017), de Antje Herzog, este projeto foi desenvolvido para a *DW Made for Minds*, que conta com vinte e oito ilustrações de provérbios alemães.

Estas ilustrações foram desenvolvidas para uma campanha *online* da *Deutsche Welle*, sob a direção de arte de Kate Müser e Susanne Spör. Antje Herzog utiliza tintas para fazer as suas ilustrações, juntando contornos pretos, com algumas manchas de cor.

Este projeto torna-se pertinente para o presente projeto por ilustrar provérbios, outra forma de tradição oral.



Fig. 42
Ilustração para o provérbio alemão *"Jeder sollte vor seiner eigenen Tür kehren"* que significa "Cada um deve varrer a frente da sua própria porta", de Antje Herzog (2017)



Fig. 43
Ilustração para o provérbio alemão *"Wer ernten will, muss säen"* que significa "Cada um colhe o que planta", de Antje Herzog (2017)

# *Digitais*

## *Portuguesices*

*Portuguesices* (2018), um projeto de Clara Pache e David de Siqueira, onde o casal ilustra expressões idiomáticas e regionalismos. Esta coleção conta com expressões de várias regiões de Portugal, que contém mais de trezentas e cinquenta ilustrações. No seu site é possível ver os resultados, assim como os produtos desenvolvidos a partir das ilustrações.

O design das publicações é maioritariamente quadrado. No início do projeto eram apenas mostrados os regionalismos ou expressões idiomáticas, com uma espécie de borda à volta, a partir de maio de 2020, foram introduzidas as ilustrações nas publicações, que até então eram apenas em texto. As ilustrações contam com algumas personagens que ilustram a expressão apresentada, esta que está inclusa na ilustração, por vezes faziam animações. O estilo do desenho é digital, e usa tons de azul para desenhar a cena, e amarelo para a completar.

Este projeto é relevante pela divulgação que traz aos regionalismos e expressões idiomáticas, e pela paleta cromática usada, muito semelhante aos azulejos portugueses.










Fig. 44, 45 e 46
Ilustrações de David de Siqueira que se encontram no website *Portuguesices* sobre expressões portuguesas

## *Banda Desenhada Silenciosa em Portugal*

Neste tópico será apresentada, em análise crítica, uma seleção de BD silenciosas portuguesas contemporâneas. A primeira a ser analisada é a obra *A Little Girl* (2021), de André Caetano, e a segunda é a BD *Miau!* (2022), de Joana Estrela. Ressalta-se aqui que Joana Estrela lançou a BD *Ão ão!* em 2025, que utiliza as mesmas características técnicas que serão descritas sobre o seu lançamento anterior (2022), mudando assim toda a narrativa e a cor do projeto, mas seguindo o mesmo layout como base.

## A Little Girl

*A Little Girl* (2021), de André Caetano, é uma BD silenciosa que ilustra a história de uma menina que entra numa floresta cheia de mistérios. Nela o autor consegue contar toda a narrativa, sem precisar do texto como recurso.

Esta banda desenhada apresenta as dimensões de 170 × 240 mm, tendo sido impressa em papel Munken Lynx de 130 gr/m². A publicação tem trinta e duas páginas e inclui, como elementos complementares, um postal e um mapa relacionados com a narrativa.

O design do livro de forma geral conta com vinhetas de diferentes formas e tamanhos, mostrando um layout plástico, a representação varia de página dupla, para leituras de páginas singulares, tendo assim alterações das pranchas nesse sentido. São também apresentados diferentes planos, como o plano geral, e também de conjunto, neste caso para mostrar os cenários e a personagem, dessa forma as vinhetas tendem a possuir um formato maior, comparativamente aos planos médios ou de grande aproximação que nos mostram a expressão da personagem principal, sendo vinhetas mais pequenas. Como o layout se mostra plástico no decorrer da narrativa, existe a variação de tiras nas pranchas, sendo por vezes utilizadas duas tiras de duas vinhetas em pranchas duplas, mas também se observam pranchas de páginas singulares com duas tiras como três a quatro vinhetas, tudo com variação de planos e ângulos.

Esta BD é desenvolvida com recurso a mancha e linha preta, sendo usada também a trama para indicar movimento, ou criar profundidade, as ilustrações são feitas a partir de diversas canetas e pincéis em papel, existindo também pequenos detalhes colocados em partes impactantes da história a vermelho.

A obra revela-se importante à investigação ao demonstrar a capacidade de construção narrativa exclusivamente através de elementos visuais. O estudo evidencia a flexibilidade compositiva no layout e a diversidade de planos e ângulos utilizados na narrativa. Esta abordagem ilustra a autonomia expressiva da linguagem visual enquanto sistema comunicativo independente do uso de texto.





Fig. 47 e 48
Imagens do interior do livro *A Little Girl* (2021), onde é mostrado o uso da banda desenhada silenciosa em duas páginas duplas

## *Miau!*

*Miau!* (2022), esta banda desenhada de Joana Estrela mostra os resultados do projeto *CLAN – Amizades entre Crianças e Animais: desafiando as fronteiras entre o humano e o não–humano*, coordenado por Verónica Policarpo e Ana Antunes Almeida. Este livro narra a história de dois gatos e uma menina na sua vida quotidiana, mostrando os laços entre os animais e as pessoas.

Esta BD apresenta as dimensões de 155 × 180 mm e é constituída por sessenta páginas. A obra foi ilustrada digitalmente, utilizando as cores branco e azul no miolo, enquanto na capa são utilizadas as cores preto, branco e azul.

No que toca à elaboração da BD, é utilizada como base uma prancha de seis vinhetas na maioria das páginas, sendo a organização das vinhetas de duas por três tiras. Com essa base depois são alteradas apenas as vinhetas nas bandas, assumindo por vezes a supressão de uma vinheta, ficando uma vinheta por banda. Existe também a prancha em página dupla, que por norma apresenta um plano de conjunto, onde é mostrado o cenário e diversas personagens. Já pranchas em páginas individuais, temos a utilização de uma ilustração que ocupa a página completa. Este layout mostra-se mais contido do que o explicado no caso de estudo anterior, mas também tem a sua plasticidade.

As ilustrações são feitas no digital, em que é usada linha, mancha e trama. A trama aplicada não varia de tamanho, mas sim de intensidade, obtendo variações da cor no desenho, mas também criando profundidade, sombras, ou padrões nas ilustrações.

Este caso de estudo revela-se relevante para esta investigação por conseguir transmitir uma narrativa estruturada exclusivamente através da banda desenhada, prescindindo do recurso ao texto. As dimensões desta publicação serviram de influência para o artefacto final.

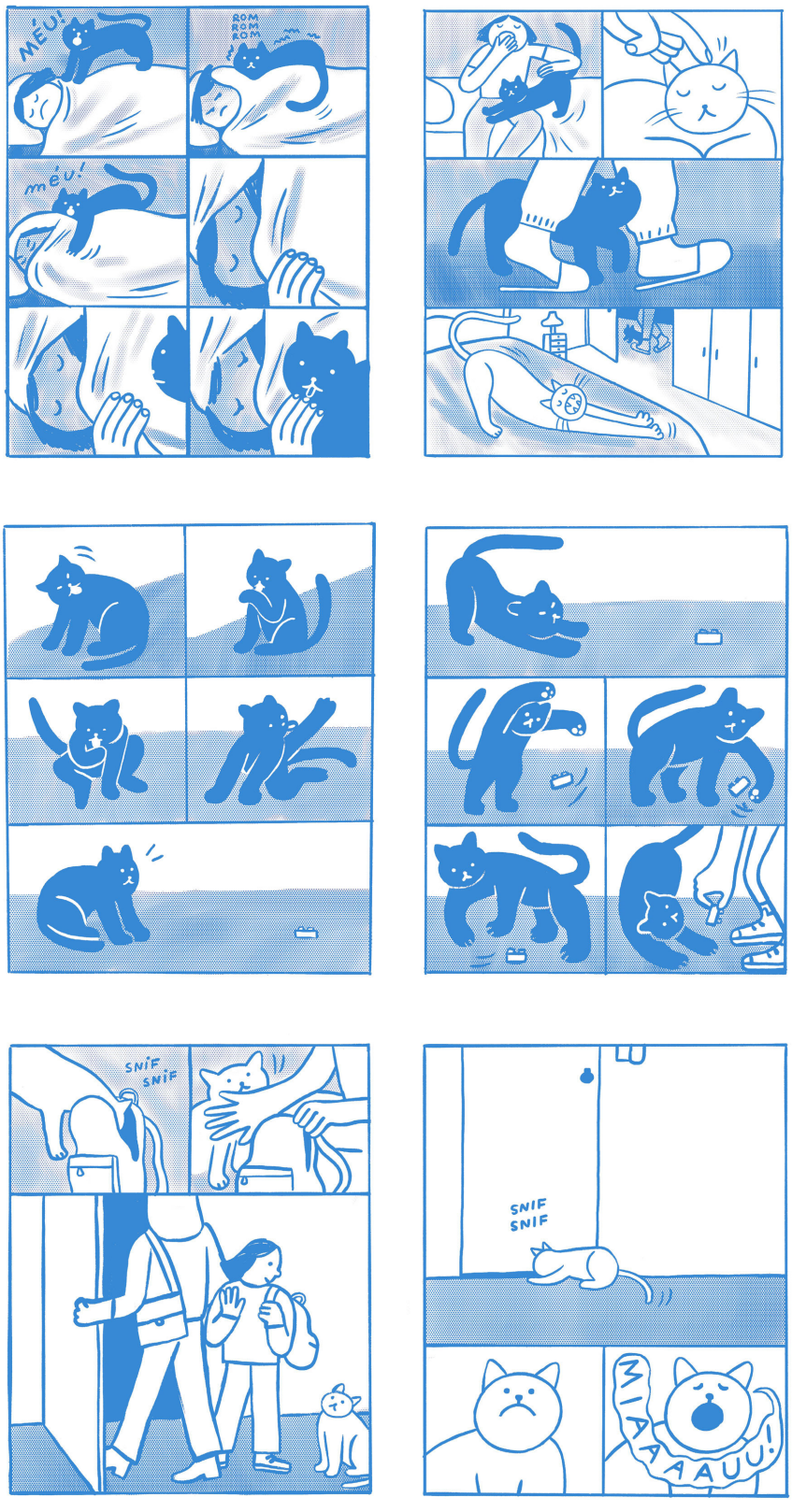



Fig. 49, 50 e 51
Ilustrações do livro *Miau!* (2022), de Joana Estrela, onde é demonstrada a plasticidade da prancha ao longo das páginas

# *Projeto Ferramenta Lúdica*

# *Ferramenta Lúdica*

Esta secção da investigação corresponde à componente prática do projeto, considerando que os capítulos precedentes foram dedicados ao enquadramento teórico e à compilação de informação pertinente à temática em análise. Procedeu-se, assim, à clarificação da orientação deste projeto e do seu propósito, bem como da sua relevância e contributo para a valorização do património cultural imaterial português, nomeadamente na sua transposição do registo oral para o domínio da ilustração e da escrita.

O presente capítulo visa apresentar a metodologia adotada e explicar as etapas de desenvolvimento do atual projeto. A estrutura contempla uma componente referente ao trabalho de campo, que proporciona uma elucidação sobre a temática, articulada com uma secção que documenta o processo de conceção e produção do método de recolha de dados.

## *Métodos de Recolha de Dados*

O ponto de partida desta investigação consistiu em compreender qual o método mais adequado para a recolha de regionalismos, que posteriormente seriam ilustrados. A primeira abordagem considerada, e também a mais comum em investigações de temática semelhante, foi a criação de questionários online, bem como o levantamento de regionalismos através de cartões distribuídos pelas zonas onde se pretendia obter os dados para a investigação, este método foi observado em projetos como *Tiro e Queda – Fanzine de Vocábulos do Saber Popular e Tradicional Português* (2017) da autoria de Daniela Vieira e *Trinta por uma Linha – Expressões Idiomáticas Ilustradas* (2021) da autoria de Marina Moreira, projetos nos quais os participantes contribuíram com os seus conhecimentos sobre o tema nesses dois formatos. Com o intuito de desenvolver um método diferente para a recolha de informação, concebeu-se a criação de uma ferramenta lúdica que possibilitasse a obtenção desses dados de forma dinâmica e envolvente.

> "A opção de envolver pessoas na recolha de vocábulos, deve-se à vontade de "ouvir" a história dos vocábulos na contextura da vida quotidiana das pessoas que fazem/ ou faziam uso daqueles vocábulos." (Vieira, 2017, p. 11)

# *Metodologia Processual: Criação do Jogo/Ferramenta*

A conceção deste jogo surge a partir de um diálogo estabelecido com Beatriz Costa, ilustradora, animadora e ativista portuguesa, conhecida profissionalmente como Biakosta. O contacto com esta autora foi especificamente motivado pela sua experiência no campo da banda desenhada, aspeto particularmente relevante para a narrativa subjacente ao presente projeto, algo que foi abordado nos capítulos anteriores. A referida autora concluiu a sua licenciatura em Design de Comunicação na Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto em 2019, apresentando como projeto final *Nova Geração de Designers*, uma obra de banda desenhada de carácter jornalístico que integra entrevistas com diversos estudantes de design provenientes de várias instituições de ensino superior portuguesas, abordando perspetivas sobre o futuro da disciplina em contexto nacional. Posteriormente, no âmbito do seu mestrado na *Konstfack University of Arts, Crafts and Design*, desenvolveu o projeto *Lines of Thought* (2022), uma investigação que explora a sua relação com a ilustração, procurando compreender a natureza desta prática através de uma abordagem introspectiva e de auto-exploração.




Fig. 52
Capa do livro *Nova geração de Designers* (2019)

Para a presente investigação, Beatriz Costa propôs, como metodologia complementar aos questionários, a implementação de uma atividade lúdica que apresenta semelhanças conceituais com o jogo do "telefone estragado", adaptado para um formato visual. Nesta dinâmica, os participantes realizam ilustrações que circulam sequencialmente entre os elementos do grupo até completar o circuito, tendo como objetivo manter a ideia original ao longo de todo o processo.




Fig. 53
Ilustração *Nova geração de Designers* (2019)

A seguir a este diálogo, procedeu-se à conceptualização e adaptação do jogo para os propósitos específicos desta investigação, considerando que o objetivo primordial consistia na recolha de regionalismos para posterior ilustração. Com vista à concretização deste propósito, foram estabelecidas regras fundamentadas no jogo *Pictionary*, permitindo assim uniformizar e desenvolver um instrumento metodológico adaptável às finalidades previamente definidas.

Este recurso metodológico possibilitará a obtenção de regionalismos através de uma abordagem lúdica, facilitando a partilha de conhecimento lexical por parte dos participantes, sem a necessidade de recorrer a métodos de recolha mais formais, como questionários estruturados.

Nota:
A explicação do jogo desenvolvido para este projeto na sua fase inicial pode ser consultada na página 101, nos apêndices

Em síntese, o jogo estrutura-se em duas fases distintas. A primeira fase consiste no registo escrito dos regionalismos e respetivas definições em cartões apropriados, assegurando a posterior compreensão semântica por qualquer pessoa que aceda a estes registos. A segunda fase envolve a leitura individual dos cartões e a representação gráfica do regionalismo correspondente, introduzindo assim uma componente lúdica ao instrumento metodológico desenvolvido.



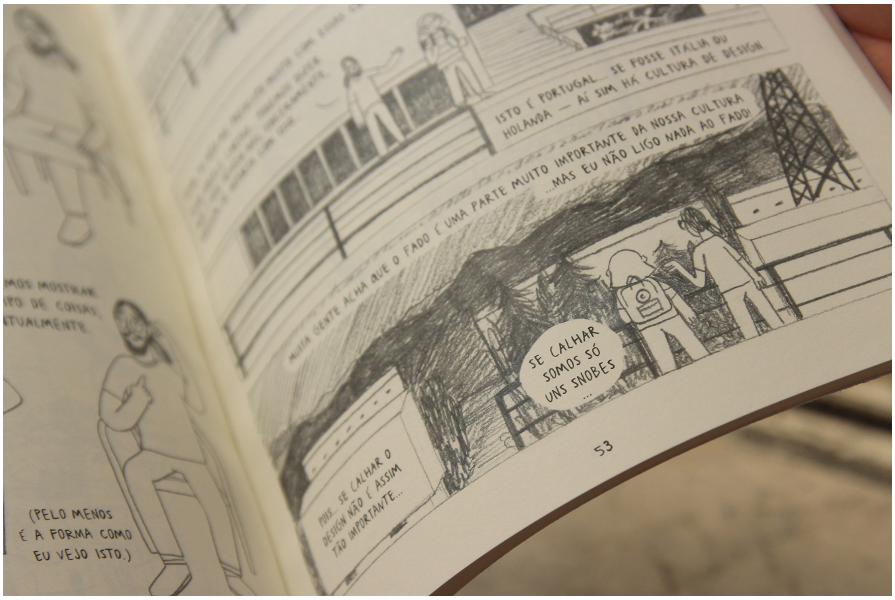




Fig. 54 e 55
Interior do livro *Nova geração de Designers* (2019)

# *Aplicação do Jogo e Recolha de Dados*

Após o desenvolvimento teórico do jogo, procedeu-se à sua aplicação prática com o propósito de avaliar a sua eficácia e identificar necessidades de alterações. A aplicação em contexto real revelou-se determinante para verificar a funcionalidade da ferramenta.

No final do capítulo é feita uma análise crítica da ferramenta, mostrando as modificações introduzidas durante o processo investigativo, permitindo compreender a relação dinâmica entre a conceção metodológica inicial e os ajustes necessários para uma recolha de dados satisfatória.

## *Teste na FBAUP*

A primeira ideia de aplicação do jogo seria na Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto, tendo sido selecionada devido à sua proximidade e conveniência. Para isso procedeu-se à divulgação de uma sessão de jogo, para isso foi desenvolvido um cartaz informativo relativo à sessão, o qual foi afixado em diversos pontos estratégicos da FBAUP, como o bar e zonas de passagem e aglomeração de estudantes. O cartaz integrava um código QR que estabelecia ligação a uma publicação na plataforma Instagram. Esta publicação, estruturada em formato de carrossel, apresentava toda a informação de forma detalhada sobre a sessão e o seu objetivo.

Apesar da divulgação e da aparente receptividade observada na publicação, analisada pela quantidade de interações, a realidade manifestou-se de forma distinta do previsto. Verificou-se uma ausência significativa de participantes, tendo comparecido apenas duas pessoas, o que possibilitou a concretização da atividade, tendo esta decorrido conforme esperado.

Os resultados obtidos compreenderam regionalismos provenientes da região da Gafanha da Encarnação e da ilha da Madeira. No total foram reunidos quinze cartões, ou seja, quinze regionalismos, já na segunda parte do jogo foram feitas três ilustrações, que podem ser consultadas na página 102, nos apêndices.




Fig. 56, 57 e 58
Publicação no *Instagram* da autora com as informações para a atividade




Fig. 59
Recolha de regionalismos na FBAUP (2025)




Fig. 60
Cartaz relativo à divulgação da atividade colocado na FBAUP (2025)




Fig. 61
Resultado da recolha de regionalismos na atividade realizada na FBAUP (2025)

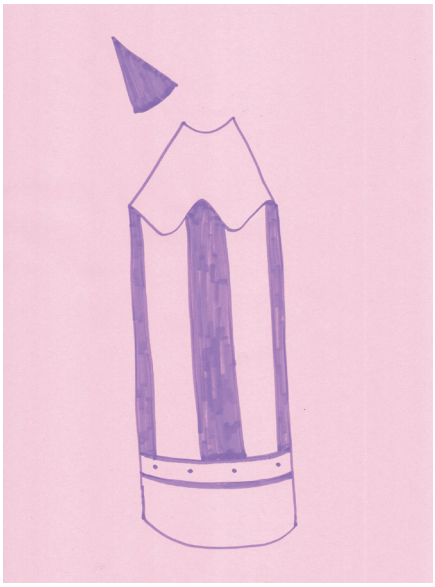
## *Novas Perspetivas*

O projeto entrou numa nova fase, direcionando-se para a recolha de respostas junto das gerações mais velhas, após se ter verificado uma fraca adesão por parte da população mais jovem no decurso da atividade anterior na FBAUP. Esta mudança de rumo do projeto mostrou-se significativa para a sua elaboração, pois ao entrar em contacto com este público, foi possível verificar o uso destes regionalismos de forma instintiva e mais natural, pois está enraizada no seu dia-a-dia.

Foi estabelecido contacto com o Centro de Convívio da Corujeira e com o Centro de Dia Senhor do Bonfim – Associação de Solidariedade Social, tendo ambas as instituições concedido autorização para a realização da atividade proposta. Assim foi iniciado o processo de recolha em contacto com os centros de dia.

Para garantir a conformidade ética do estudo, obteve-se autorização formal das direções técnicas dos centros de dia, (ver apêndices p. 128 e 129) assegurando também que tínhamos o consentimento verbal dos participantes, garantindo o anonimato dos mesmos na compilação final, divulgando apenas a instituição e os resultados obtidos.

Quanto ao perfil dos participantes, os grupos eram compostos por pessoas com mais de sessenta e cinco anos, que nasceram no Porto ou que viveram nesta cidade durante um longo período de tempo.



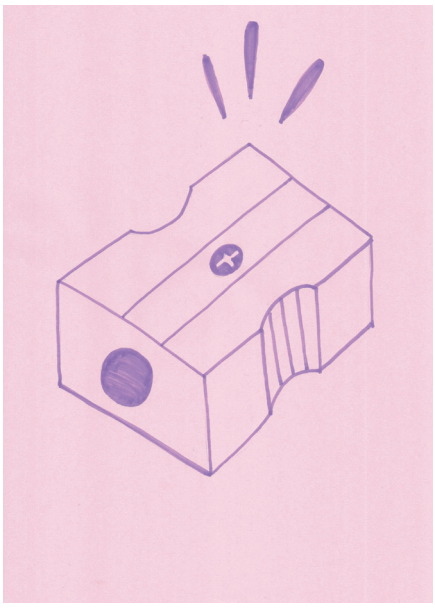


Fig. 62 e 63
Duas das quatro ilustrações utilizadas para contar o contexto do anteprojeto *Lá diz-se assim* (2023), e presente investigação

## *Centro de Convívio da Corujeira*

A atividade foi primeiramente apresentada no Centro de Convívio da Corujeira, onde os utentes manifestaram uma recetividade positiva. Inicialmente, procedeu-se à apresentação do tema de investigação e à explicação da metodologia a ser utilizada durante a sessão, complementando esta introdução com uma breve narrativa ilustrada sobre a origem do projeto anterior *Lá diz-se assim* (2023), evidenciando os fatores que motivaram a sua conceptualização e conclusão, integrando estes elementos na narrativa ilustrada.

Foram então distribuídos os materiais necessários e iniciada a atividade. Verificou-se alguma dificuldade na lembrança de forma espontânea por parte de diversos participantes; não obstante, mediante o estabelecimento de diálogo, os mesmos conseguiram escrever os

Nota:
O projeto *Lá diz-se assim* de 2023, será apresentado no capítulo seguinte

regionalismos, e outras palavras que acharam importantes mencionar. No decurso da interação verbal estabelecida entre os utentes, efetuou-se o registo dos regionalismos mencionados, visto que alguns idosos tinham dificuldades na escrita.

Pelo facto da atividade se ter prolongado, devido às conversas, e ao tempo usado para se escreverem os regionalismos, não foi possível implementar a segunda componente da ação, relativa à ilustração das palavras recolhidas.

Deu-se então por concluída a sessão, tendo-se obtido resultados significativamente mais positivos comparativamente à implementação precedente realizada na FBAUP. Os resultados da atividade podem ser consultados na integra nos apêndices da página 104 à 111.

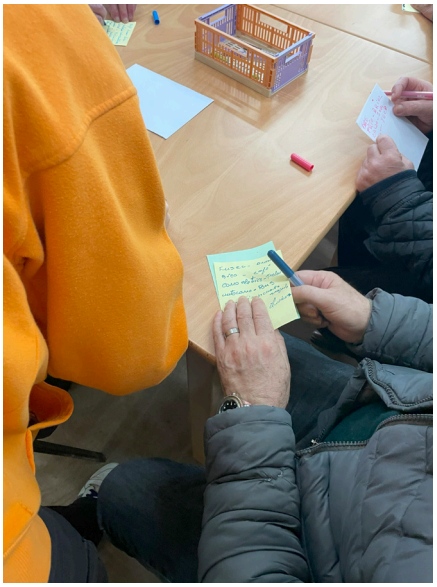




Fig. 65 e 66
Execução da atividade com os utentes do Centro de Convívio da Corujeira (2025)




Fig. 64
Respostas recolhidas na atividade no Centro de Convívio da Corujeira (2025)

## *Centro de Dia Senhor do Bonfim – Associação de Solidariedade Social*

Por último, procedeu-se à implementação da atividade na referida associação, seguindo o mesmo protocolo de explicação e aplicação do jogo/ferramenta que no Centro de Convívio da Corujeira. A particularidade desta sessão consistiu na possibilidade de executar também a segunda fase do jogo. Os participantes completaram a primeira etapa em aproximadamente trinta minutos, o que proporcionou tempo suficiente para avançar para a segunda fase da atividade.

Embora os participantes tenham demonstrado menor envolvimento na segunda fase da atividade, esta foi concluída de forma satisfatória. A implementação não seguiu o modelo original que previa um sistema competitivo de pontuar quem adivinhasse o significado dos regionalismos. A ferramenta foi adaptada às características particulares dos diferentes grupos participantes.

Esta adaptação metodológica permitiu que a segunda fase funcionasse principalmente como um momento de descontração, complementando a etapa anterior dedicada à recolha dos regionalismos. A capacidade de ajustar a ferramenta aos diferentes contextos contribuiu para o objetivo principal do estudo, que era a compilação de regionalismos do Porto. Os resultados desta recolha enconcontram-se nos apêndices da página 112 à 127.

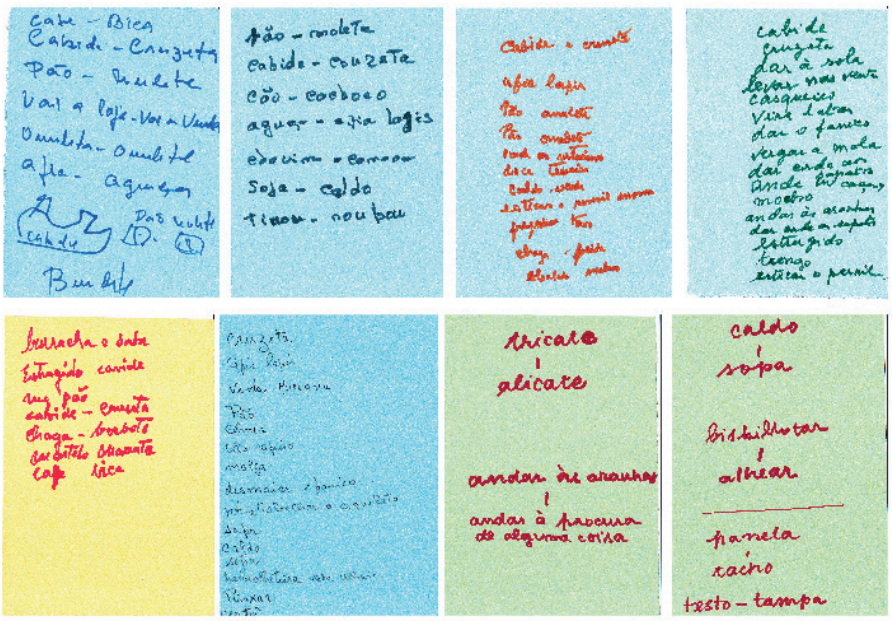


Fig. 67
Respostas recolhidas durante a atividade executada no Centro de Dia Senhor do Bonfim (2025)

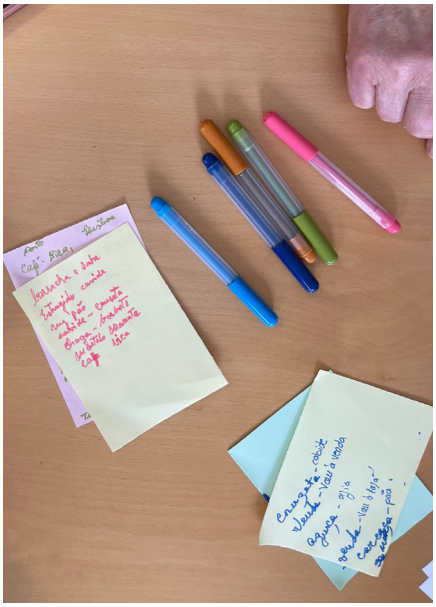




Fig. 68 e 69
Execução das duas fases da atividade (escrita e ilustração) com os utentes no Centro de Dia Senhor do Bonfim (2025)




Fig. 70
Algumas ilustrações feitas pelos utentes a partir dos regionalismos recolhidos na mesma atividade no Centro de Dia Senhor do Bonfim (2025)

## *Recolha Pessoal*

Sendo este projeto ancorado na vivência pessoal da autora e nas palavras que marcaram a sua formação, é natural que algumas das expressões recolhidas sejam obrigatoriamente integradas no artefacto final. A lista inclui regionalismos transmitidos no seio familiar, que fazem parte do seu universo linguístico e afetivo, esta é a lista: aguça, apanhador, bandulho, biqueirada, bordoada, carcanhóis, chanatos, chancas, chicla, engastilhado, espinhas, javardo, laréu, larica, nagalho, nata, pinchona, pingo, riças, safar e testo.

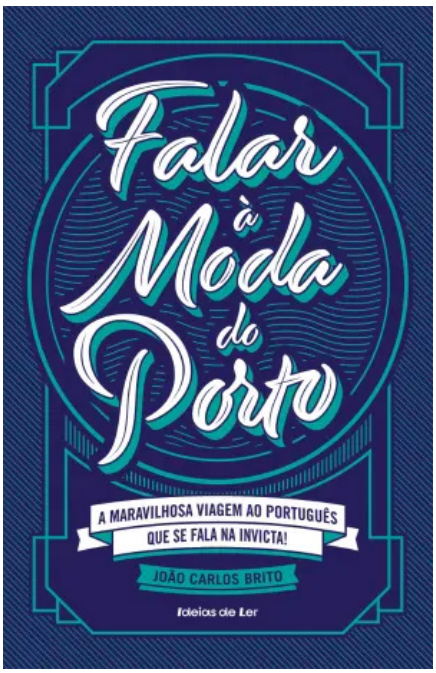



Fig. 71
Livro *Falar à moda do Porto* de João Carlos Brito (2023), consultado para a revisão dos regionalismos recolhidos nas atividades com os Centros de Dia

## *Organização e Análise de Dados*

A aplicação da ferramenta nos dois centros de dia exigiu um processo de transcrição, uma vez que a recolha de dados foi realizada em formato físico, em papel. Procedeu-se assim, à transferência integral de todas as respostas obtidas para o formato digital.

Posteriormente, efetuou-se a organização sistemática dos regionalismos por ordem alfabética. Durante esta fase, foram eliminadas todas as respostas duplicadas e excluídas quaisquer entradas que não correspondem a regionalismos propriamente ditos, assegurando desta forma a qualidade e a pertinência dos dados recolhidos para os objetivos do estudo, pois durante o processo de recolha, foram incluídos regionalismos, expressões idiomáticas e palavras que os utentes consideraram apropriadas à atividade.

A análise foi conduzida com rigor metodológico, recorrendo a diversas fontes lexicográficas, nomeadamente o livro *Falar à moda do Porto* (2023) de João Carlos Brito, o *Dicionário aberto de calão e expressões idiomáticas* (2025) de José João Almeida, os dicionários *Infopédia da Porto Editora* (2003) e o *Dicio – Dicionário Online de Português* (2009). Este processo de verificação foi fundamental para assegurar que apenas os regionalismos especificamente associados ao Porto permanecessem na recolha final, bem como para estabelecer com precisão os significados atribuídos a cada um deles.

No que toca à recolha efetuada no Centro de Convívio da Corujeira, esta realizou-se a dezassete de fevereiro de 2025, tendo a ferramenta sido aplicada a dez utentes, dos quais se obtiveram cento e quarenta e duas respostas, compreendendo regionalismos, e palavras que os

Nota:
Apesar de ter sido efetuada uma revisão integrativa relativa aos regionalismos, é possível que existam algumas inconsitências relativas à sua origem e região onde são usados

utentes consideraram apropriadas à atividade. Desta amostra inicial, após a exclusão dos elementos não necessários, obteve-se um total de setenta e um regionalismos.

Relativamente ao Centro de Dia Senhor do Bonfim, a recolha foi realizada a dezanove de março de 2025, com a participação de onze utentes, tendo sido recolhidas noventa e seis respostas. Após a eliminação dos elementos repetidos e daqueles que não se enquadram nos parâmetros da pesquisa, foram selecionados trinta e dois regionalismos.

Da conjugação das respostas obtidas em ambas as sessões e subsequente eliminação de elementos duplicados, e com a exclusão de catorze respostas consideradas ilegíveis, constituiu-se um corpo final de noventa e três regionalismos, que pode ser consultado na página 130, no capítulo dos apêndices.

## *Adaptações e Reflexões sobre a Aplicação da Ferramenta*

A implementação da ferramenta de investigação sofreu diversas adaptações face ao inicialmente previsto, evidenciando a flexibilidade metodológica necessária em investigações de campo. Inicialmente, a ferramenta foi concebida como um jogo interativo que articularia regionalismos e ilustrações, prevendo que os participantes registassem os regionalismos e posteriormente elaborassem representações gráficas dos mesmos. Contudo, devido à impossibilidade de concluir esta atividade com um número significativo de participantes na FBAUP, procedeu-se à alteração do público-alvo, o que demonstrou a adaptabilidade do instrumento metodológico.

Com a transição para o público sénior, verificou-se uma clara preferência pela comunicação oral em detrimento da expressão escrita. Esta constatação determinou uma reconfiguração da metodologia de recolha, privilegiando-se sessões em grupo onde os utentes interagiam entre si, partilhando narrativas de carácter pessoal e comunitário. Importa salientar que esta população requer um nível elevado de interação e estímulo, sendo frequentemente necessário apresentar exemplos concretos para facilitar a evocação dos regionalismos.

Relativamente à componente de ilustração, observou-se uma hesitação inicial por parte dos utentes, que manifestaram insegurança quanto às suas capacidades de representação gráfica, evidenciando a necessidade de referências visuais concretas para a execução dos desenhos. Não obstante estas limitações, foi possível obter um conjunto satisfatório de ilustrações. É de notar que a dimensão competitiva inicialmente prevista foi substituída por uma dinâmica colaborativa, com os participantes a auxiliarem-se mutuamente durante o processo criativo.

A realização desta investigação junto da população idosa permitiu constatar que estes indivíduos são repositórios vivos de expressões e regionalismos, frequentemente utilizados de forma inconsciente como parte integrante do seu discurso quotidiano, sem a percepção do seu valor enquanto património linguístico distintivo. Este aspeto sublinha o papel fundamental dos idosos enquanto detentores e transmissores de conhecimento cultural, reforçando a importância da documentação sistemática destes regionalismos como estratégia de preservação deste património imaterial.

# *Projeto Artefacto*

## *Antecedentes*

O presente projeto tem como precedente um trabalho desenvolvido durante a licenciatura em Design Gráfico e Multimédia, na Escola Superior de Artes e Design de Caldas da Rainha, no segundo semestre do último ano académico, no âmbito da unidade curricular de Projeto de Ilustração, em 2023. Requeria a elaboração de um *briefing* da autoria do próprio aluno, a partir do qual se teria de desenvolver um projeto de ilustração.

A autora optou por trabalhar a Cultura Popular Portuguesa, com a elaboração de um micro dicionário de regionalismos característicos da região Norte de Portugal, mais focado na região do Porto. Esta escolha foi fundamentada na constatação de que a transição entre diferentes regiões do país implica alterações no repertório lexical utilizado, verificando-se a existência de várias expressões para designar o mesmo objeto, ação ou estado emocional.

Com a conceptualização já definida, deu-se início à investigação, fundamentada em dicionários pré-existentes e no conhecimento da autora. Foram também incorporados regionalismos recolhidos de forma orgânica em interações com familiares, visto que o *briefing* partia da sua experiência pessoal.

O projeto pretendeu articular a componente verbal e a ilustração numa abordagem integrada, de modo a incentivar a população a desenvolver um maior conhecimento acerca dos regionalismos e, consequentemente, da Cultura Popular Portuguesa. Adicionalmente, procurou-se fomentar o interesse por esta diversidade linguística através da apresentação visual do regionalismo ou expressão idiomática em conjunto com a respetiva representação gráfica.

A escolha do nome *Lá diz-se assim* surgiu de uma das frases mais proferidas pela autora, após dizer alguma expressão idiomática ou regionalismo do Norte enquanto se encontrava nas Caldas da Rainha, na região de Leiria. Foi precisamente desta experiência diária, de estar constantemente a justificar palavras e frases que para si eram banais, que nasceu este projeto.

A finalização deste micro dicionário suscitou uma análise crítica sobre o seu contributo científico, bem como sobre as potencialidades de aplicação desta metodologia noutras regiões do território nacional. Esta abordagem evidencia as disparidades culturais presentes no contexto português e contribuiria para a ampliação do interesse e do conhecimento da população.

Verificou-se um grande entusiasmo relativamente a esta temática na comunidade artística no Porto, evidenciado pela receção positiva que o livro teve durante a participação da autora em feiras e mercados de arte, durante 2024 e 2025, onde foi possível constatar a identificação e o envolvimento do público com o tema. Este interesse — e reconhecer que este tipo de projetos são importantes para a salvaguarda do património cultural imaterial português — foram as duas principais motivações para a continuação desta investigação.

Fig. 72, 73, 74 e 75
Fotografias das ilustrações desenvolvidas para o livro *Lá diz-se assim* (2023)



## *Interpretação Visual*

Com o objetivo de criar um universo imagético para o projeto, analisamos aqui o desenvolvimento conceptual da ilustração. Como forma de expressar os regionalismos, optou-se pela banda desenhada silenciosa, criando pequenas narrativas visuais que explicam o significado de cada termo. Este formato revelou-se mais eficaz do que a abordagem inicial, projeto de 2023, que se limitava à representação isolada de objetos. Esta abordagem permite ao leitor acompanhar uma sequência de imagens que contextualiza e clarifica a ação ou ideia associada ao regionalismo. Termos como "aguçar" ou "safar" ganham assim maior expressividade através da progressão narrativa.

Esta decisão foi também fundamentada através da pesquisa bibliográfica, que nos mostra que o silêncio contribui para a narrativa, deixando espaço para a interpretação do autor. Mais importante que isso, permite o acesso a todas as pessoas — crianças, estrangeiros ou pessoas com um baixo nível de alfabetização — e essa acessibilidade é importante para a preservação do património.




Fig. 76
Exemplo de ilustração para o regionalismo "pinchar", no livro *Lá diz-se assim* (2023)

## *Desenvolvimento do Artefacto*

A recolha de regionalismos permitiu que fosse criada uma extensa lista para a produção do artefacto final, contudo, foi necessário selecionar e delimitar a lista de regionalismos. O universo idiomático é extenso, e por vezes há regionalismos sinónimos. Como dito no capítulo anterior, foi feita uma análise fundamentada segundo a revisão de bibliografia, e a consulta de dicionários de regionalismos. Foram selecionadas então dezassete, sendo que alguns regionalismos teriam que ser apresentados de forma obrigatória por fazerem parte da motivação ao desenvolvimento da investigação por parte da autora. Os regionalismos selecionados foram os seguintes:

Aguça
Alapar
Aloquete
Barona
Basqueiro
Briol
Chicla
Chuço
Cruzeta
Escaleira
Estrugido
Gânfias
Jeco
Molete
Pinchar
Repas
Safar

## *Cor*

Ao percorrer a cidade do Porto, percebe-se que o azulejo é um dos elementos mais marcantes da sua ornamentação. Não se pode falar da cultura nacional sem mencionar a azulejaria portuguesa, que desempenha um papel fundamental na identidade visual do país. Os azulejos revestem grande parte das fachadas e contribuem para a decoração de edifícios, espaços públicos e também das infraestruturas ferroviárias. De acordo com a dissertação de título *Azulejos de Padrão e Relevo: Uma Proposta Infográfica* (2014) de Susana Nunes, é nos dito que:

> "O azulejo é uma das manifestações mais significativas da cultura portuguesa. Em Portugal, o azulejo ultrapassou largamente a simples função utilitária ou o papel ornamental, ascendendo ao estatuto de arte. Este tipo de revestimento cerâmico foi, desde o século XV, um componente determinante na arquitetura portuguesa, cobrindo paredes interiores e exteriores, jardins e telhados, estações de comboio e igrejas" (p. 36).

O azulejo português, evoluiu ao longo do tempo, absorvendo influências e estilos variados. Isso aconteceu por Portugal, ao longo de séculos, estar em contacto com civilizações de fora da Europa, derivada à sua expansão marítima pelo globo. Isso resulta numa expansão da arte portuguesa mundialmente, assim como na incorporação de elementos estrangeiros (Nunes, 2014).



Fig. 77
Azulejo feito com técnica de *stencil* e pintado à mão, na cor azul cobalto, localizado na Rua da Alegria 774, produzido na fábrica de Louça de Massarelos no século XIX

As inspirações de países estrangeiros foram; a influência pela tradição muçulmana, em que os azulejos passaram a revestir paredes, e a forma de organização geométrica dos elementos decorativos; e a influência da cultura oriental, em que se inspirou na "[...] intensidade da policromia e a exuberância e fantasia das composições ornamentais presentes nas sedas e na porcelana chinesa, de onde o fascínio pelo azul sobre o branco floresceu." (Nunes, 2014, p. 36).

No que toca ao contexto europeu, Portugal assimilou as técnicas da faiança italiana; assim como as composições figurativas e de alegorias maneiristas, tendo como influência nos materiais, e no fabrico, a depuração dos desenhos as oficinas flamengas (Nunes, 2014).

O azulejo em Portugal, até ao século XIX, era utilizado no interior de igrejas, palácios e conventos e só no século XIX, em paralelo com a Revolução Industrial e a produção de azulejos industrializada, criou-se o hábito de utilizar quadros cerâmicos vidrados para cobrir as paredes exteriores, já que serviam como barreira impermeável, e consequentemente se tornavam fáceis de limpar, também tornavam-se mais duráveis, por a cor não desbotar, e pela baixa manutenção necessária.

> Dessa forma "[...] os azulejos começaram a ser adoptados para a utilização exterior, servindo de cobertura decorativa e funcional às fachadas (e por vezes de telhados) dos edifícios civis e de algumas igrejas." (Nunes, 2014, p. 38).

Por fazer parte da história de Portugal, e por servir também para contar histórias, o azulejo foi usado como inspiração: a sua cor, azul cobalto, é utilizada para toda a parte gráfica deste projeto.

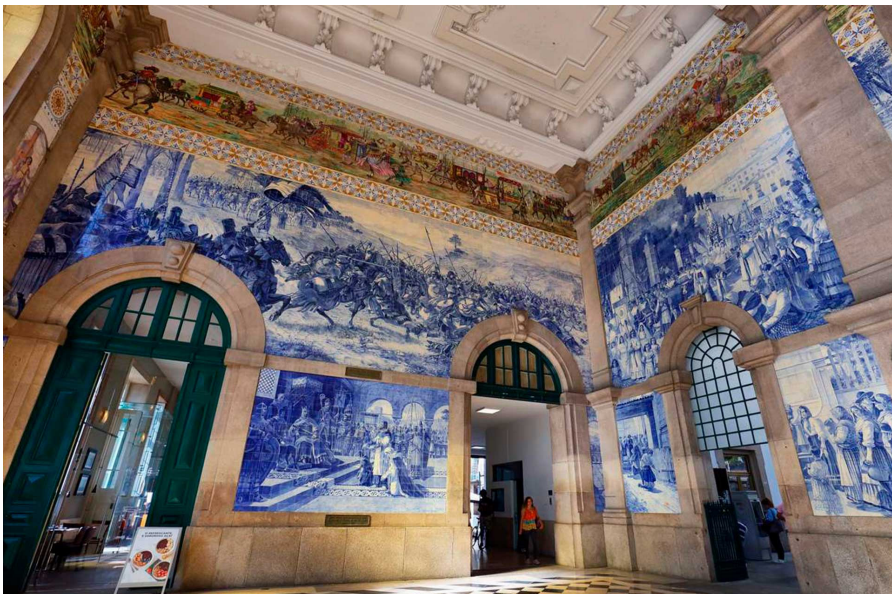


Fig. 78
Azulejos da Estação de São Bento (1916), conta com vinte mil azulejos azuis e brancos, pintados à mão que revestem o vestíbulo da estação e representam cenas da história de Portugal (batalha de Valdevez, a conquista de Ceuta ou a visita do rei João I e da sua mulher Filipa de Alencastre), uma obra de Jorge Colaço

## *Tipografia*

Este projeto nasce da experiência pessoal da autora, e por ter crescido em contacto com os regionalismos do Norte de Portugal, devido à convivência com os seus avós. Dessa maneira, para completar o projeto, foi utilizada a caligrafia da sua avó para escrever os regionalismos selecionados a serem ilustrados, assim como o título do artefacto final.

O trabalho de harmonização caligráfica foi desenvolvido mediante a identificação e sistematização de padrões gráficos recorrentes na escrita original. Através desta análise, foram reconhecidos elementos distintivos, nomeadamente nas letras “a” e “d”, onde o traço característico em forma de “caracol” se manifestava de forma predominante. Este elemento foi posteriormente reproduzido de maneira consistente em todas as ocorrências, assegurando assim a coerência visual do conjunto tipográfico e, consequentemente, facilitando a leitura.

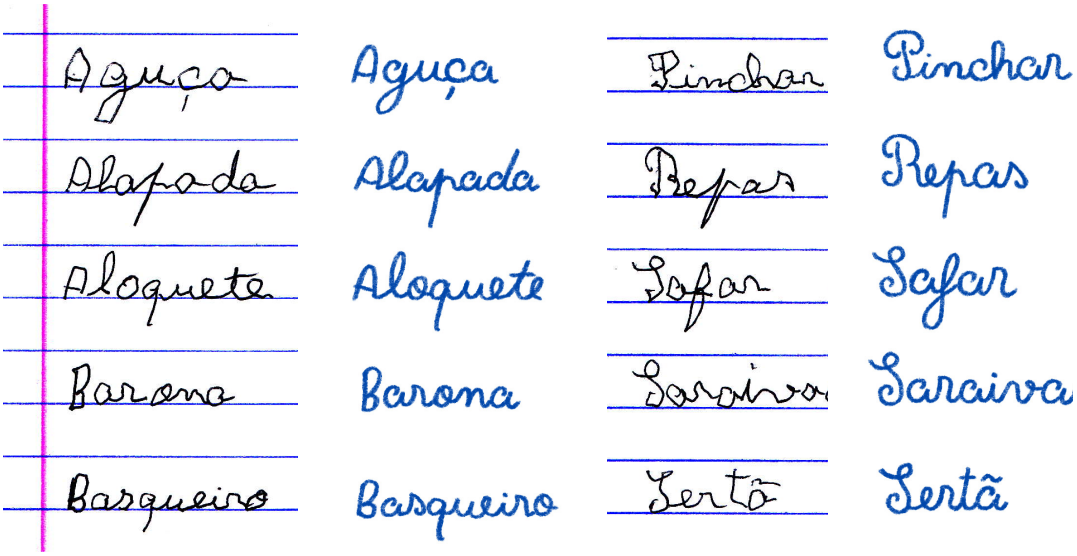



Fig. 79, 80, 81 e 82
Digitalizações e ajustes feitos à caligrafia recolhida (alguns destes regionalismos não foram utilizados no artefacto final)

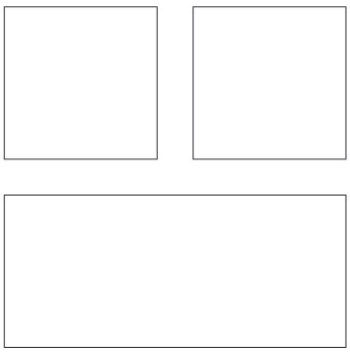
## *Tipografia Complementar*

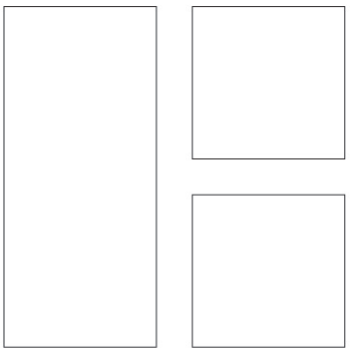
Como tipografia complementar foi utilizada a Inter, servindo para escrever os significados dos regionalismos, a sinopse, entre outros aspetos da parte gráfica do artefacto final.

## *Estrutura e Paginação*

Como objeto final do projeto foi criado um livro que compila alguns dos regionalismos que são apresentados através da ilustração. Foram definidas quarenta e quatro páginas com as dimensões de 155 × 180 mm. Esta opção justifica-se pela natureza compacta do artefacto, em que a composição de cada página integra uma prancha quadrangular, com duas tiras compostas por uma a duas vinhetas.

A organização do conteúdo em dupla página estrutura-se de forma sistemática: na página da esquerda apresenta-se o regionalismo, enquanto que na página direita encontra-se a prancha em banda desenhada silenciosa correspondente ao termo regional em questão.





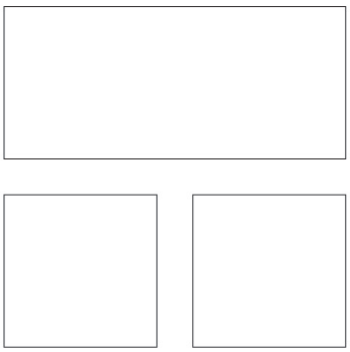


Fig. 83, 84 e 85
Pranchas desenvolvidas para a elaboração do artefacto *Lá diz-se assim* (2025), onde é possível observar as diferentes bases de paginação utilizadas

## *Guardas e Capa*

As guardas do livro incorporam as ilustrações produzidas pelos utentes do Senhor do Bonfim – Associação de Solidariedade Social como base, estabelecendo desta forma uma articulação entre o contributo da comunidade e o trabalho editorial desenvolvido. Esta integração permite criar uma ligação orgânica com o contexto social envolvente, valorizando a participação comunitária no processo criativo. O processo envolveu a digitalização e organização das ilustrações num padrão conjunto, posteriormente aplicado a branco sobre azul cobalto para uniformizar cromaticamente e criar contraste visual.



Fig. 86
Padrão criado com as ilustrações dos idosos



Fig. 87
Imagem das guardas finais utilizadas no projeto

Para a capa foi criada uma ilustração alusiva ao nome do projeto, onde é apresentado o título, e uma parte do mapa de Portugal, com uma mão a apontar para a zona do Porto. Na contracapa foi colocada a sinopse do livro.




Fig. 88
Capa do livro *Lá diz-se assim* (2025)

## *Encadernação e Finalização*

Este artefacto editorial é composto por três cadernos, dois com oito folhas (dezasseis páginas) e um com seis folhas (doze páginas) encadernados pela autora com a técnica de "costura francesa", que permite a abertura do livro a 180° e a junção de vários cadernos na mesma obra. A linha utilizada foi a Gütermann 100% poliéster na cor branco marfim, por ser similar à cor utilizada no papel de impressão.

A capa do livro é dura, para criar um artefacto mais durável e resistente, tendo sido feita na Ana & Carvalho - Encadernação e Tipografia, Lda.

A impressão do miolo e da capa foi realizada em impressão digital, utilizando papel Munken Pure 120 gr/m² . Optou-se por este papel devido à sua superfície lisa e tom creme, que contrasta com as restantes informações impressas a azul cobalto.

## *Artefacto Editorial*




Fig. 89
Capa e contracapa do livro *Lá diz-se assim* (2025)


mapa de Portugal
Lá diz-se assim


É um cimbalino? É uma bica? É café,
aquele só café. Numa chávena pequenina.
E uma malga de amendoins, pode ser?
Sim, uma tacinha!
E a avó diz que é testo, os amigos teimam
que é uma tampa.
Este livro ilustra algumas palavrinhas que
se dizem no Porto.
Lá diz-se assim, abre o livro que eu ensino!

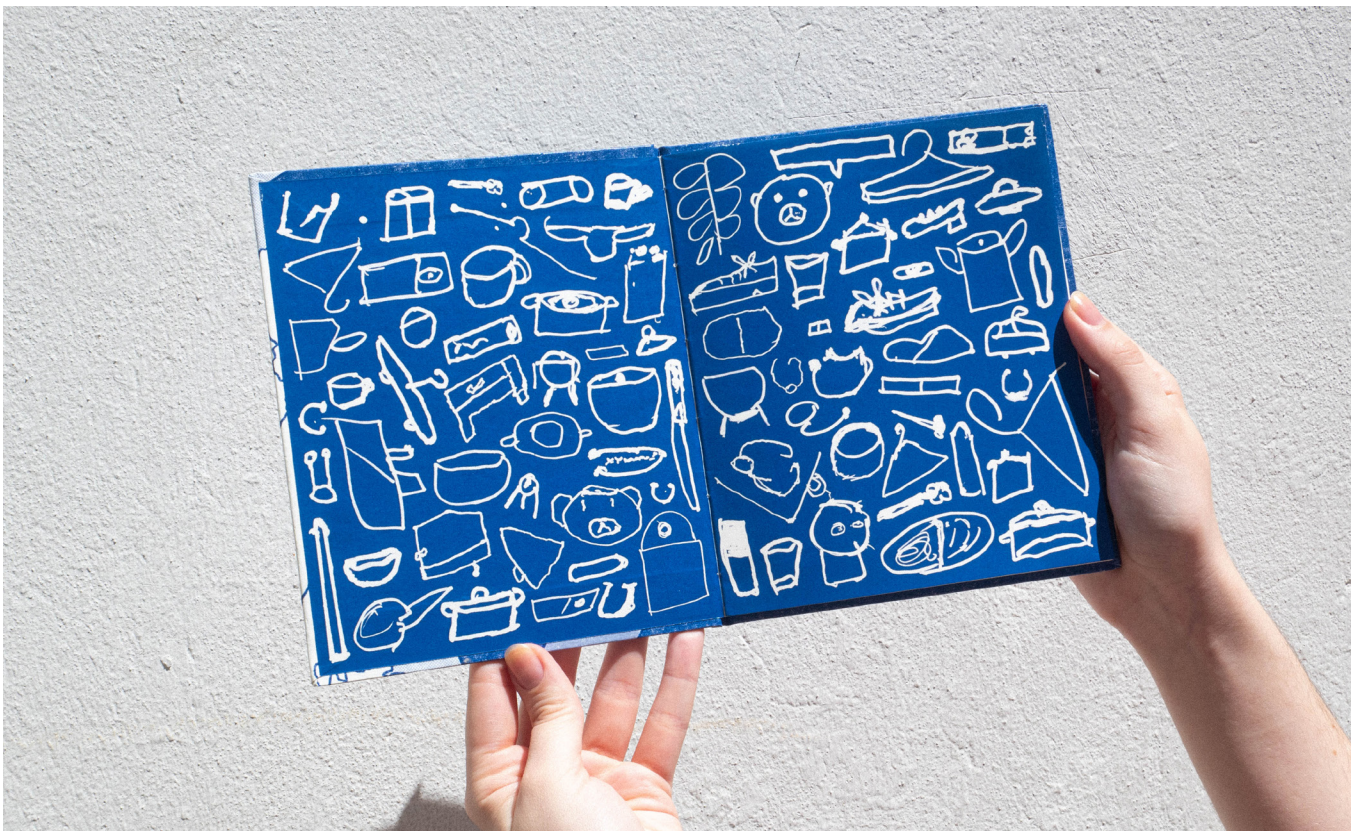


Fig. 90, 91 e 92


Título Lá diz-se assim
Autora Andreia Moreira
Encadernação Andreia Moreira
Finalização Ana & Carvalho:
Encadernação e Tipografia, Lda
Papel Munken Pure 120g/m²
Texto composto por caracteres Inter.
Ilustrações digitais.
Junho 2025
A criação deste livro teve por base os resultados da recolha de regionalismos do Porto, no Centro de Convívio da Corujeira e no Centro de Dia Senhor do Bonfim – Associação de Solidariedade Social.
Lá diz-se assim
Andreia Moreira

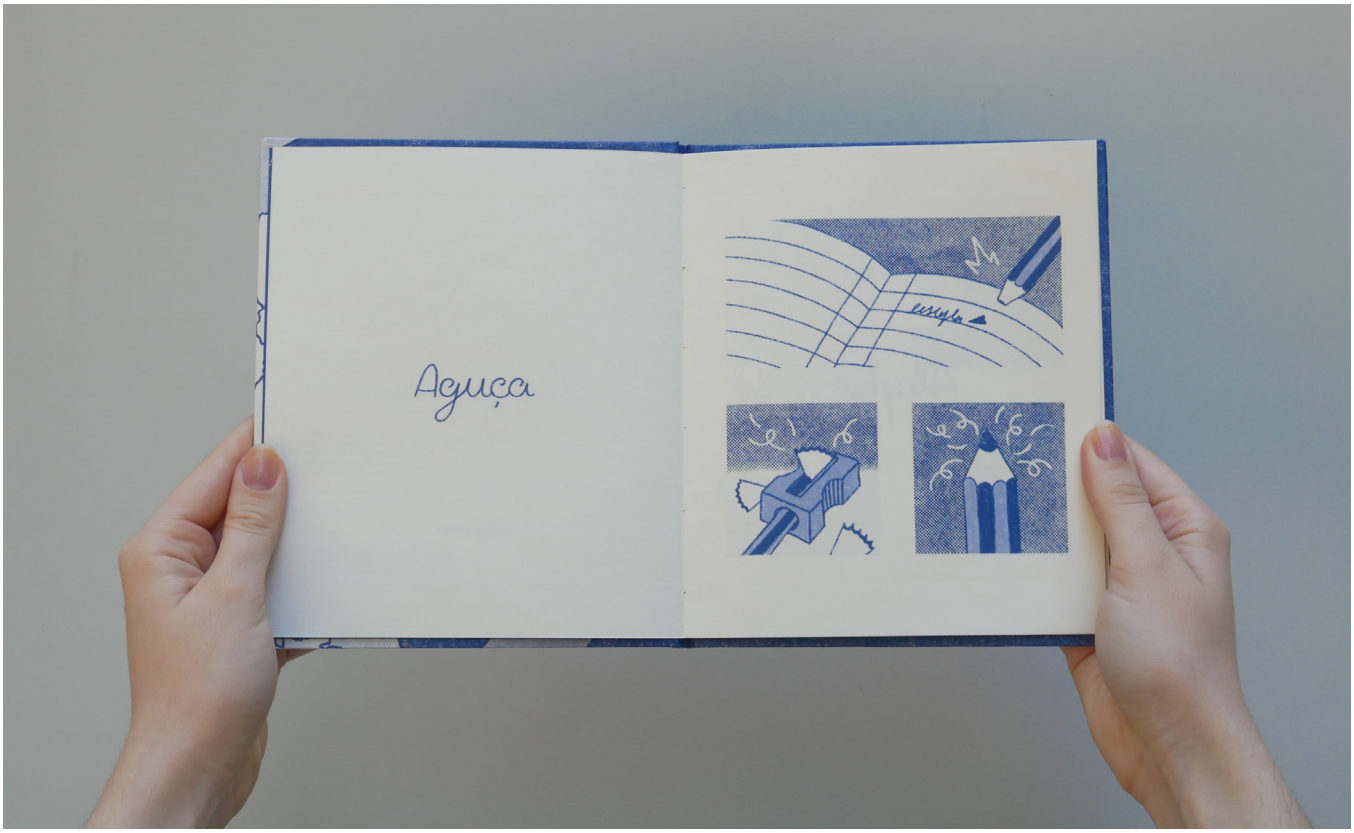

Agulça

Fig. 93 e 94

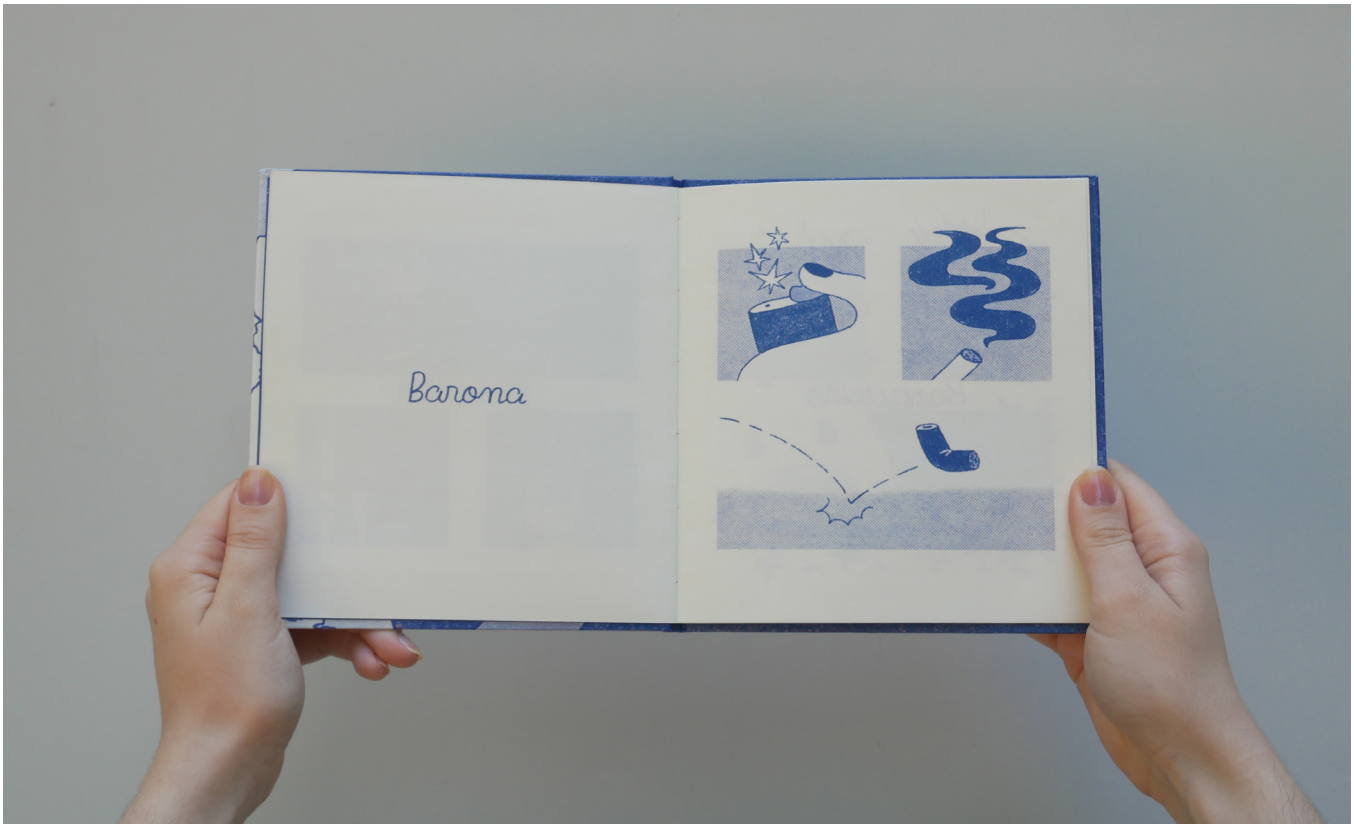






Fig. 95 e 96







Fig. 97 e 98




Fig. 99
Fotografia do livro *Lá diz-se assim* (2025), que mostra a lista de regionalismos ilustrados e o seu significado

Página 83
Fig. 90, 91 e 92
Fotografias da capa, contracapa e guardas do livro *Lá diz-se assim* (2025)

Páginas 84-86
Fig. 93-98
Fotografias do interior do livro *Lá diz-se assim* (2025), onde mostra a ficha técnica e a folha de rosto, e algumas páginas duplas que contêm os regionalismos e as ilustrações desenvolvidas para os mesmos

Nota:
Todas as ilustrações desenvolvidas para o artefacto final encontram-se nos apêndices da página 133 à 141

# *Considerações Finais*

# *Conclusão*

No decorrer da investigação pudemos constatar que o estudo dos regionalismos não é um tópico recente, visto que temos registos antigos da evolução da nossa Língua, no entanto, é necessária a continuação da recolha, vista recentemente em forma de dicionários. Este projeto propõe-se dar continuidade a essa linha de investigação, explorando uma abordagem visual através da ilustração, já presente em alguns contextos académicos, mas ainda com margem para aprofundamento. Acresce a este esforço a identidade visual da autora, que oferece uma perspetiva renovada sobre o tema. Trata-se, portanto, de uma iniciativa que visa preservar e projetar os regionalismos e a cultura popular portuguesa, contribuindo para a valorização deste património imaterial de forma acessível e visualmente apelativa.

Este projeto constitui um contributo à preservação de regionalismos, ainda em uso, deste património cultural imaterial que é a tradição oral da cultura popular portuguesa. O artefacto final representa alguns regionalismos de uma recolha mais ampla, feita em contacto com a população idosa de dois centros de convívio do Porto.

A utilização da recolha neste contexto ajudou a trazer ao projeto mais força conceptual — porque funcionou como uma partilha geracional, que é, tradicionalmente, uma das formas de preservação mais utilizada — e mais diversificada.

Numa abordagem que utiliza a ilustração, na forma de banda desenhada silenciosa para a representação dos regionalismos, constatamos como a ilustração pode ocupar um lugar relevante para a preservação de regionalismos, de acordo com os conteúdos abordados durante a investigação.

## *Limitações*

Como limitações à investigação pode ser mencionado o facto da autora não ter formação na área da linguística, por essa razão foi necessário despender mais tempo para recolher e analisar a bibliografia, de forma a contextualizar de forma completa este projeto. Mesmo assim, foram analisados alguns autores que investigam o tema, como João Carlos Brito, um dos autores citados ao longo da investigação. No decorrer da análise bibliográfica foram encontrados diversos dicionários que compilam regionalismos e expressões idiomáticas de diversas regiões, e vemos um crescente fascínio nos últimos anos a essa temática, mas para além disso foram apenas encontrados projetos académicos que abordem o tema de outras óticas, como alguns casos de estudos que foram analisados no presente documento que articulam o texto e a ilustração como meio de comunicação.

No que toca à parte prática do projeto, a não adesão do público à primeira atividade de recolha, na FBAUP, fez com que a investigação tivesse que mudar a sua orientação para um novo público. Esse contratempo acabou por afetar a calendarização, mas não de forma demasiado negativa.

## *Perspetivas Futuras*

Chegando ao final da investigação vemos neste projeto perspetivas de continuação desta proposta de ilustração de regionalismos. Esta investigação, e consequente elaboração de um artefacto final, oferece-nos bases ao desenvolvimento do tema.

Este projeto, poderá ser sempre um trabalho inacabado, tendo em conta que engloba a categorização de regionalismos populares do Porto, vemos isso porque foi feita uma grande recolha, e apenas alguns foram ilustrados, mostrando que se a investigação continuasse haveria sempre mais regionalismos a recolher e ilustrar.

No início deste projeto o principal foco era o uso do jogo/ferramenta, de modo competitivo, para recolher os regionalismos junto da comunidade académica, como isso não aconteceu da forma prevista, a direção do jogo foi alterada para um público mais velho, o que resultou num resultado satisfatório à investigação, pois o contacto com os centros de convívio criou a ligação entre o passado e a atualidade.

A mudança de público e as alterações feitas ao jogo foram essenciais, por isso, como perspetiva futura a esta investigação seria então a aplicação deste jogo noutros centros de convívio, em regiões diferentes do país, para criar uma maior salvaguarda deste património oral, contribuindo assim para a sua preservação.

Algo que também pode ser citado, seria a utilização da ferramenta para recolher não só regionalismos, mas também expressões idiomáticas ou provérbios (ou outro material que se pudesse enquadrar), o interesse principal é a utilização desta atividade para a recolha e permitir que ajude a comunidade académica a obter os resultados nas suas investigações.

Numa vertente diferente à apresentada no relatório seria a criação do jogo, de modo a ser jogado entre amigos, trazendo a vertente da competitividade, e tornando-o mais um jogo que uma ferramenta de recolha de informação para uma investigação.

Algo que foi pensado para o complemento da investigação, mas não foi possível realizar foi a interação com os mais jovens, no caso crianças, isto seria interessante para avaliar de alguma forma o

conhecimento dos regionalismos, mas transformar a atividade num momento de aprendizagem. Teriam de ser feitas alterações ao jogo, como foram feitas nos centros de convívio, colocando por exemplo já regionalismos escritos em cartões, para depois as crianças participarem apenas na parte da ilustração, visto que as crianças teriam mais facilidade nesse processo.

A investigação termina na esperança de ter criado um contributo significativo à recolha e divulgação dos regionalismos do Porto, assim como criar um incentivo para outras investigações que possam preencher lacunas, e adicionar informações a este tema.

# *Referências Bibliográficas*

# *Bibliografia Citada*


Afonso, J. I. B. da S. (2015). *Metodologias na Banda Desenhada: Realização de um Álbum de BD* (Repositório da Universidade de Lisboa) [Dissertação de Mestrado, Universidade de Lisboa Faculdade de Belas Artes]. http://hdl.handle.net/10451/23733

Almeida, J. J. D. de. (2003). *Dicionários dinâmicos multi-fonte* [Tese de doutoramento, Universidade do Minho]. https://hdl.handle.net/1822/92494

Almeida, F., & Restivo, M. M. (2024). *Coleções* (Vol. 1). Casa do Vinhal / Estúdio do Alhures. http://id.bnportugal.gov.pt/bib/bibnacional/2179239

Almeida, J. J. (2025). *Dicionário aberto de calão e expressões idiomáticas.* https://natura.di.uminho.pt/~jj/pln/calao/dicionario.pdf

Alvarenga, D. L. de. (2019). *A salvaguarda do patrimônio cultural imaterial: Uma perspectiva comparada entre portugal e brasil* [Dissertação de Mestrado, Universidade Autónoma de Lisboa]. https://repositorio.grupoautonoma.pt/server/api/core/bitstreams/9e83a844-6938-45f8-bcda-bf5c618f9c21/content

Antje, H., & Dillon, C. (2017, junho 19). *Original illustrations of our favorite German proverbs.* Deutsche Welle. https://www.dw.com/en/germanproverbs/a-18776405

Bibó Porto! (2016). Instagram. https://www.instagram.com/bibo.porto/

Brandão, L. (2017). As estruturas linguísticas de Ferdinand de Saussure. *Comunidade Cultura e Arte.* https://comunidadeculturaearte.com/as-estruturas-linguisticas-de-ferdinand-de-saussure/

Brito, J. C. (2014). *Lugares e Palavras do Porto A Cidade em Estórias, Memórias, Imagens e Poemas.* Lugar da Palavra.

Brito, J. C. (2016). *Dicionário de Calão do Porto.* Lugar da Palavra.

Brito, J. C. (2021). *Dicionário de Calão do Norte.* Ideias de ler.

Brito, J. C. (2023). *Falar à moda do Porto: A maravilhosa viagem ao português que se fala na invicta!* Ideias de ler.

Caetano, A. (2021). *A little girl.* Casa da Esquina.

Cardoso, T. M. P. (2016). *A Banda Desenhada histórica como recurso e fonte historiográfica para o ensino e aprendizagem da História: Um estudo com alunos do 1.º e 2.º ciclo do E.B.* [Dissertação de Mestrado, Universidade do Minho]. https://hdl.handle.net/1822/45240

Carmelo, L. (2003). *Semiótica—Uma Introdução.* Publicações Europa-América.

Coelho, S. O., & Costa, A. R. (2014, agosto 11). Aqui está um dicionário de português, carago! *Artigo Jornal.* https://observador.pt/2014/08/11/2-500-palavras-e-expressoes-porto-reunidas-num-livro-de-portogues/

Coentrão, A. (2016, agosto 3). Um livro para desenferrujar a língua e os costumes, a partir do Porto. *Público.* https://www.publico.pt/2016/08/03/local/noticia/um-livro-para-desenferrujar-a-lingua-e-os-costumes-a-partir-do-porto-1740143

Costa, B. (2019). *Nova Geração de Designers—BD (comicbook)* [Portefólio]. Behance. https://www.behance.net/gallery/85205323/Nova-Geracao-de-Designers-BD-(comicbook)

Costa, B. (2022). *Lines of Thought* [Dissertação de Mestrado, Konstfack University of Arts, Crafts and Design]. https://www.diva-portal.org/smash/get/diva2:1675708/FULLTEXT01.pdf

Dicio. (2009). [Dicionário]. Dicio – Dicionário Online de Português. https://www.dicio.com.br/

Dolbeth, J. (2014). *Convergências entre ilustração contemporânea em portugal e património popular português* [Tese de doutoramento, Universidade do Porto - Faculdade de Belas Artes]. https://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/82876

Estrela, J. (2022). *Miau!* Planeta Tangerina.

Estrela, J. (2025). *Ão ão!* Planeta Tangerina.

Giacometti, M., & Lopes-Graça, F. (1981). *Cancioneiro Popular Português.* Círculo de Leitores. https://tradicao.wordpress.com/wp-content/uploads/2011/02/michel-giacometti1981-cancioneiro-popular-portugues.pdf

Gomes, J. I. Q. R. S. (2010). *As potencialidades pedagógicas da banda desenhada nas aulas de português língua não materna* [Dissertação de Mestrado, Universidade do Porto - Faculdade de Letras]. http://hdl.handle.net/10216/55389

Infopédia. (2003). [Dicionário]. Infopédia Dicionários Porto Editora. https://www.infopedia.pt/

Joly, M. (2007). *Introdução à Análise da Imagem* (70.ª ed.). https://flankus.wordpress.com/wp-content/uploads/2009/12/introducao-a-analise-da-imagem-martine-joly.pdf

Lamothe, J. (2019). Speaking Silently: Comics' Silent Narratives as Immersive Experiences. *Studies in Popular Culture, 41*(2), 69–94.

Lewis, D. A. (2010). The shape of comic book reading. *Studies in Comics, 1*(1), 71–81.

Magalhães, M. (2017). *Michel Giacometti: A voz pelos caminhos da tradição* [Faculdade de Ciências Sociais e Humanas – UNL]. https://run.unl.pt/bitstream/10362/28091/1/Michel_Giacometti_a_voz_pelos_caminhos_da_tradi_o.pdf

Martins, S. (2016, agosto 12). *O dicionário da minha avó.* Behance. https://www.behance.net/gallery/41621849/O-DICIONARIO-DA-MINHA-AVO

*MatrizPCI Inventário Nacional do Património Cultural Imaterial.* (2022, dezembro 15). https://matrizpci.patrimoniocultural.gov.pt/InventarioNacional/DetalheFicha/903?dirPesq=0

*MEMORIAMEDIA.* (2006). MEMORIAMEDIA e-Museu do Património Cultural Imaterial. https://www.memoriamedia.net/index.php/pt

Moreira, M. R. T. (2021). *Trinta por uma linha Expressões idiomáticas ilustradas—Um projeto* [Relatório de projeto, Universidade do Porto - Faculdade de Belas Artes]. https://hdl.handle.net/10216/138717

Mota, M., & Vitorino Santos, R. (2016). As Cartas Portuguesas: Relação entre texto e imagem. *International Conference on Ilustration & Animation.* CONFIA, Barcelos. https://www.academia.edu/26693889/4th_International_Conference_on_Illustration_and_Animation_CONFIA_2016_Proceedings_Book_pdf

*Museu da Música Portuguesa—Arquivos Sonoros Portugueses.* (2012, março 1). Cascais Câmara Municipal. https://www.cascais.pt/museu-da-musica-portuguesa-arquivos-sonoros-portugueses

*Museu do Trabalho Michel Giacometti.* (1987). Setúbal Rede Museus Municipais. https://museus.mun-setubal.pt/10352/museudotrabalho

Nunes, S. M. B. R. da G. (2014). *Azulejos de Padrão e Relevo: Uma Proposta Infográfica* [Dissertação de Mestrado, Universidade de Lisboa Faculdade de Belas Artes]. http://hdl.handle.net/10451/11513

Pache, C., & Siqueira, D. de. (2018). *Portuguesices.* Portuguesices. https://portuguesices.com/

Paiva, M. H. (2001). *Para conceber a língua na sua plasticidade: O contributo da história da língua portuguesa.* https://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/7292.pdf

*Património Cultural Imaterial.* (2003). Comissão Nacional da UNESCO. https://unescoportugal.mne.gov.pt/pt/temas/proteger-o-nosso-patrimonio-e-promover-a-criatividade/patrimonio-cultural-imaterial

Pereira, R. (2023). *Dicionário livre e delirante feito a partir de uma colheita de palavras nas terras do Alto Minho. (Vertidas em histórias ilustradas contadas às pessoas pequenas e grandes em tamanho ou tempo de vida)* (MOTOR – Produção Cultural, Cooperativa de Responsabilidade Limitada, C.R.L. para CIM Alto Minho-Comunidade Intermunicipal do Alto Minho). https://www.cim-altominho.pt/fotos/editor2/cimaltominho/gca/230512_dicionario_ilustrado.pdf

Pires, B., & Correia, G. (2013, junho 11). *Madeirense Puro* [Loja]. Madeirense Puro. https://madeirensepuro.com/sobre-nos/

Queirós, D. (2014, março 5). *P'ra cá do Marão, mandam os que cá estão.* Behance. https://www.behance.net/gallery/15064039/Pra-ca-do-Marao-mandam-os-que-ca-estao

Ramos, D. S. (2021, setembro 3). *Que quer dizer "bai-m'à loja e traz-me o troco"? O Dicionário de Calão do Norte explica.* https://www.publico.pt/2021/09/03/local/noticia/quer-dizer-baima-loja-trazme-troco-dicionario-calao-norte-explica-1976103

Restivo, M. M., & Almeida, F. (2023). *Pratos Falantes.* Casa do Vinhal – Estúdio do Alhures. https://felipaalmeida.com/peca/livro-pratos-falantes/

Santos, R. F. de C. G. dos. (2016). *Tradução Cultural: O desafio da expressão idiomática* [Dissertação de Mestrado]. Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

Sarmento, C. (2007). *Práticas, discursos e representações da cultura popular portuguesa* [Tese de doutoramento]. https://www.academia.edu/37760241/Pr%C3%A1ticas_discursos_e_representa%C3%A7%C3%B5es_da_cultura_popular_portuguesa

Teixeira, J. (2016). Castanhas e cascavelhos – ou como um regionalismo do Minho evidencia a relação entre as vivências e a língua. *Revista Galega de Filoloxia, 17,* 165–183. https://doi.org/10.17979/rgf.2016.17.0.1874

Topa, F. (2002). A tradição ainda é o que era: A presença do cancioneiro popular nos álbuns infanto-juvenis. Em *Revista da Faculdade de Letras «LÍNGUAS E LITERATURAS»* (pp. 545–552). https://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/4782.pdf

Velada, J. M. F. (2021). *Desafios da tradução de Banda Desenhada—O caso de Les Dingodossiers, tomes 1 et2, de René Goscinny e Marcel Gotlib* [Dissertação de Mestrado, Universidade de Évora - Escola de Ciências Sociais]. http://hdl.handle.net/10174/31044

Venâncio, F. M. P. (2016). *Utilização da banda desenhada no ensino de Português Língua Estrangeira* [Dissertação de Mestrado, Universidade Nova de Lisboa Faculdade de Ciências Sociais e Humanas]. http://hdl.handle.net/10362/19820

Vieira, D. P. M. (2017). *Tiro e Queda, Fanzine de Vocábulos do Saber Popular e Tradicional Português* [Relatório de projeto, Universidade do Porto - Faculdade de Belas Artes]. https://hdl.handle.net/10216/108423

# *Bibliografia Consultada*


Afonso, J. I. B. da S. (2019). *Multiplicidade Narrativa em Banda Desenhada: A influência dos novos media* [Tese de doutoramento, Universidade de Lisboa Faculdade de Belas Artes]. http://hdl.handle.net/10451/40671

Alfredo, M. (2010). *Porto, naçom de falares* (2ª edição). Âncora Editora.

*APONTAMENTOS DE RAPHAEL BORDALLO PINHEIRO SOBRE A PICARESCA VIAGEM DO IMPERADOR DE RASILB PELA EUROPA.* (2016). Hemeroteca Municipal de Lisboa. https://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/RaridadesBibliograficas/Raridades_PicarescaViagem.htm

Bastos, M. (2012). *Os meus Provérbios*. Behance. https://www.behance.net/gallery/11444747/Os-meus-Provrbios

Campos, A. L. (2021, agosto 26). *Azulejos: Conhecer melhor um dos mais ricos patrimónios portugueses.* National Geographic Portugal. https://www.nationalgeographic.pt/historia/azulejos-conhecer-melhor-um-dos-mais-ricos-patrimonios-portugueses_1548

Crisóstomo, M. (2015, março 14). *Portuguese sayings that make absolutely no sense.* Behance. https://www.behance.net/gallery/24478537/Portuguese-sayings-that-make-absolutely-no-sense

Ferraz, R. C. (2014). *Storytelling Interativo—A Banda Desenhada nos Novos Meios Digitais de Informação* [Relatório de projeto, Universidade do Minho Instituto de Ciências Sociais]. https://hdl.handle.net/1822/34302

Fonseca, F. M. F. da. (2018). *Lendas e Mitos de Paço de Sousa—Da Investigação Etnográfica à Construção do Livro Ilustrado* [Relatório de projeto, Universidade do Porto - Faculdade de Belas Artes]. https://hdl.handle.net/10216/117588

Frazão, D. (2019). Biografia de Ferdinand de Saussure. *eBiografia*. https://www.ebiografia.com/ferdinand_de_saussure/

Gonçalves, M. da S. (2016). *O calão no Português Europeu: Tendências e utilizações* [Universidade do Minho]. https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/44358/1/Marina%20da%20Silva%20Gon%c3%a7alves.pdf

Leite, A. F. D. (2021). *Banda Desenhada, História de Portugal e Desenvolvimento da Escrita: Um estudo no 2.º Ciclo do Ensino Básico* [Relatório de estágio, Universidade de Aveiro Departamento de Educação e Psicologia]. http://hdl.handle.net/10773/32572

McCloud, S. (2001). *Understanding Comics: The Invisible Art.* HarperCollins Publishers INC.

Nunes, N. (2017). Regionalismos madeirenses: Estudo lexicológico da variação dialetal e sociolinguística na ilha da Madeira. *Revue de Linguistique Romane, 81.*

*O que resta da Tradição Popular? - Memoriamedia.* (sem data). Obtido 15 de outubro de 2024, de https://www.memoriamedia.net/index.php/o-que-resta-da-tradicao-popular

*Património Azulejar.* (sem data). IP Património. Obtido 26 de abril de 2025, de https://www.ippatrimonio.pt/pt-pt/patrimonio-azulejar

Pereira, J. M. (2017). *A Banda Desenhada e o Cartoon no processo de ensino-aprendizagem de História e Geografia* [Relatório de estágio, Universidade do Porto - Faculdade de Letras]. https://hdl.handle.net/10216/108619

Peres, D. (2019). *Banda Desenhada Portuguesa, 1914 – 1945* [Página Museu]. História das Exposições de Arte Gulbenkian. https://gulbenkian.pt/historia-das-exposicoes/exhibitions/80/

*Povo que Canta.* (1971, 1974). RTP Arquivos. https://arquivos.rtp.pt/programas/povo-que-canta/

Reis, S. M. M. (2020). *Expressões proverbiais do português—Usos, variação formal e identificação automática* [Tese de doutoramento]. http://hdl.handle.net/10400.1/15238

Restivo, M. M. (2022). *Alhures.* Alhures. https://alhures.org/publicacoes/

Rocha, C. (2009, setembro 7). *A diferença entre regionalismo e dialecto* [Post]. Ciberdúvidas da Língua Portuguesa. https://ciberduvidas.iscte-iul.pt/consultorio/perguntas/a-diferenca-entre-regionalismo-e-dialecto/26827

Saussure, F. de. (2006). *Curso de Linguística Geral.* Editora Pensamento-Cultrix.

Silva, J. C. S. da. (2022). *Banda desenhada e livro ilustrado: Interpretações de uma narrativa visual* [Relatório de projeto, Universidade de Lisboa Faculdade de Belas Artes]. http://hdl.handle.net/10451/56930

Vilela, M. (2002). As Expressões Idiomáticas na Língua e no Discurso. *Actas do Encontro Comemorativo dos 25 Anos.*

# *Lista de Figuras*

# Lista de Figuras

*Fig. 1 "Ferdinand de Saussure"* Disponível em: https://www.britannica.com/biography/Ferdinand-de-Saussure

*Fig. 2 "Design, a outra ciência dos signos"* Disponível em: https://amusearte.hypotheses.org/1075

*Fig. 3 "Cantar os Reis já é Património Cultural Imaterial de Portugal"* Disponível em: https://www.cm-ovar.pt/pt/noticias/42555/cantar-os-reis-ja-e-patrimonio-cultural-imaterial-de-portugal.aspx

*Fig. 4 "O fascínio da calçada portuguesa"* Disponível em: https://comunidadeculturaearte.com/o-fascinio-da-calcada-portuguesa/

*Fig. 5 "Construção de embarcações como o moliceiro ensinada em Estarreja"* Disponível em: https://tvc.sapo.pt/2023/04/24/construcao-de-embarcacoes-como-o-moliceiro-ensinada-em-estarreja/

*Fig. 6 "Michel Giacometti"* Disponível em: https://ruascomhistoria.wordpress.com/2018/01/08/michel-giacometti-o-frances-radicado-em-portugal-que-mais-fez-pela-musica-tradicional-portuguesa-aqui-recordado-no-dia-em-que-se-fosse-vivo-faria-89-anos-de-idade/

*Fig. 7 "Museu do Trabalho Michel Giacometti"* Disponível em: https://museus.mun-setubal.pt/10352/museudotrabalho

*Fig. 8 "Dicionário de Calão do Norte", João Carlos Brito.* Disponível em: https://www.portoeditora.pt/produtos/ficha/dicionario-de-calao-do-norte/24757561

*Fig. 9 "Dicionário à moda do Porto"* Disponível em: https://expresso.pt/cultura/2016-08-12-Dicionario-a-moda-do-Porto-para-ficar-fino-como-um-alho

*Fig. 10 "Pratos Falantes", coordenação de Maria Manuela Restivo e Filipa Almeida (2023).* Disponível em: https://materiaprima.pt/detail.php?id=72917

*Fig. 11 "Feira do Prato Falante Lisboa"* Disponível em: https://felipaalmeida.com/pop-up/feira-do-prato-falante-lisboa/

*Fig. 12-15 "Pratos Falantes (2023)"* Disponível em: https://felipaalmeida.com/peca/livro-pratos-falantes/

*Fig. 16 "Aventuras Sentimentaes e Dramáticas do Senhor Simplicio Baptista"* Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Aventuras_Sentimentaes_e_Dram%C3%A1ticas_do_Senhor_Simpl%C3%ADcio_Baptista

*Fig. 17 e 18 "Apontamentos de Raphael Bordallo Pinheiro sobre a Picaresca Viagem do Imperador de Rasilb pela Europa", Rafael Bordalo Pinheiro, Lisboa 1872.* Disponível em: https://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/RaridadesBibliograficas/PicarescaViagem/Ed1/Ed1_master/PicarescaViagemDoImperadorDoRasilbPelaEuropa_E1_1872.pdf

*Fig. 19 "O Manecas e o Polícia", 2 de outubro de 1916.* Disponível em: https://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/Periodicos/oseculocomico/1916/N987/N987_item1/P4.html

*Fig. 20 Capa do ABC-zinho dirigido por Cottinelli Telmo, 15 de outubro de 1921.* Disponível em: https://www.agendalx.pt/events/event/centenario-do-abc-zinho/

*Fig. 21-23 "P'ra cá do Marão, mandam os que cá estão" (2014) de Dora Queirós.* Disponível em: https://www.behance.net/gallery/15064039/Pra-ca-do-Marao-mandam-os-que-ca-estao

*Fig. 24-27 "O dicionário da minha avó" (2016) de Susana Martins.* Disponível em: https://www.behance.net/gallery/41621849/O-DICIONARIO-DA-MINHA-AVO?locale=fi_FI

*Fig. 28-30 "Tiro e Queda" (2017) de Daniela Vieira.* Disponível em: https://hdl.handle.net/10216/108423

*Fig. 31 "Pesar figos", Marina Moreira (2021).* Disponível em: https://hdl.handle.net/10216/138717

*Fig. 32 "Onde há fumo há fogo", Marina Moreira (2021).* Disponível em: https://hdl.handle.net/10216/138717

*Fig. 33-37 Ilustrações de Ana Biscaia para o livro "Dicionário livre e delirante feito a partir de uma colheita de palavras nas terras do Alto Minho" (2023).* Disponível em: https://www.cim-altominho.pt/fotos/editor2/cimaltominho/gca/230512_dicionario_ilustrado.pdf

*Fig. 38 e 39 "Madeirense Puro" (2013).* Disponível em: https: //www.instagram.com/p/DIyhch1szE6/; https://www.instagram.com/p/DI3LECMMRdU/

*Fig. 40 e 41 "Bibó Porto - A expressão do Norte" (2016).* Disponível em: https://www.instagram.com/bibo.porto/p/C8t3mpvMTe8/; https://www.instagram.com/bibo.porto/p/C8ot7JSsdWU/

*Fig. 42 Ilustração para o provérbio alemão "Jeder sollte vor seiner eigenen Tür kehren", de Antje Herzog.* Disponível em: https://www.dw.com/en/germanproverbs/a-18776405

*Fig. 43 Ilustração para o provérbio alemão "Wer ernten will, muss säen", de Antje Herzog.* Disponível em: https://www.dw.com/en/germanproverbs/a-18776405

*Fig. 44-46 Ilustrações de David de Siqueira sobre expressões portuguesas.* Disponível em: https://portuguesices.com/esta-na-lua/; https://portuguesices.com/6367-2/; https://portuguesices.com/passar-pelas-brasas/

*Fig. 49-51 Ilustrações do livro "Miau!" (2022).* Disponível em: https://www.planetatangerina.com/pt-pt/loja/miau/

*Fig. 52-55 "Nova geração de Designers" (2019).* Disponível em: https://www.behance.net/gallery/85205323/Nova-Geracao-de-Designers-BD-(comicbook)

*Fig. 56-58 Publicação no Instagram da autora com as informações para a atividade (2025).* Disponível em: https://www.instagram.com/p/DC11iaKtxNQ/

*Fig. 71 "Falar à moda do Porto" de João Carlos Brito (2023).* Disponível em:https://www.portoeditora.pt/produtos/ficha/falar-a-moda-do-porto/28177979

*Fig. 77 Azulejo feito com técnica de stencil e pintado à mão, do século XIX.* Disponível em: https://azulejosporto.pt/tiles/ap_20240410_774/

*Fig. 78 Azulejos da Estação de São Bento (1916).* Disponível em: https://www.nationalgeographic.pt/viagens/os-azulejos-da-estacao-sao-bento-que-resumem-a-historia-portugal_3511

Nota:
Desta lista excluem-se todas as imagens capturadas por Andreia Moreira

# *Apêndices*

# *Regras do Jogo/Ferramenta Antes*

**Número de Jogadores**
**Mínimo** 2 pessoas
**Máximo** 8 pessoas

**Materiais Necessários**
**Cartões em branco** Para escrever os regionalismos
**Papel** Onde o jogador irá ilustrar a sua resposta
**Lápis/Caneta** Para escrever e ilustrar
**Caixa** Para juntar os cartões

**Configuração Inicial**
Os jogadores elegem um orador, para ser responsável por ler os cartões durante o jogo, distribuir o material, e para manter a comunicação clara e organizada, ajudando também a controlar o ritmo do jogo.

**Objetivo do jogo**
A pessoa que adivinhar corretamente o maior número de regionalismos vence o jogo.

**Tipos de palavras**
As palavras nos cartões são escritas pelos jogadores, no entanto a regra é clara, devem ser regionalismos portugueses do seu conhecimento.

**Como jogar**
O jogo divide-se em duas fases. A primeira para reunir os regionalismos, a segunda para ilustrá-los.

**1ª fase** Os jogadores decidem quem será o orador da sessão, ele irá orientar as fases.
O grupo reúne-se e escreve individualmente regionalismos que conhece nos cartões em branco, sem mostrar aos outros jogadores. Depois de todos escreverem, o orador reúne os cartões numa caixa, para serem baralhados.

**2ª fase** O orador retira um dos cartões e lê aos jogadores o regionalismo a ilustrar.
Todos ilustram. A pessoa que a escreveu revela o que significa. Se acertarem ganham um ponto, se não acertarem mantêm a pontuação que tinham.
Repetir o processo de leitura e desenho até os regionalismos terminarem. Se existirem regionalismos repetidos avançam para o cartão seguinte.

**Fim de Jogo**
O jogo termina quando todos os cartões forem ilustrados. O jogador que adivinhar corretamente o maior número de regionalismos vence.

# Ilustrações Recolhidas na FBAUP

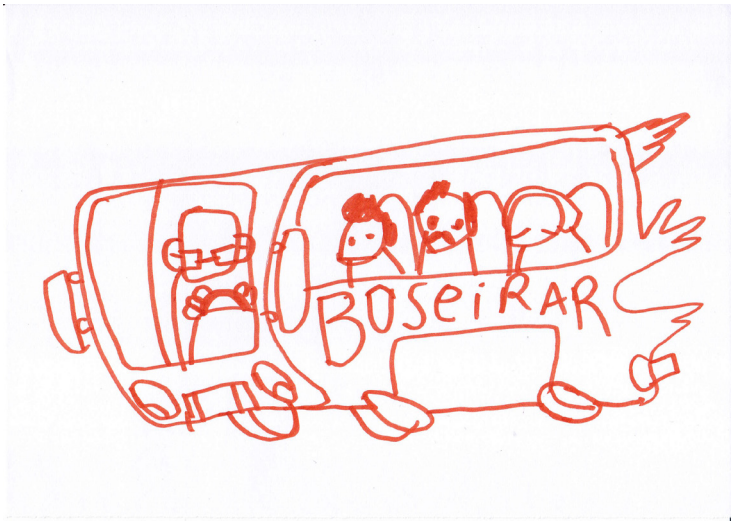



Ilustração feita para o regionalismo da Madeira "boseirar", que significa "sujar", ou "estar sujo", mas nesta ilustração como o participante não sabia, desenhou aquilo que poderia significar.




Ilustração feita para o regionalismo da Madeira "horário", que significa "autocarro", mas nesta ilustração como o participante não sabia, desenhou aquilo que poderia significar.

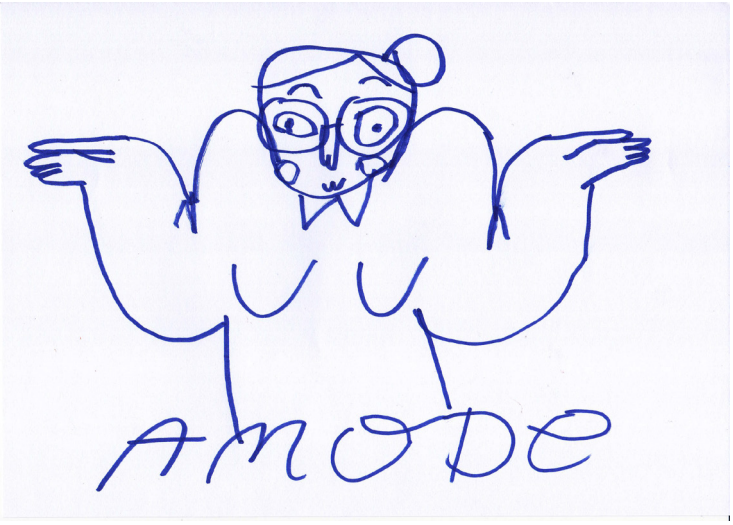
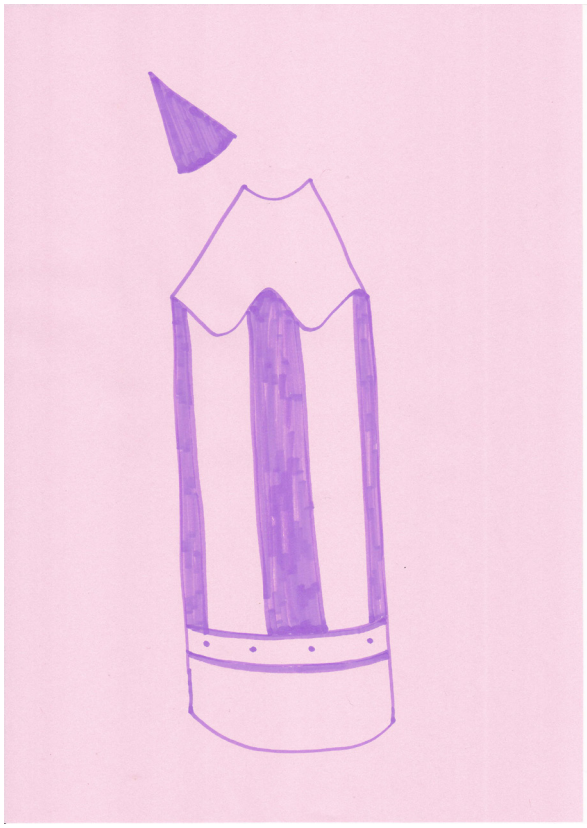


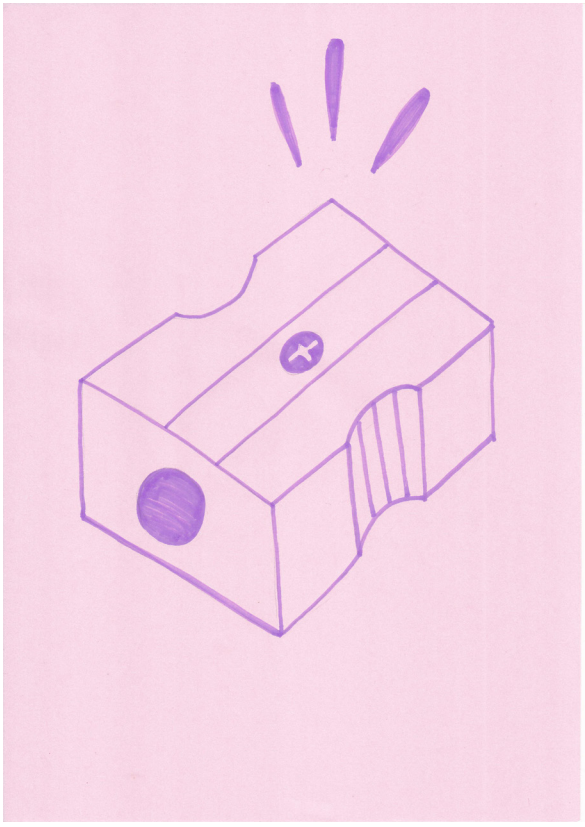

Ilustração feita para a palavra "Amode" que significa "à moda", esta palavra não é um regionalismo, mas faz parte do modo de falar na Gafanha da Encarnação, algo como sotaque.

# *Imagens usadas para Explicar Anteprojeto nos Centros de Dia*



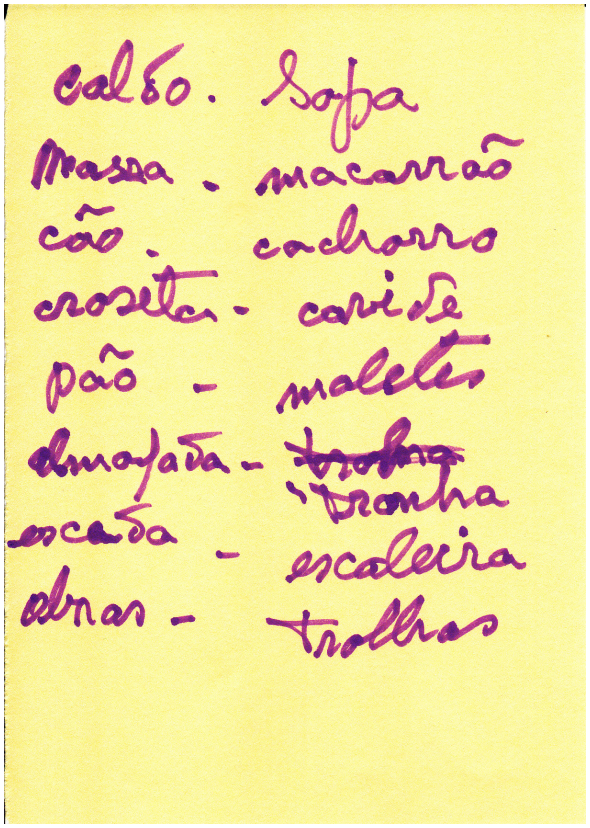



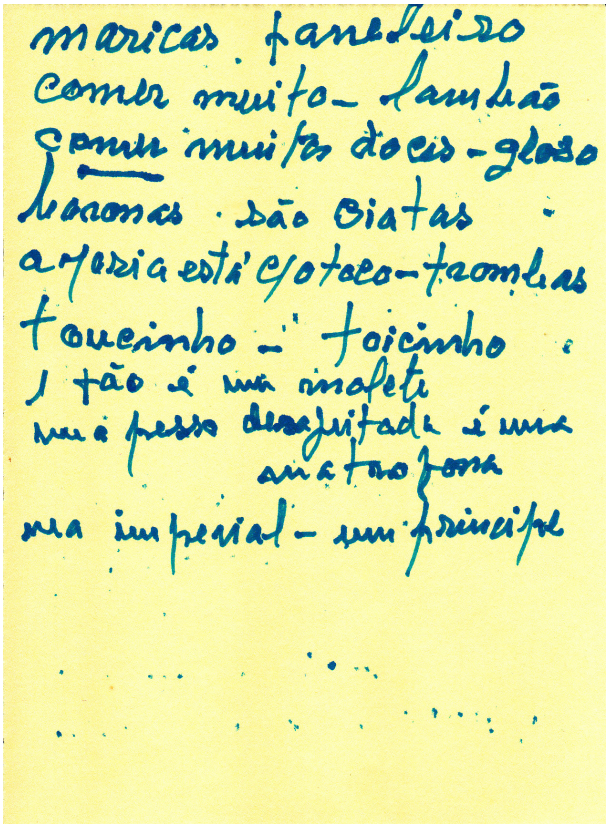


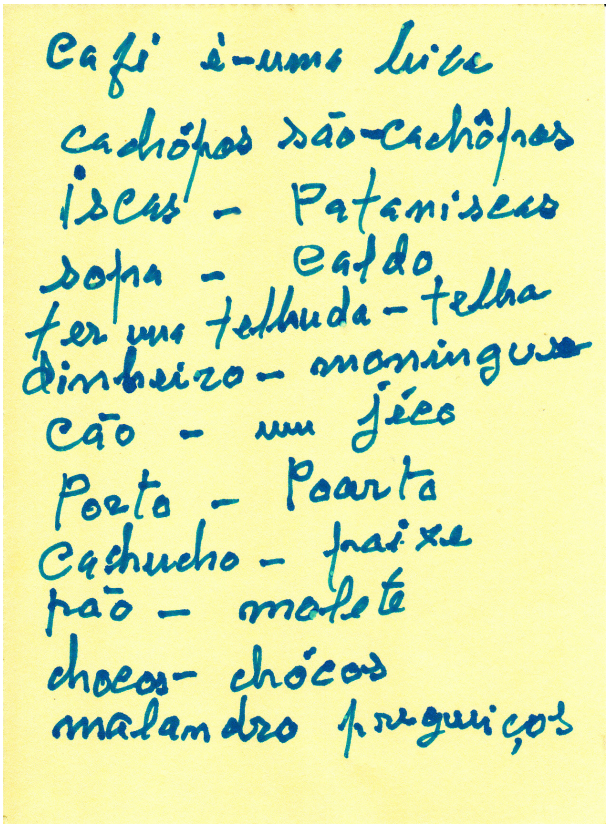


## Recolha Centro de Convívio da Corujeira

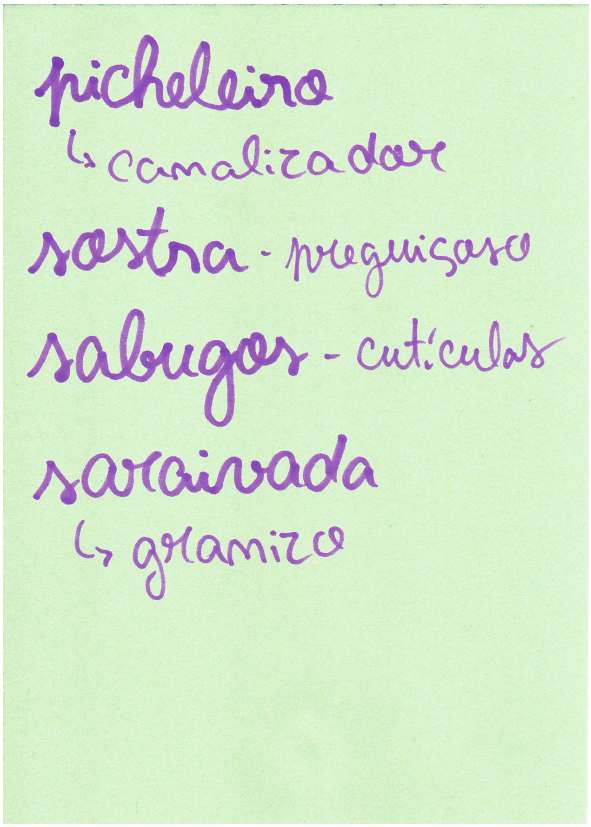


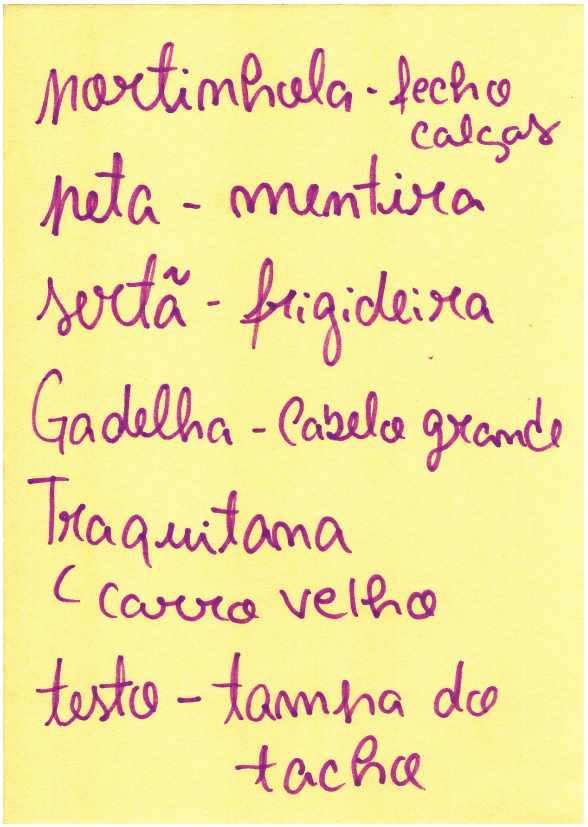



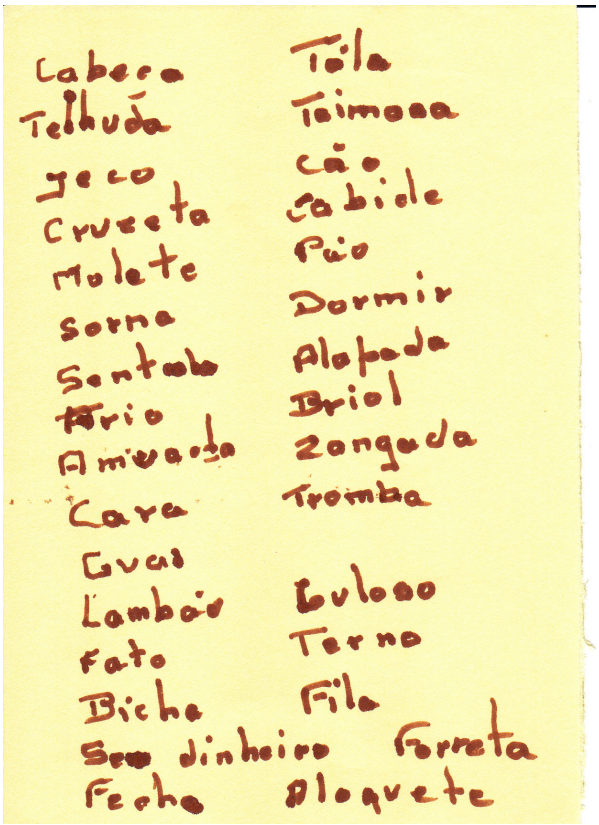



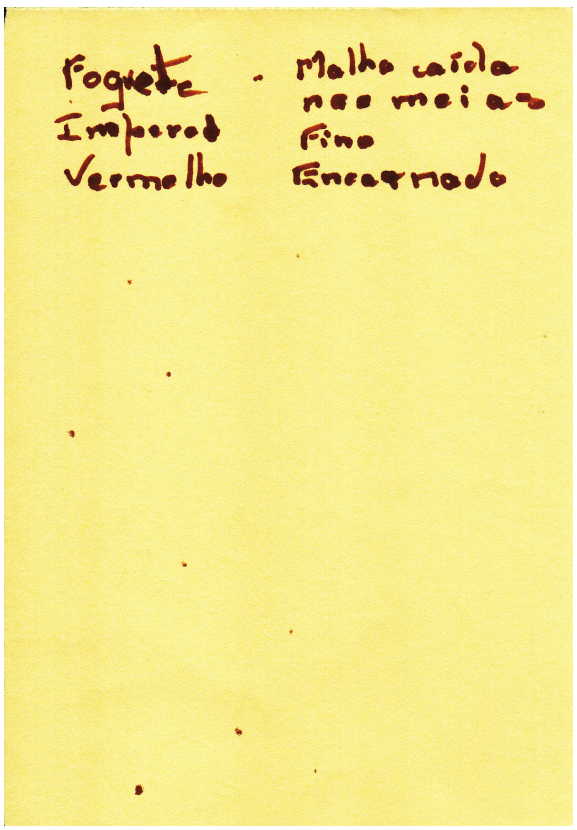



## Recolha Centro de Convívio da Corujeira

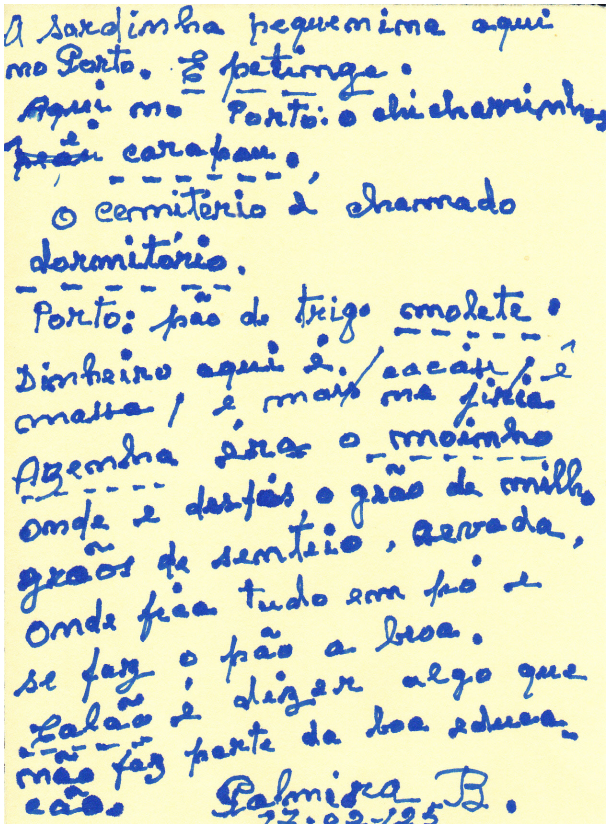


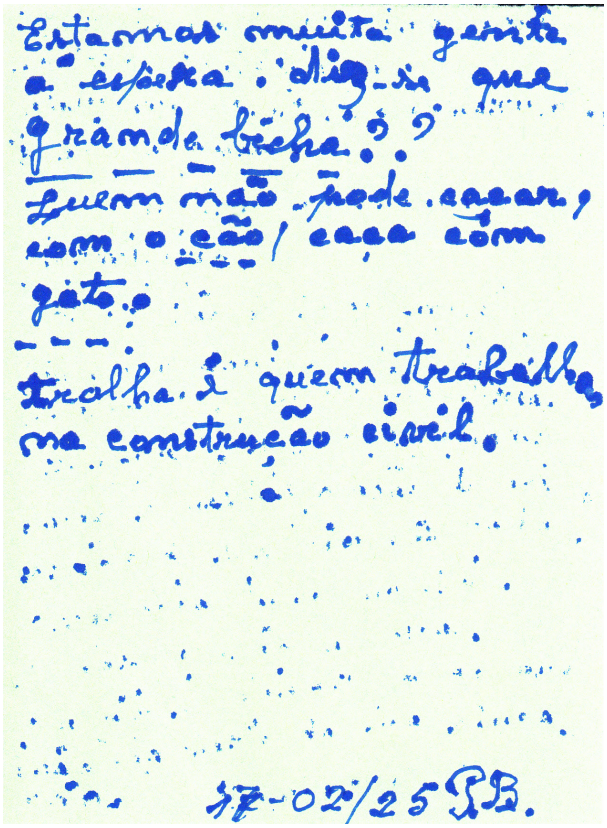



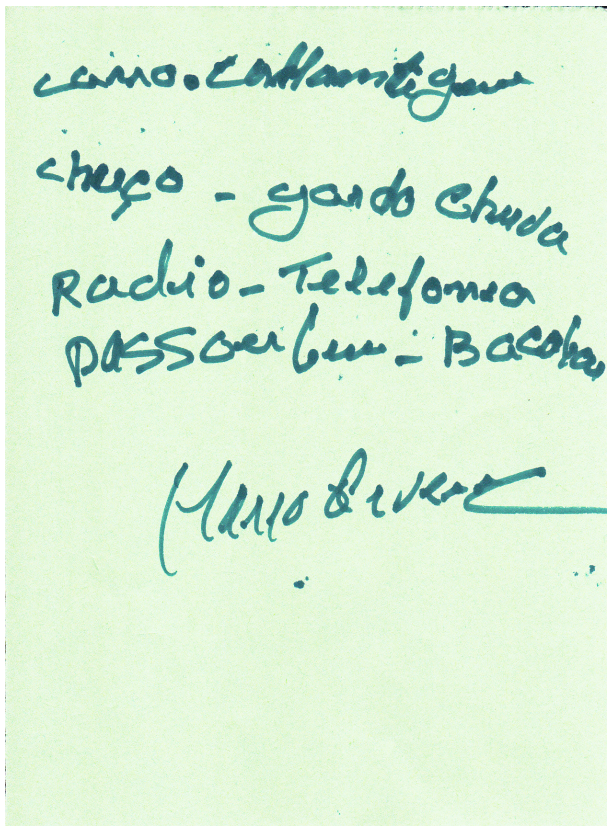



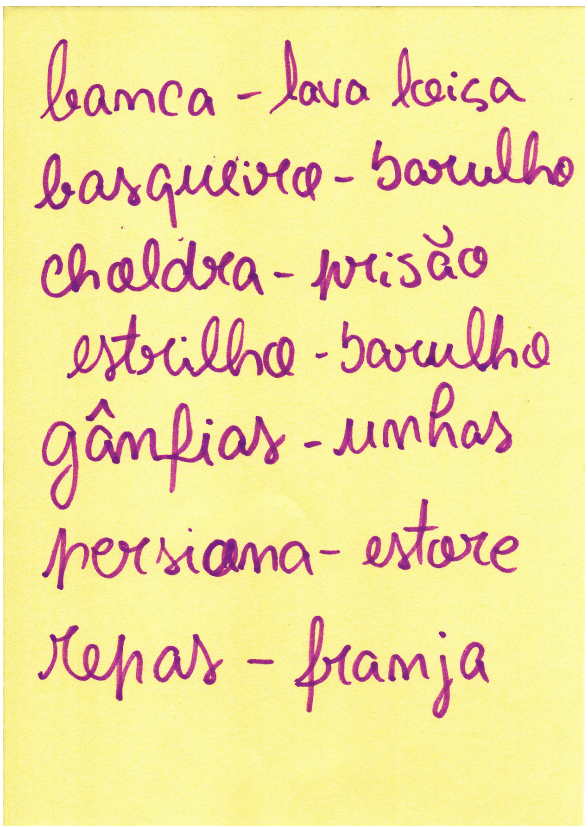



# Recolha Centro de Convívio da Corujeira

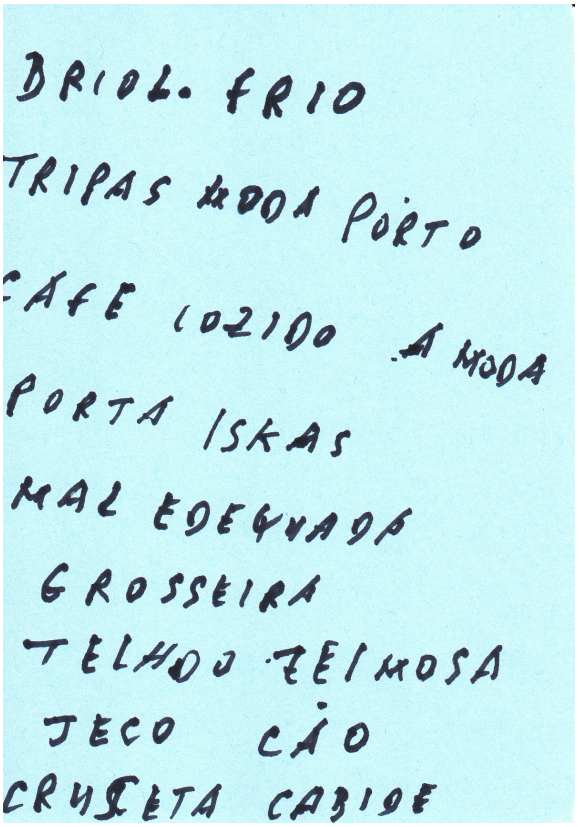

A sardinha pequenina aqui no Porto. É petinga.
Aqui no Porto: o chicharrinho é carapau.
O cemitério é chamado dormitório.
Porto: pão de trigo emolete.
Dinheiro aqui é: /cacau/ é massa / é mais na fábrica
Azenha para o moinho onde é dentro o grão de milho grãos de centeio, cevada, onde faz tudo com pão e se faz o pão a broa.
Falar é dizer algo que não faz parte da boa educação.
Palmeira B.

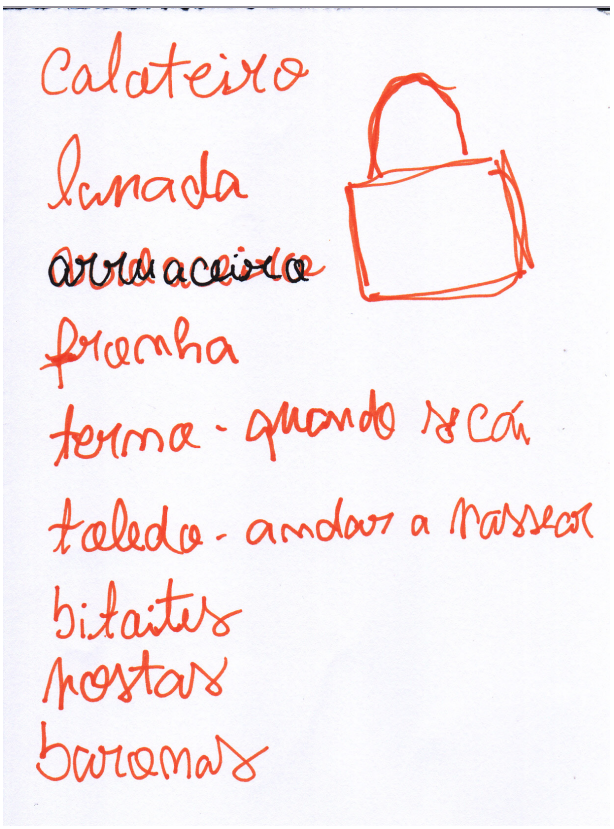

Estamos muita gente a espera. diz-se que grande brecha.??
Quem não pode caçar, com o cão / caça com gato.
Trolha é quem trabalha na construção civil.
17-02/25 RB.

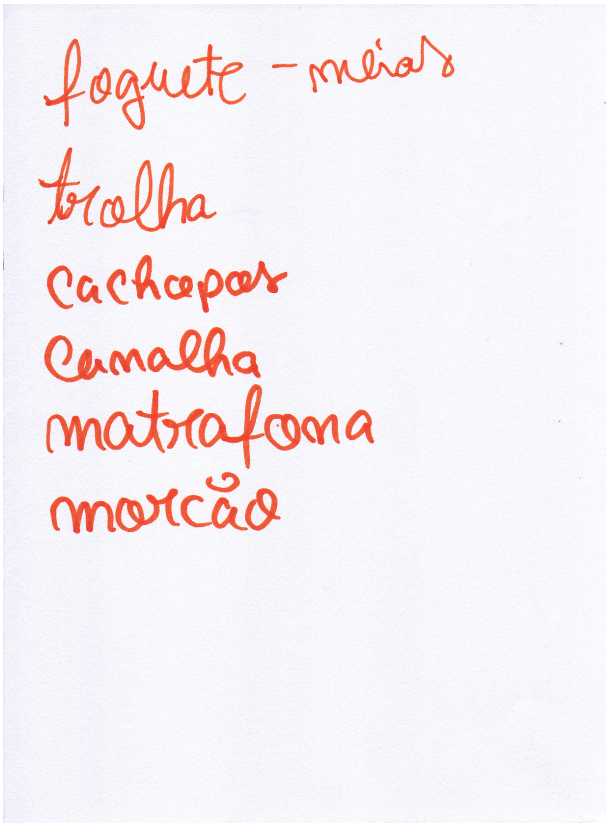

cano. Canalizador
cheço - gardo chuva
Radio - Telefone
passear bem - Bacalhau
Mário Rivera

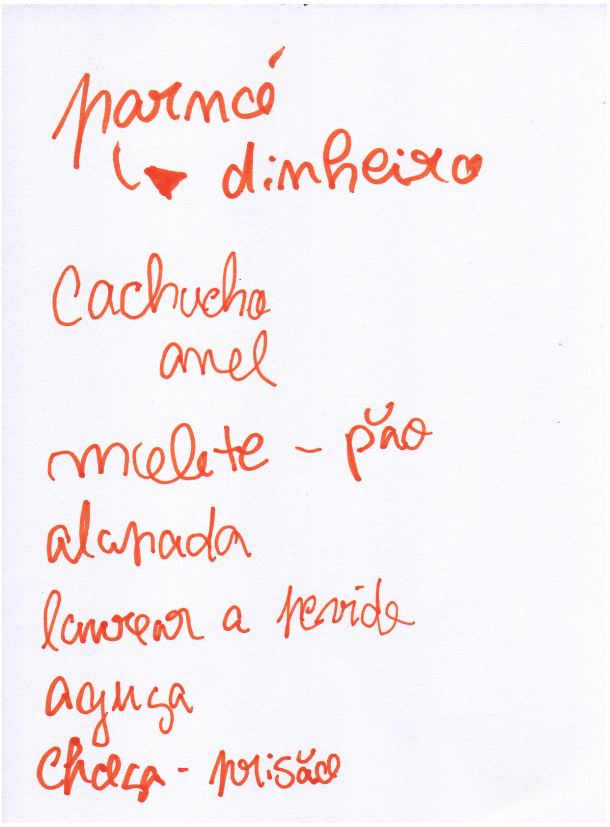

banca - lava loiça
basqueiro - barulho
chaldra - prisão
estrilho - barulho
gânfias - unhas
persiana - estore
repas - franja

## Recolha Centro de Convívio da Corujeira

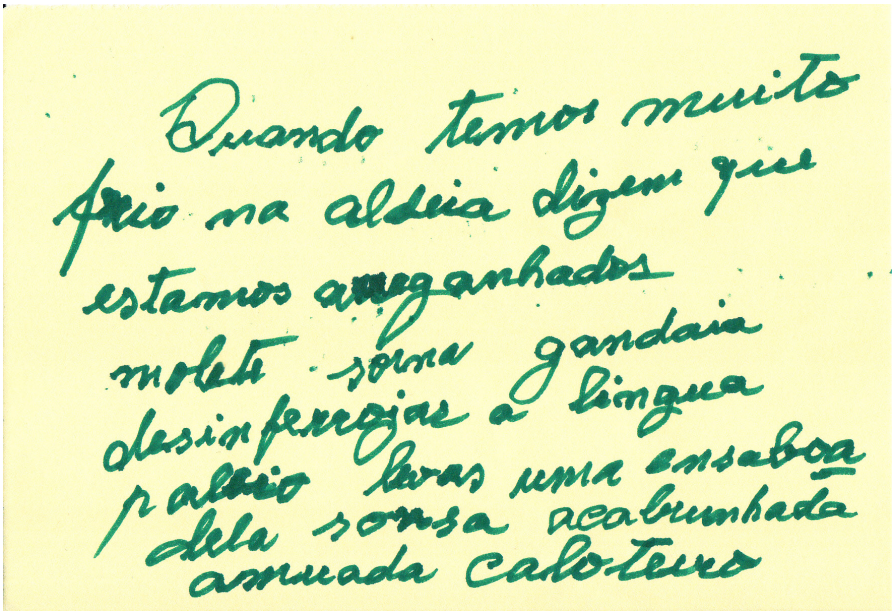


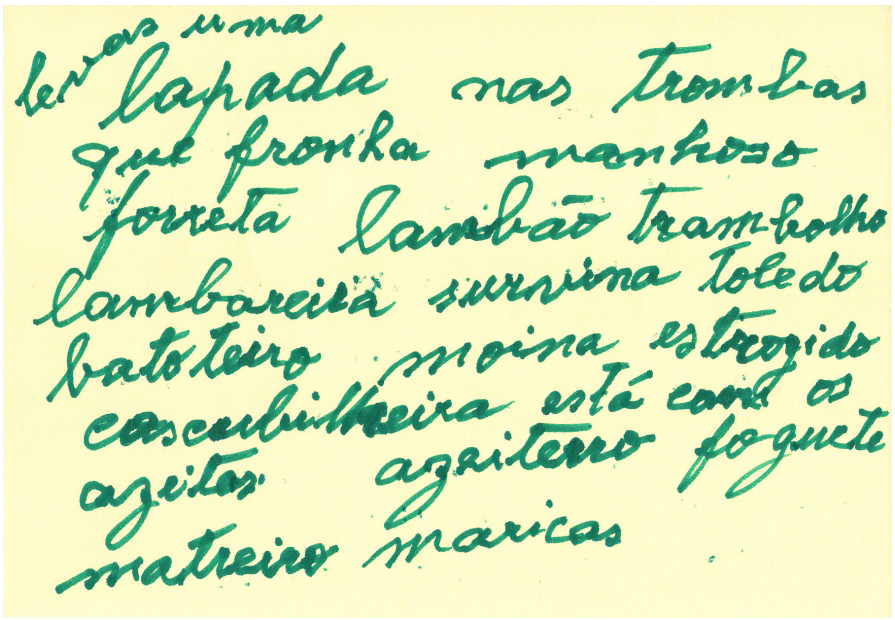



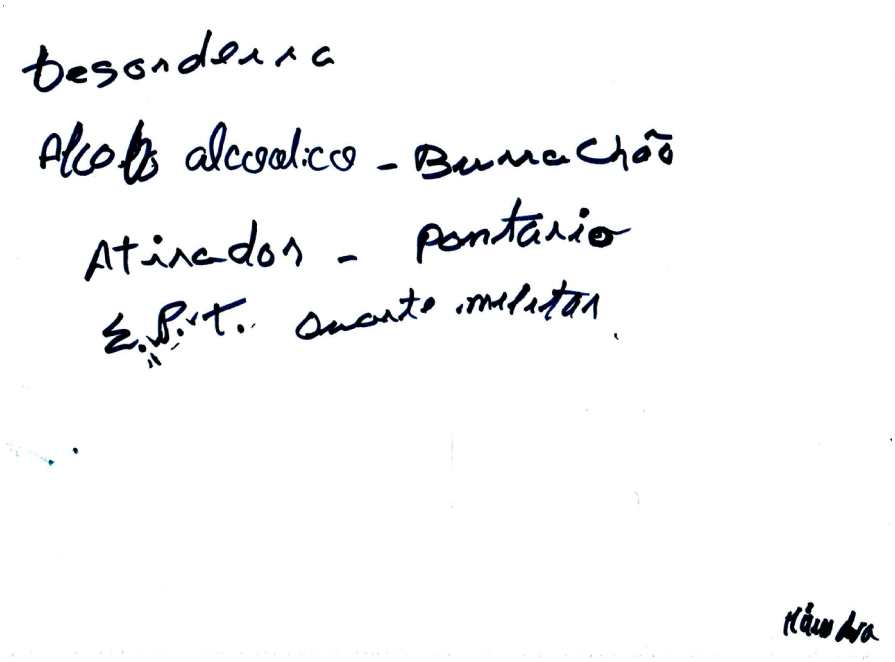



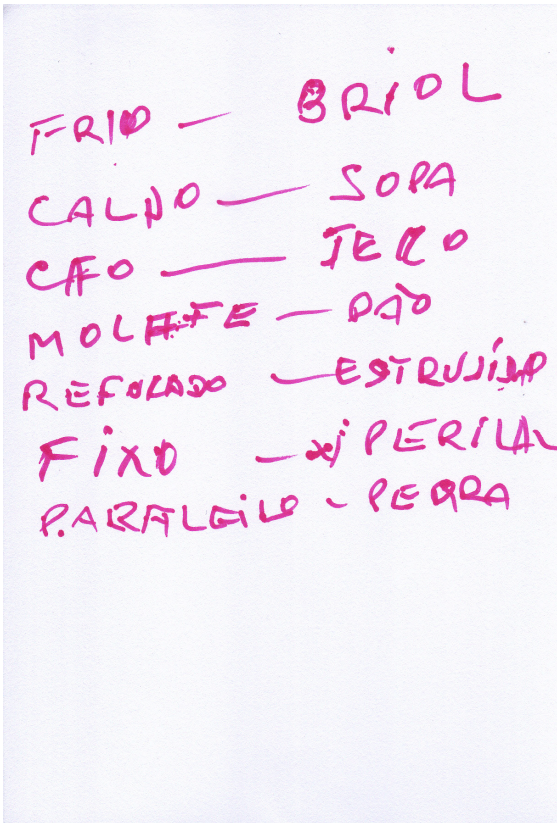
## Recolha Centro de Convívio da Corujeira



## Recolha Centro de Convívio da Corujeira



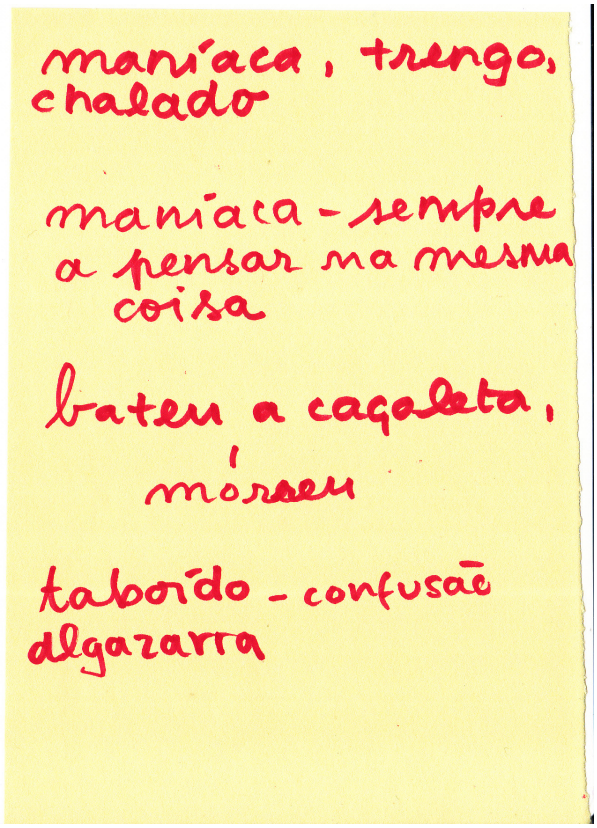
## *Recolha Centro de Convívio da Corujeira*

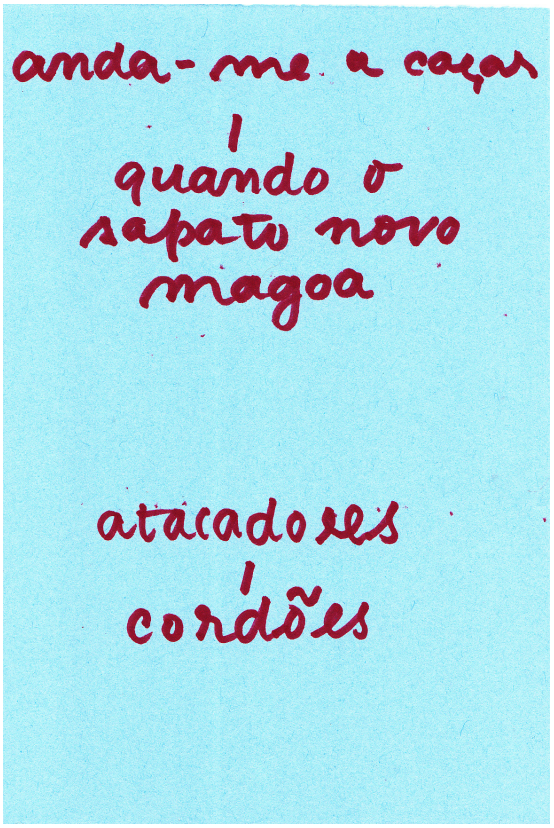
A Maria está com o toco – trombas
Acabrunhada – abatida/triste
Aguça – afia
Alapada – sentada
Aloquete – fecho
Amuada – triste
Arreganhados – frio
Arruaceiro – participar em confusões
Azeiteiro – parolo
Bacalhau – passou bem
Banca – lava loiça
Baronas – beatas do cigarro
Basqueiro – barulho
Bitaites – palpites
Bixa – fila
Borrachão – alcoólico
Briol – frio
Bus – autocarro
Cachopos – crianças
Cachucho – anel grosso ou peixe
Café – bica
Caldo – sopa
Calhambeque – carro
Caloteiro – pessoa que tem dividas
Campo sagrado – cemitério
Canalha – crianças
Chocos – chócos
Choldra – prisão
Choça – prisão
Chuço – guarda chuva
Coscuvilheira – que faz mexericos
Cozido à moda do porto
Cruzeta – cabide
Desenferrujar a língua – cuscar
Escaleira – escada
Está com os azeites – chateado
Estrilho – barulho
Estrugido – refogado
Fino – imperial/cerveja
Foguete – rasgão na meia
Forreta – sem dinheiro
Fronha – almofada/cara
Fusca – arma
Gadelha – cabelo grande
Gandaia – andar na festa
Gânfias – unhas
Grizar – rir
Grosseira – mal educada
Guloso – comer muitos doces
Iscas – pataniscas
Jeco – cão
Lambão – comer muito
Lambareira – comilão
Lapada – chapada
Laurear a pevide – passear
Levas uma ensaboadela – levar uma chapada
Levas uma lapada nas trombas – chapada na cara
Malandro – preguiçoso
Maricas – homosexual
Massa – macarrão
Matrafona – pessoa desajeitada
Matreiro – manhoso
Moina – borga
Molete – pão
Morcão – pessoa burra
Naifada – facada
Paleio – falar
Paralelo – pedra
Parnó – dinheiro
Persiana – estore
Peta – mentira
Picheleiro – canalizador
Pinchar – saltar
Poorto – porto
Portinhola – fecho das calças
Príncipe – imperial
Rádio – telefonia
Repas – franja

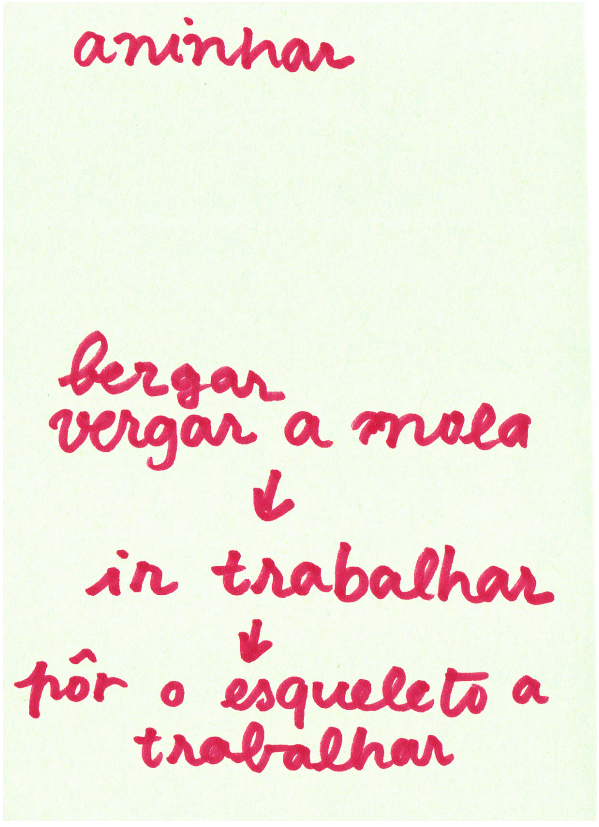
Sabugos – cutículas
Saraivada – granizo
Sertã – frigideira
Sonsa – pessoa falsa
Sorna – dormir
Sostra – preguiçoso
Sovina – não quer gastar dinheiro
Telhuda – teimosa
Terno – quando se caí
Testo – tampa da panela
Toicinho – toucinho
Tola – cabeça
Toledo – passear
Trafulha – batoteiro
Traquitana – carro velho
Tripas à moda do porto
Trólei – carro elétrico
Trolha – trabalhador das obras
Tromba – cara
Trombado – fronha
Vermelho – encarnado

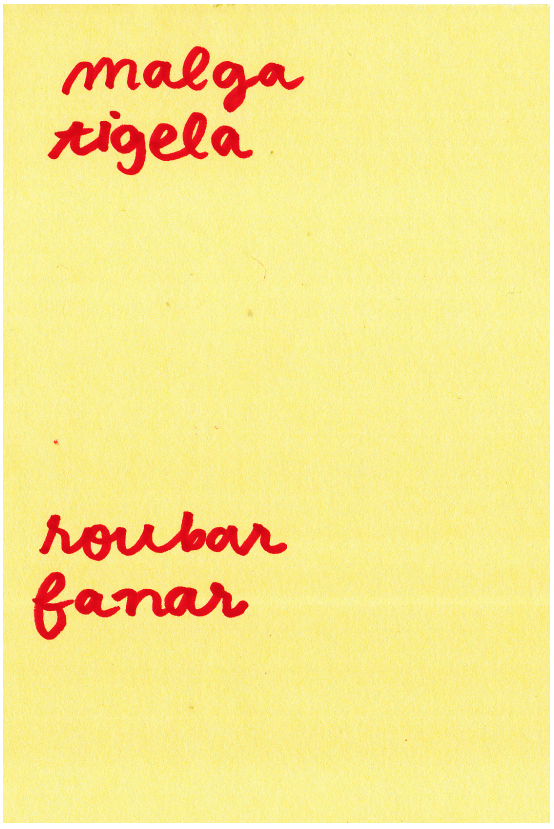
A sardinha pequenina aqui no Porto, é petinga.
Aqui no Porto: chicharrinhos é carapau.
O cemitério é chamado dormitório.
Porto: pão de trigo molete.
Dinheiro aqui é cacau, e massa, é gíria.
Azenha era o moinho, onde se desfaz o grão de milho, grãos de centeio, cevada, onde fica tudo em pó e se faz o pão broa.
Estamos muito gente à espera. Diz-se que grande bicha.
Quem não pode caçar com cão, caça com gato.
Trolha é quem trabalha na construção civil.
Quando temos muito frio na aldeia dizem que estamos arreganhados

## Recolha Centro de Dia Senhor do Bonfim – Associação de Solidariedade Social

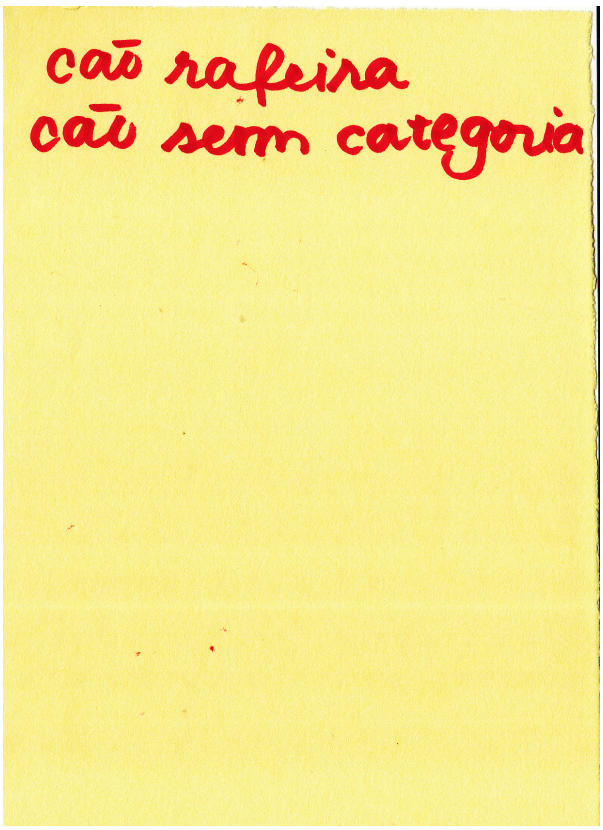


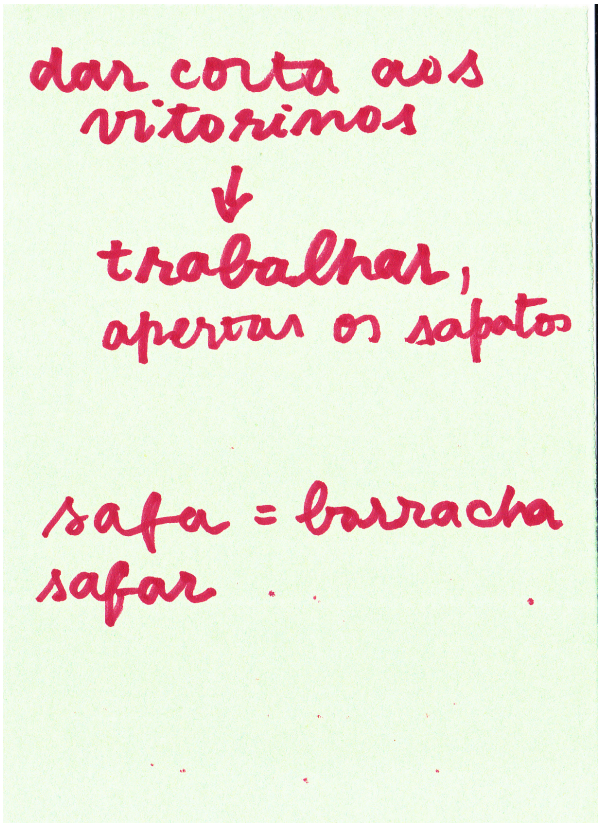



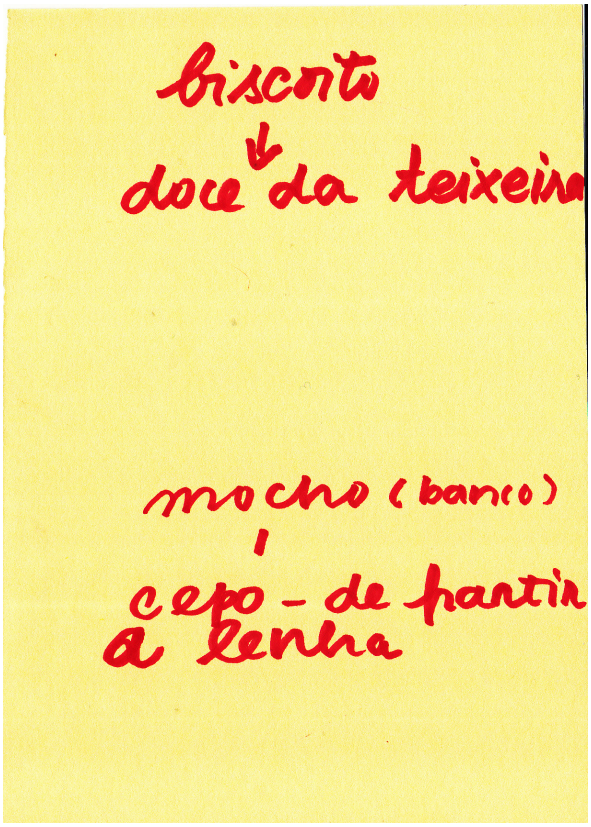



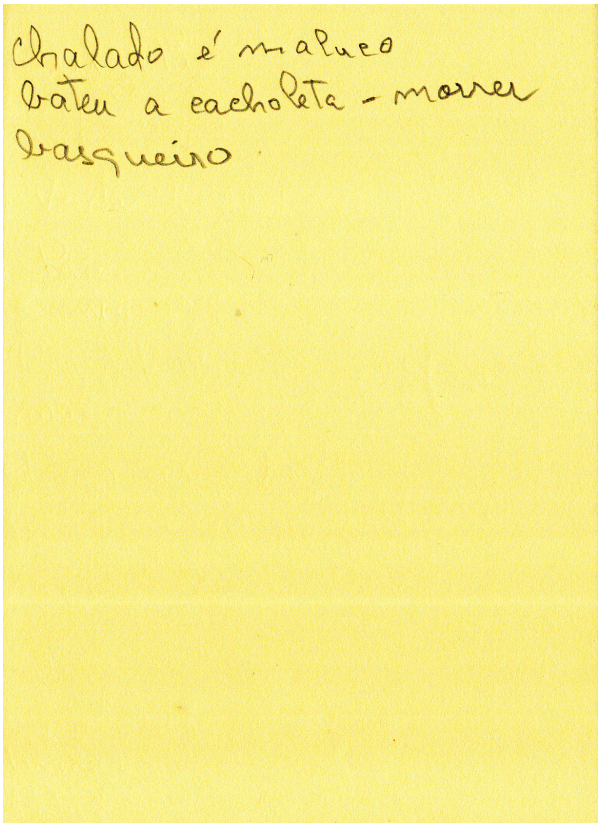



## Recolha Centro de Dia Senhor do Bonfim – Associação de Solidariedade Social

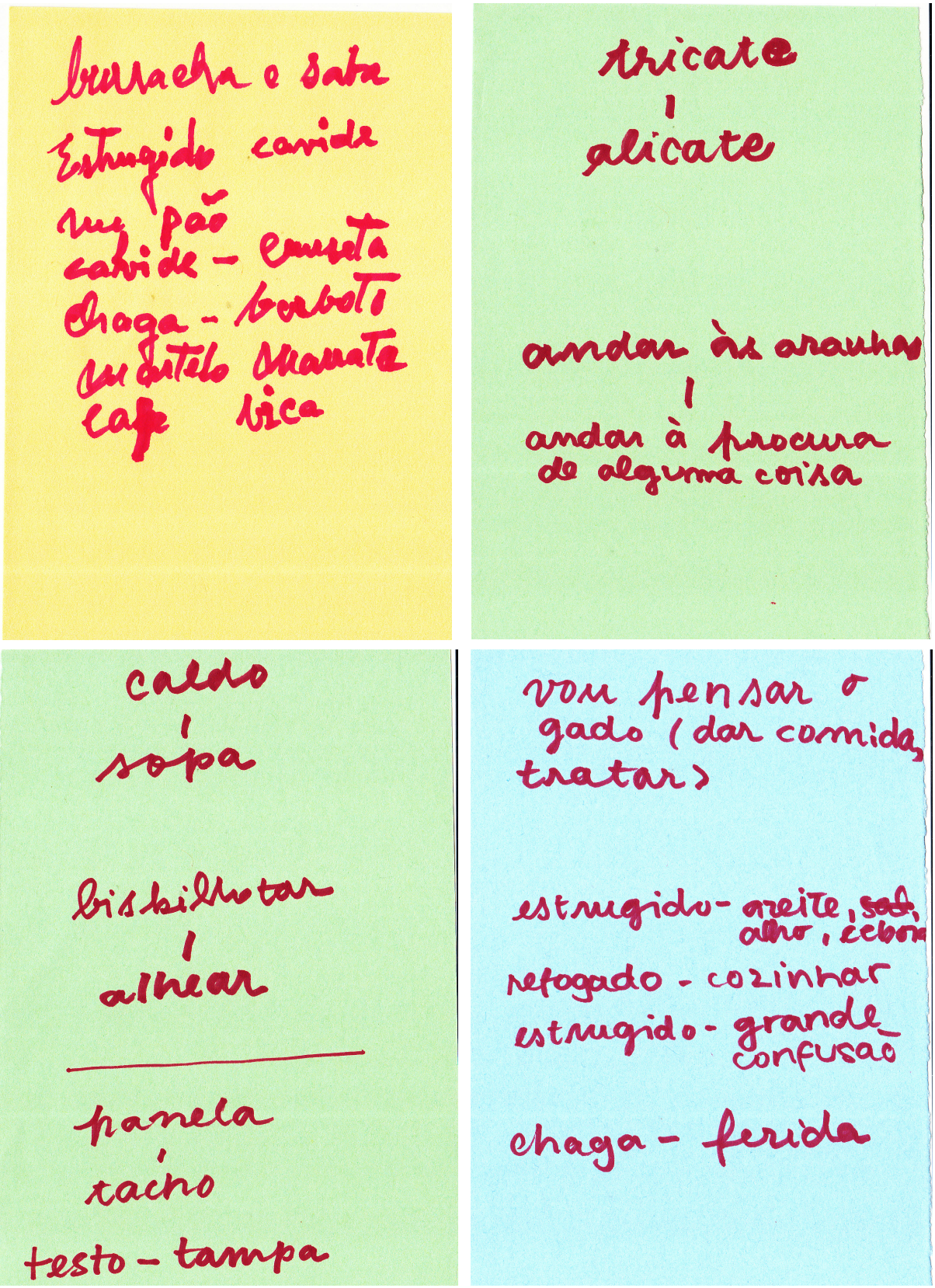


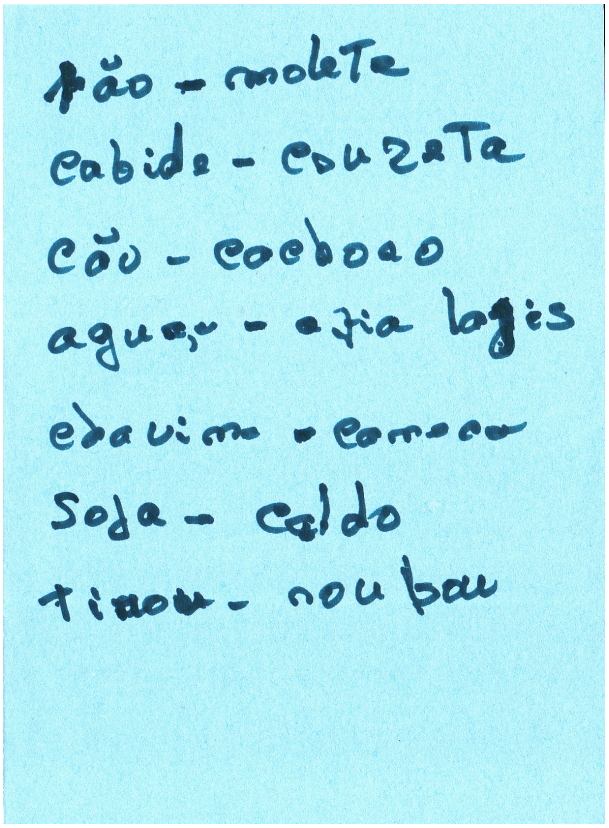



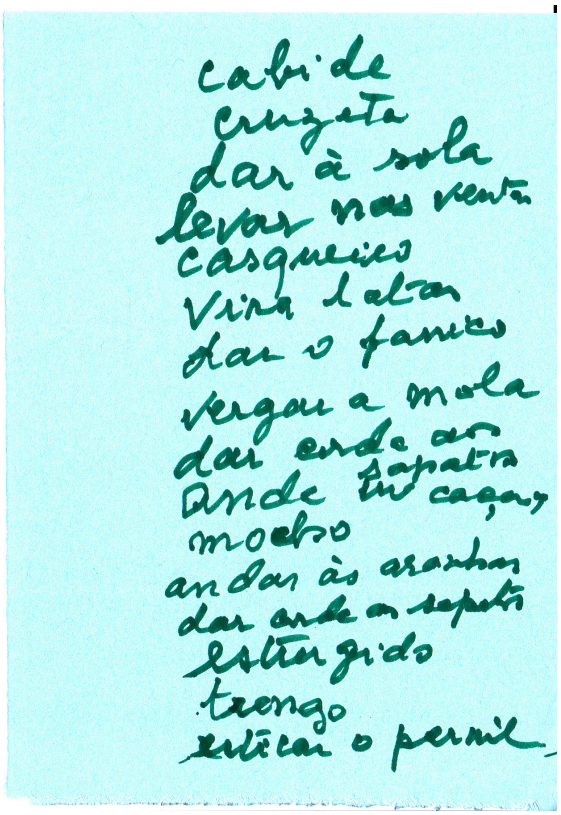



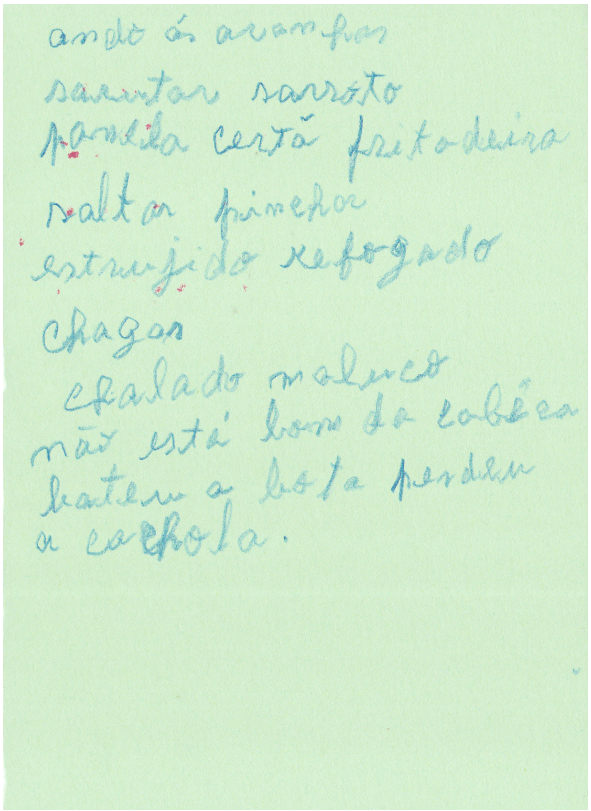
## Recolha Centro de Dia Senhor do Bonfim – Associação de Solidariedade Social

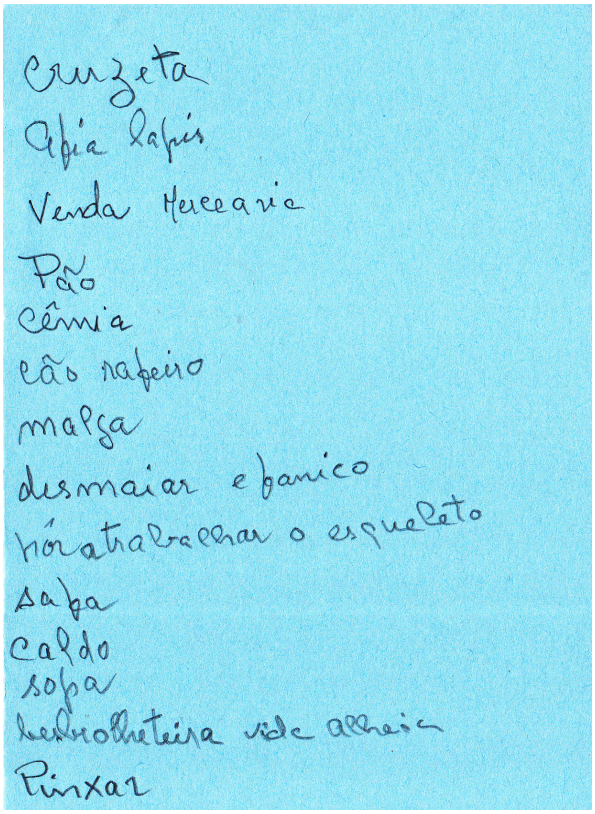


## Recolha Centro de Dia Senhor do Bonfim – Associação de Solidariedade Social

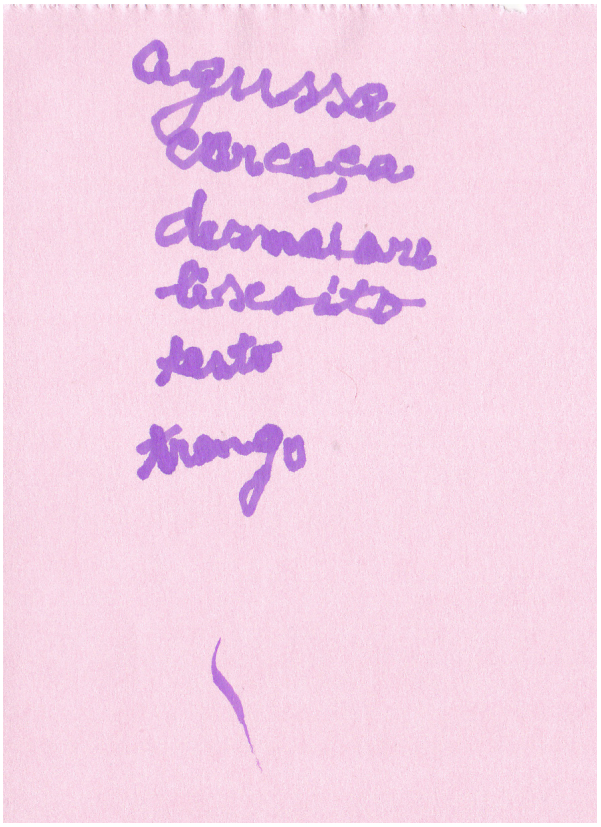


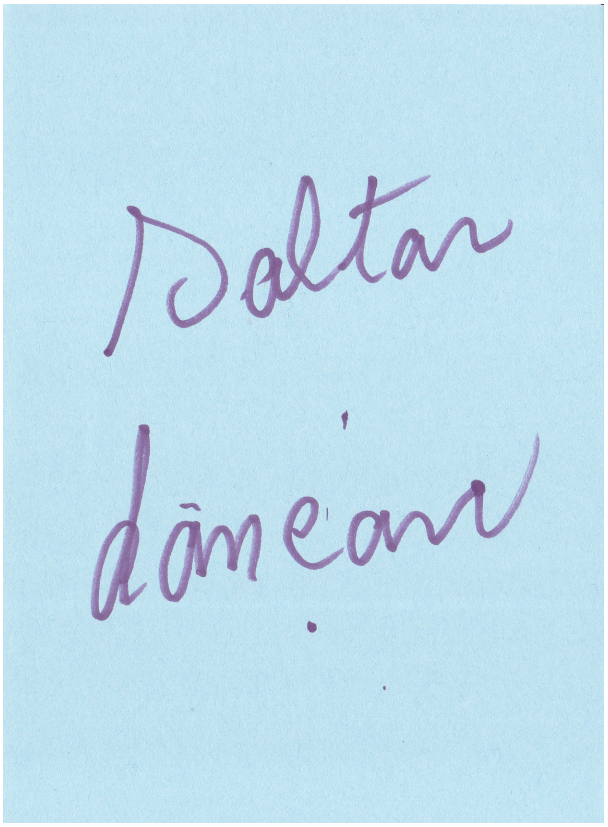



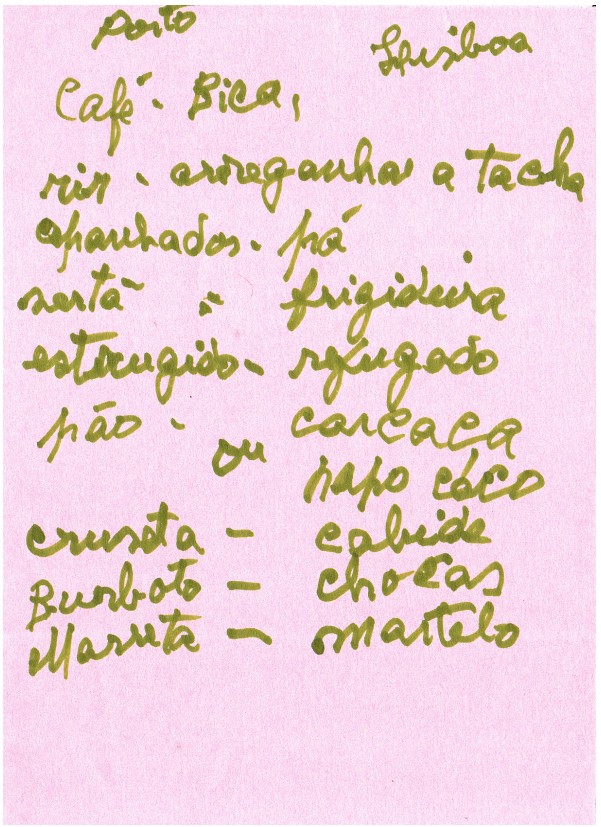



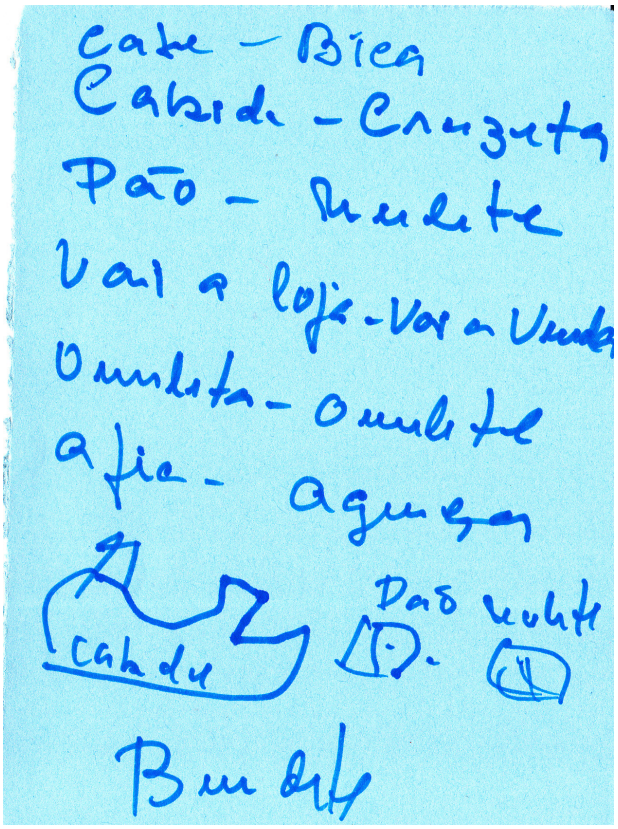



## Recolha Centro de Dia Senhor do Bonfim – Associação de Solidariedade Social

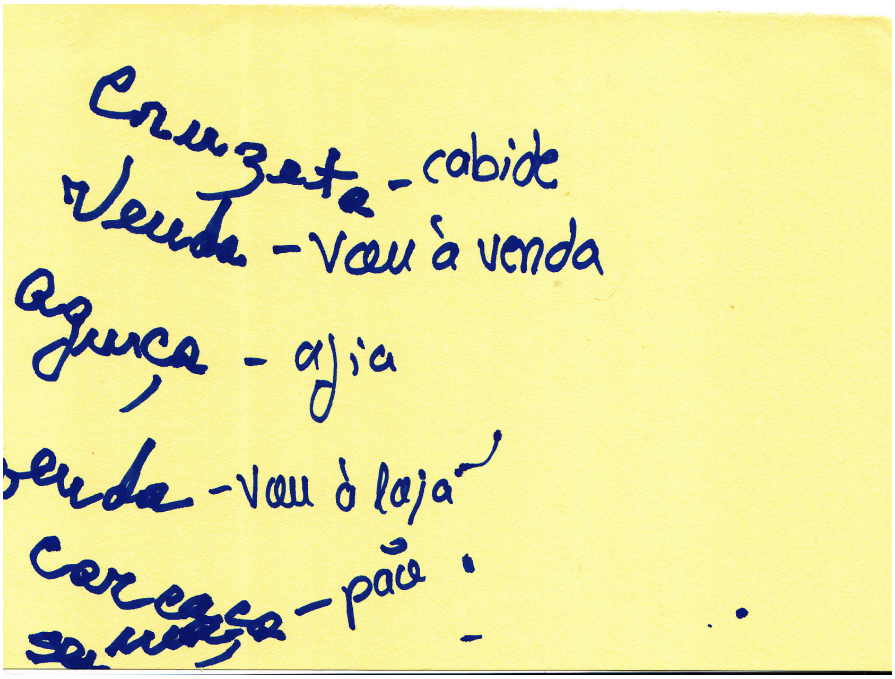


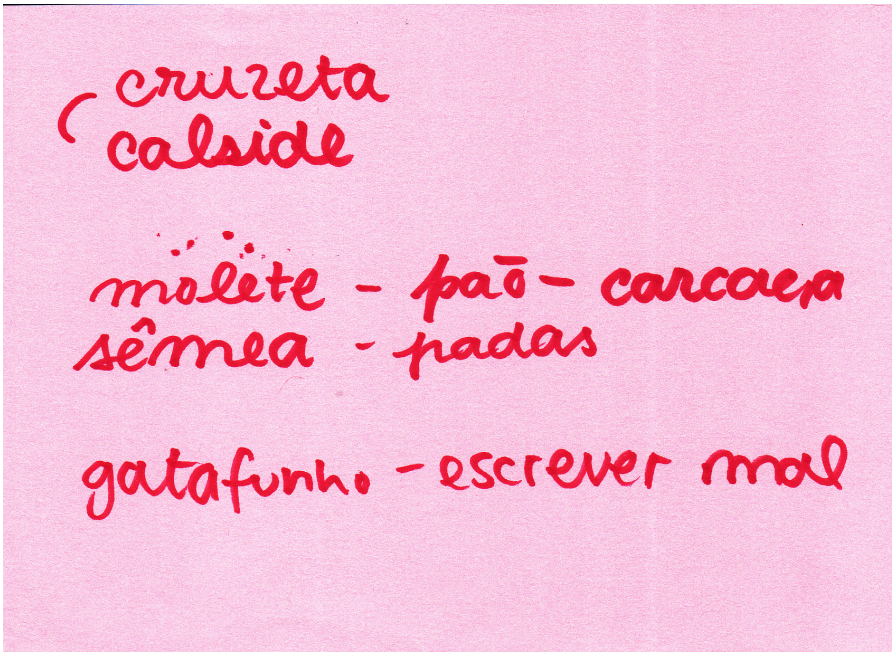



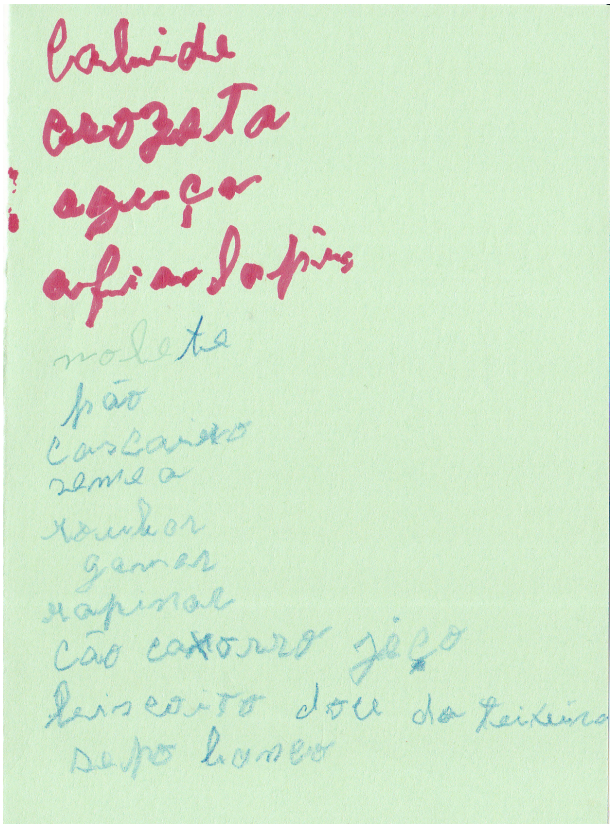



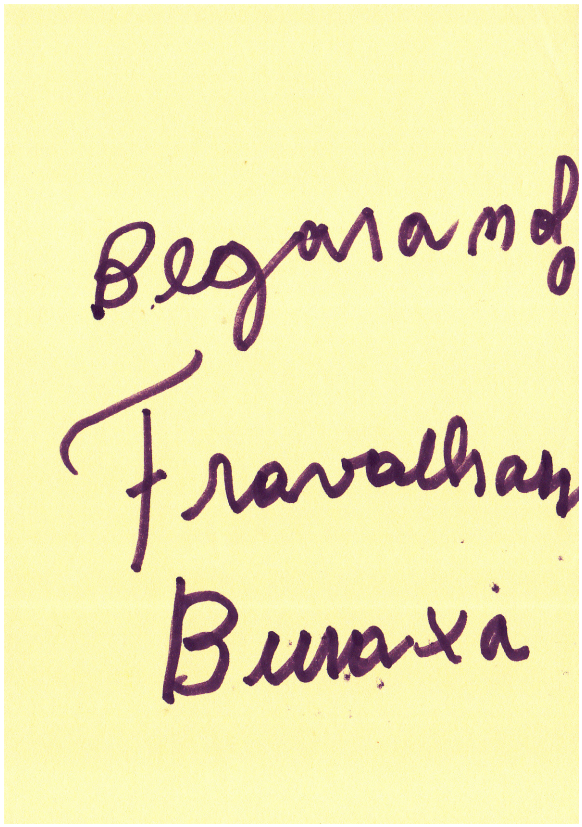
## Recolha Centro de Dia Senhor do Bonfim – Associação de Solidariedade Social

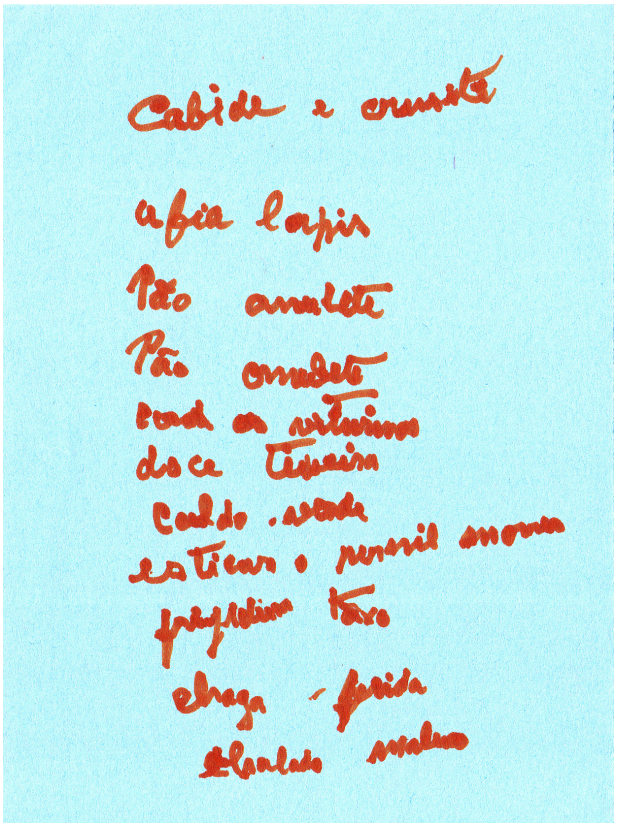


## Recolha Centro de Dia Senhor do Bonfim – Associação de Solidariedade Social



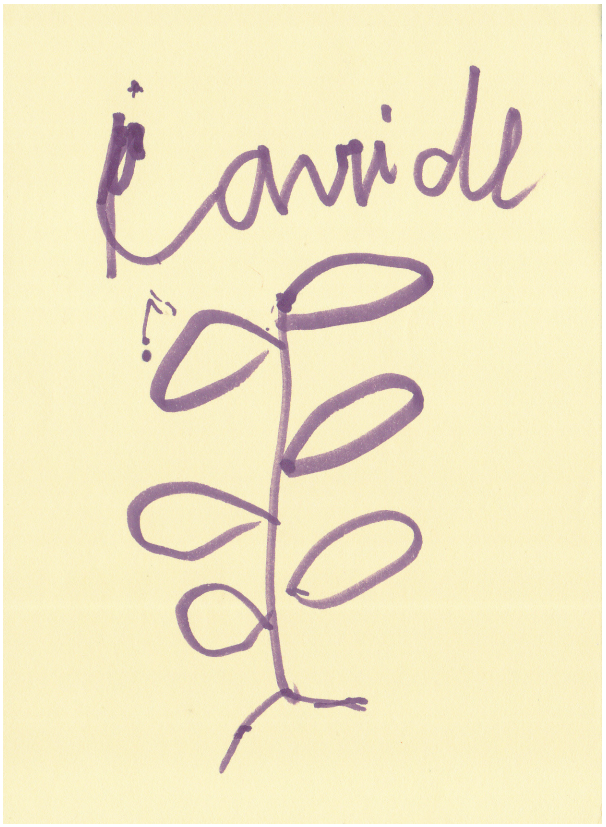



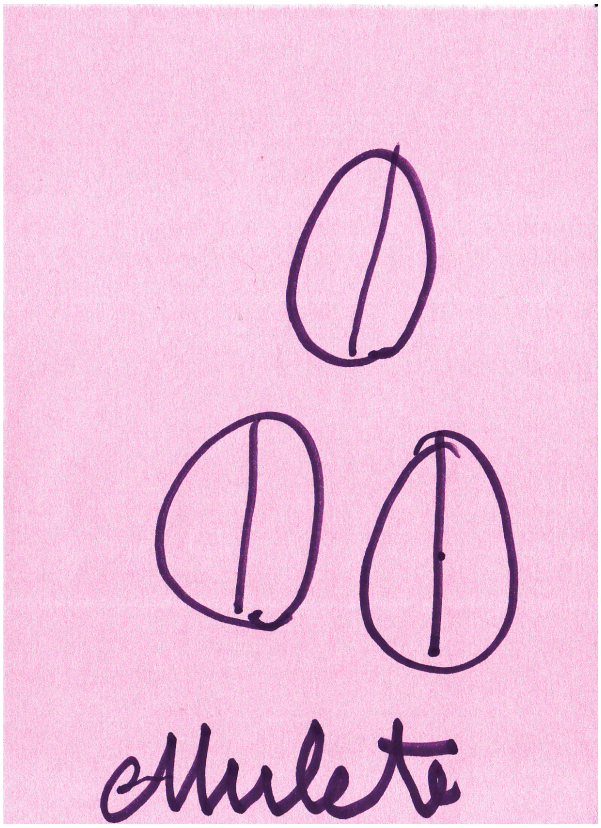
## *Recolha Centro de Dia Senhor do Bonfim – Associação de Solidariedade Social*

Aguça – afia
Alhear – bisbilhotar
Anda-me a caçar – quando o sapato novo magoa
Andar às aranhas – andar à procura de algo
Aninhar – encolher
Arreganhar a tacha – rir muito
Atacadores – cordões
Basqueiro – barulho
Basqueiro – muito barulho
Bateu a bota – morreu
Bateu a caçoleta – morreu
Bisbilhoteira – vida alheia
Biscoito – doce da Teixeira
Burboto – chocas
Cimbalino – café
Caldo – sopa
Chaga – ferida aberta
Chagar – chatear
Chalado – maluco
Cruzeta – cabide
Cusqueiro – pessoa cusca
Dar à sola – fugir da situação
Dar corda aos vitorinos – fugir, despachar
Dor o fanico – sentir-se mal
Esticar o pernil – morrer
Estrugido – refogado
Fanar – roubar
Fanico – desmaiar
Gamar – roubar
Gatafunho – escrever mal
Jeco – cão
Levar nas ventas – levar na cara
Malga – tigela
Maníaca – obcecada
Marreta – martelo
Mocho – banco de assento, sem encosto, e destinado a uma só pessoa
Mocho – banco de madeira
Molete – pão
Omelete – omeleta
Perdeu a cachola – ficou maluco
Pinchar – saltar
Pôr a trabalhar o esqueleto- trabalhar
Rapinar – roubar
Safa – borracha
Safar – apagar
Saroto – cauda cortada
Sertã – frigideira
Tacho – panela
Testo – tampa da panela
Trengo – pessoa desajeitada
Tricate – alicate
Vai à venda – vai à loja
Venda – mercearia
Vergar a mola – trabalhar
Vira lata – cão sem raça
Vou pensar o gado – dar de comida aos animais, tratar deles

## Recolha Centro de Dia Senhor do Bonfim – Associação de Solidariedade Social

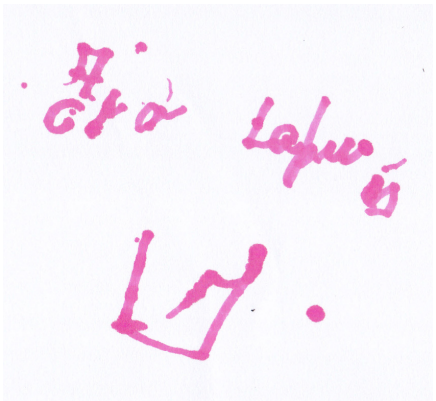


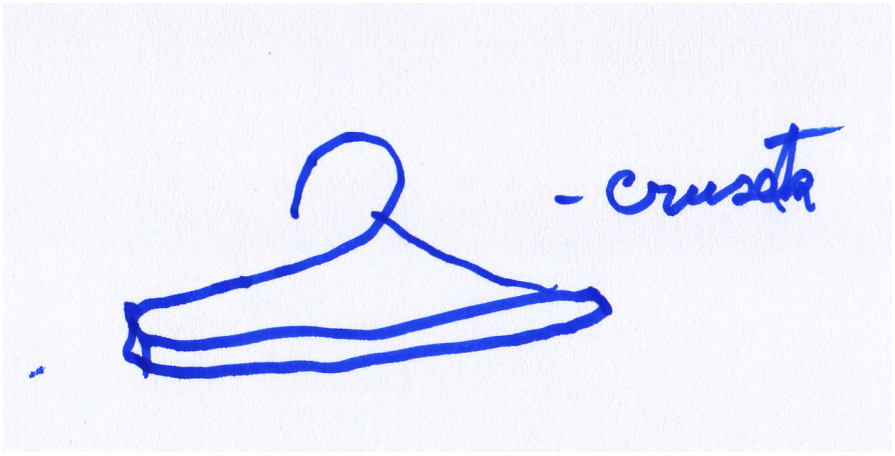


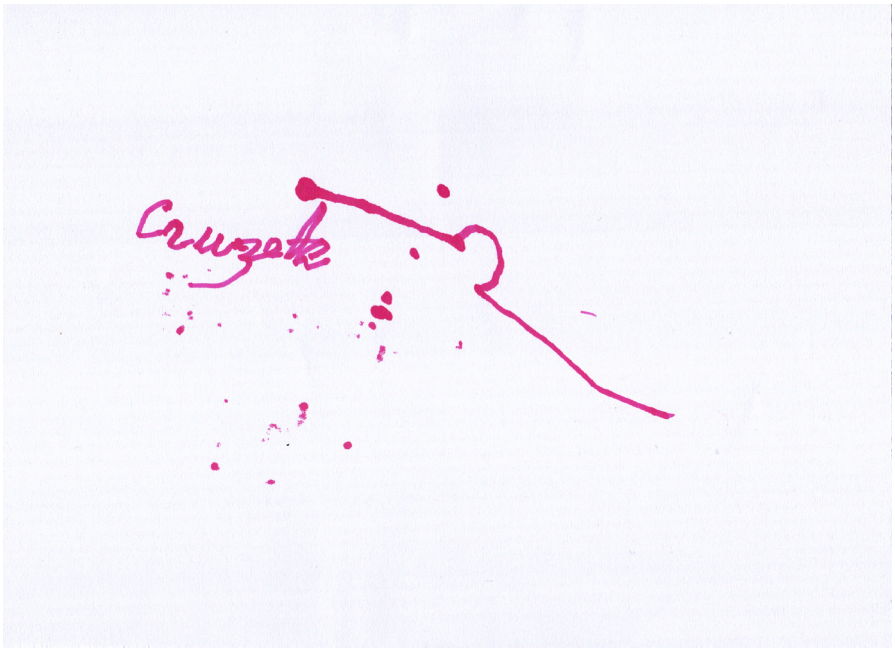


## Recolha Centro de Dia Senhor do Bonfim – Associação de Solidariedade Social

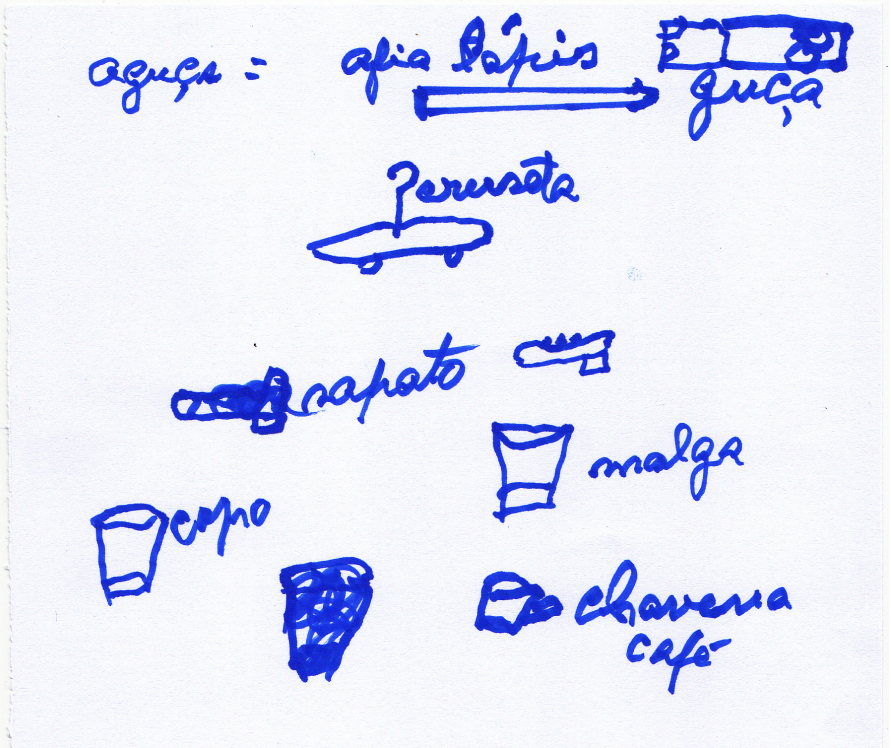


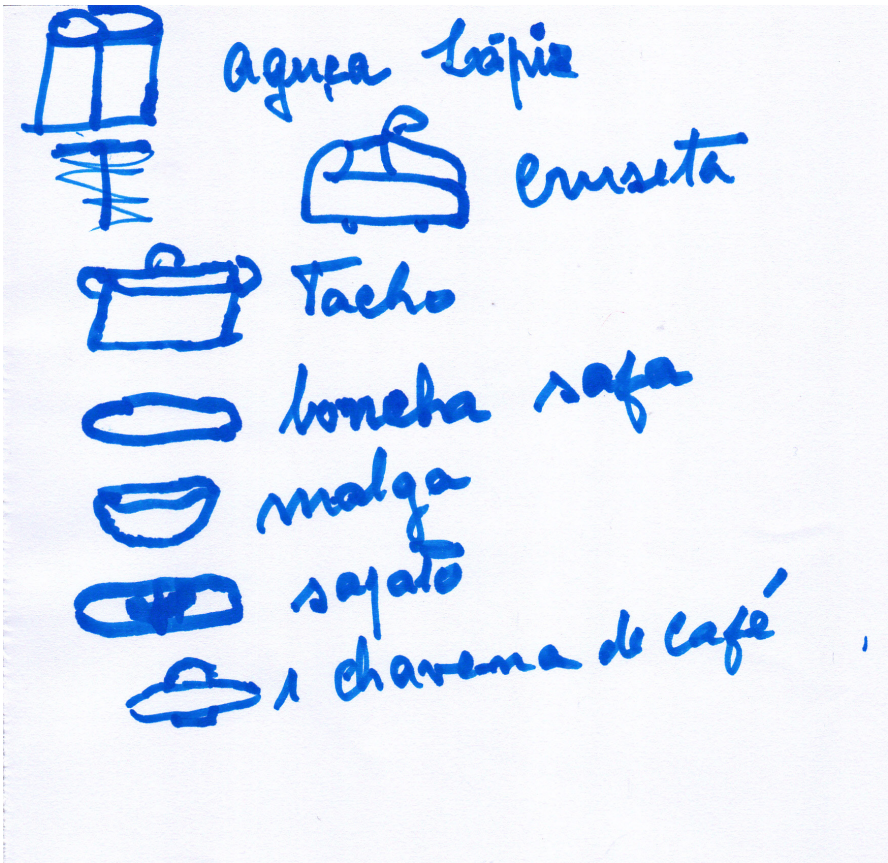





## Recolha Centro de Dia Senhor do Bonfim – Associação de Solidariedade Social



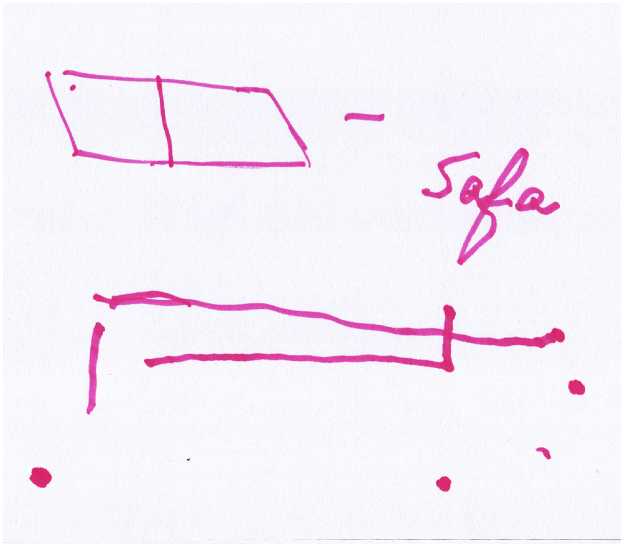
## Recolha Centro de Dia Senhor do Bonfim – Associação de Solidariedade Social

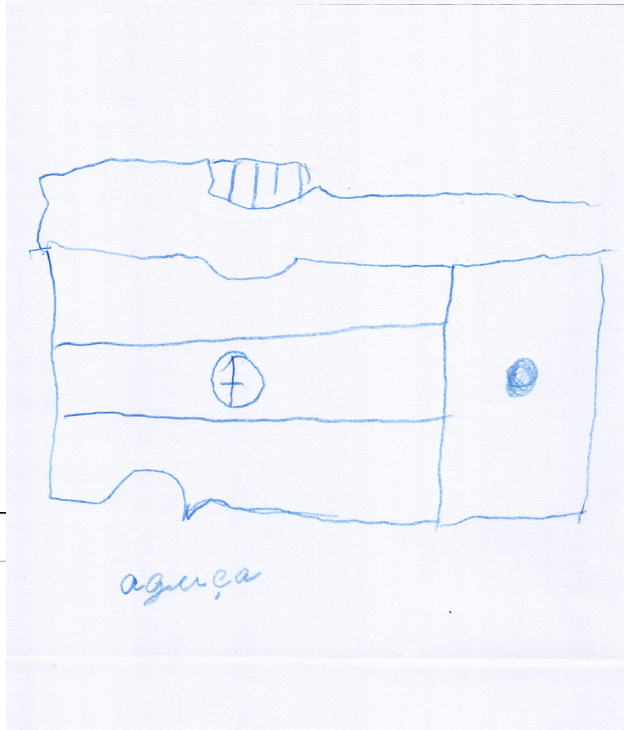


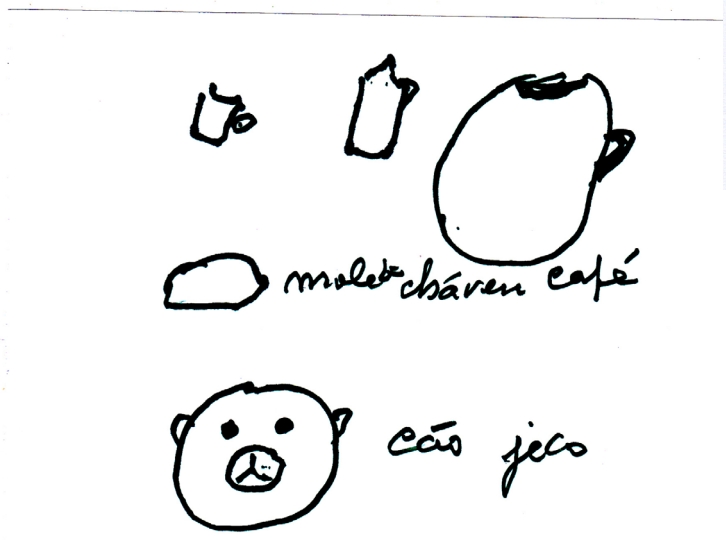



## Recolha Centro de Dia Senhor do Bonfim – Associação de Solidariedade Social

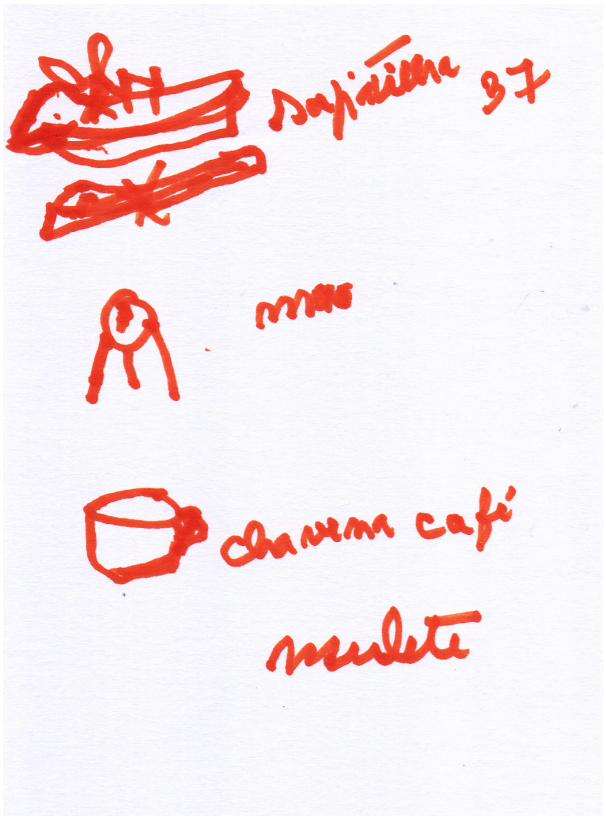


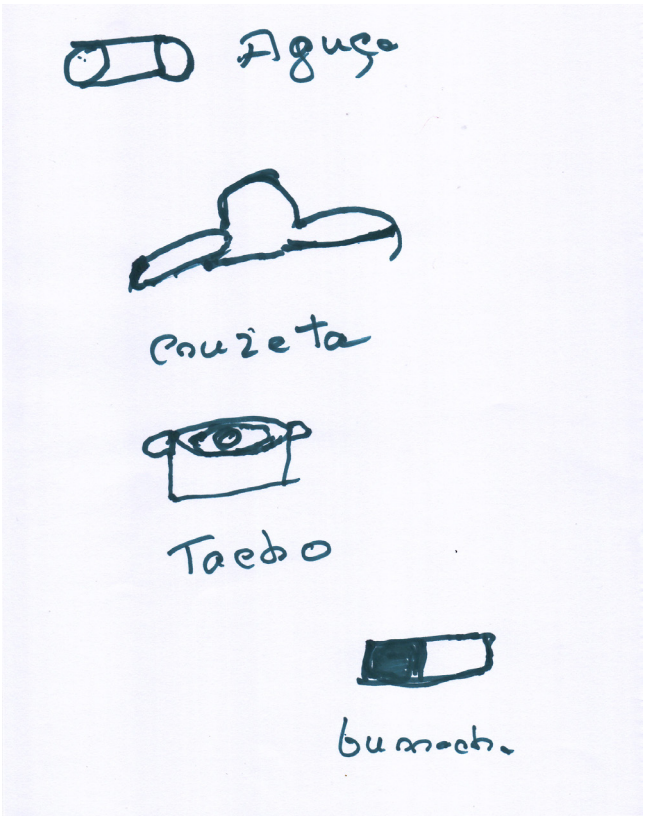



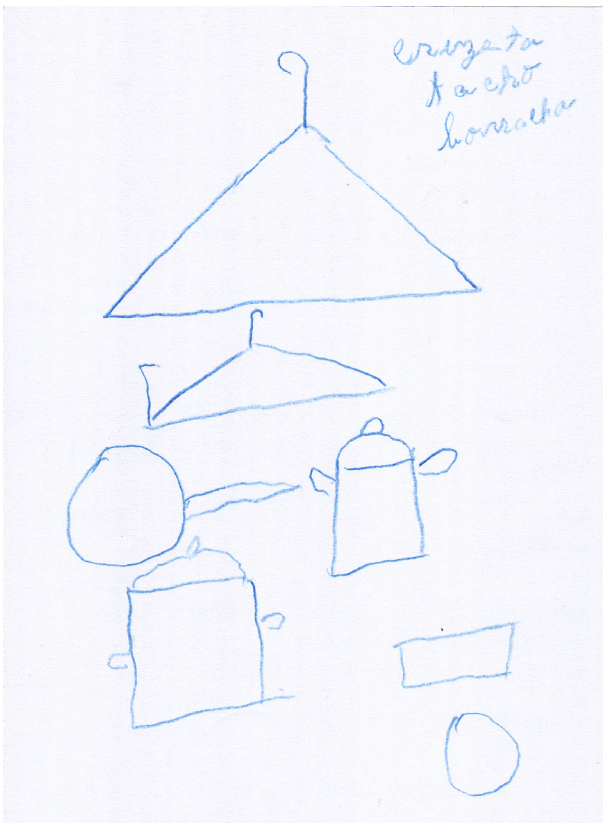



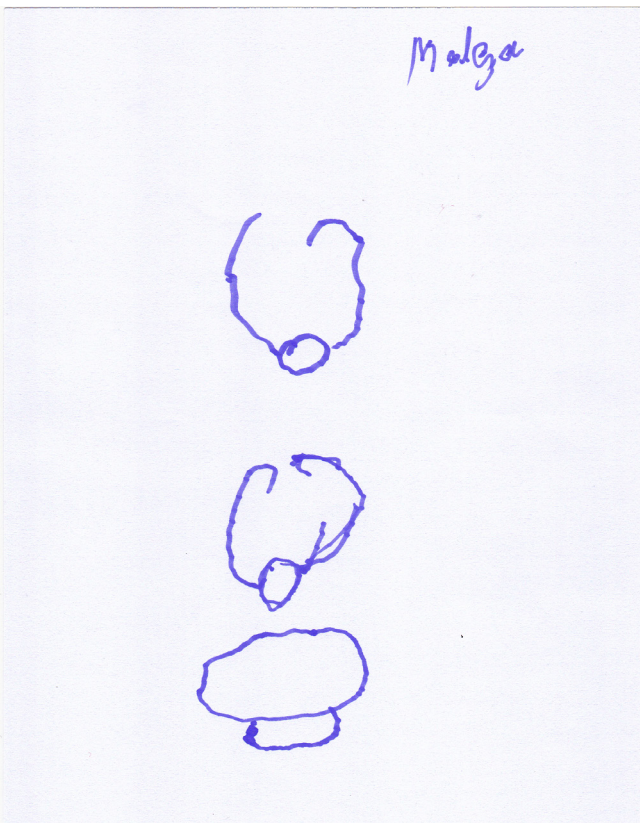



## Recolha Centro de Dia Senhor do Bonfim – Associação de Solidariedade Social

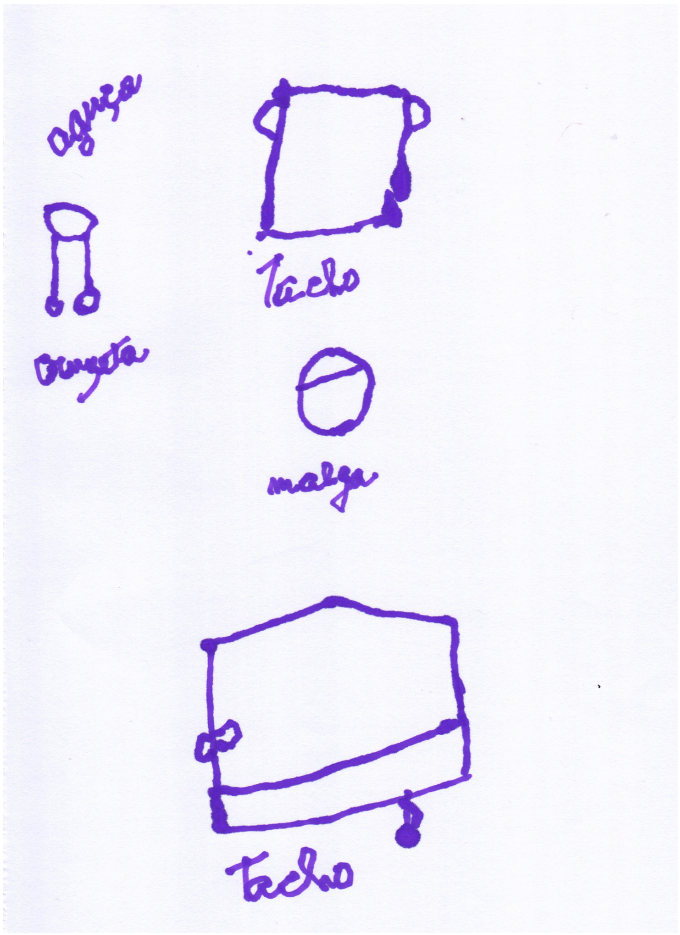


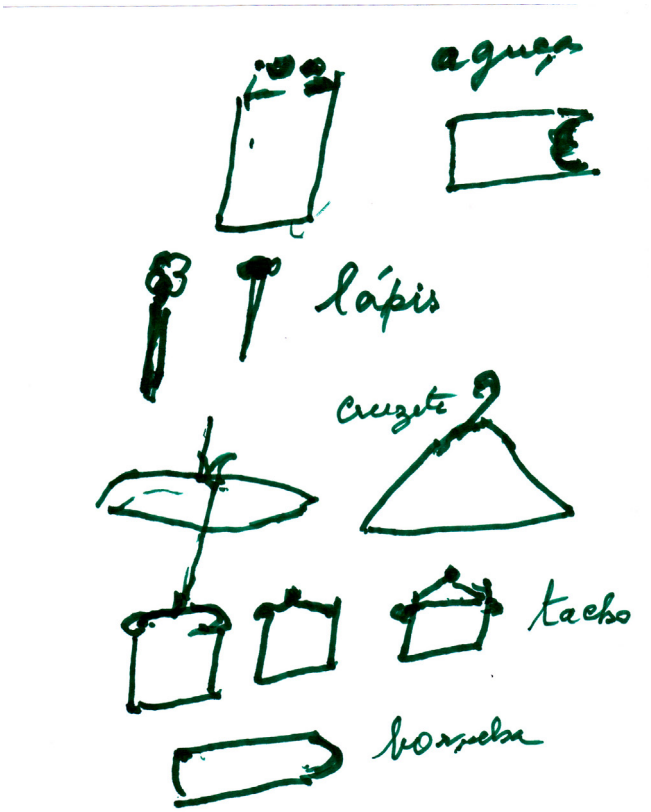


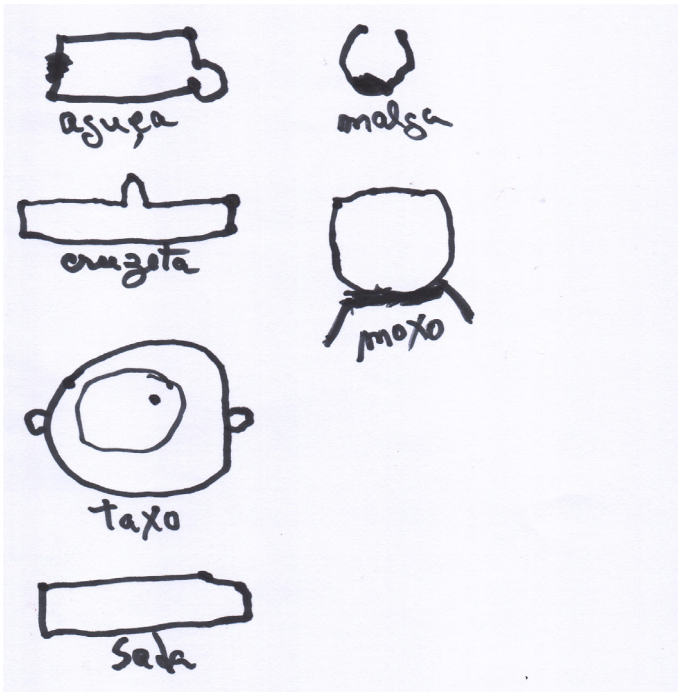



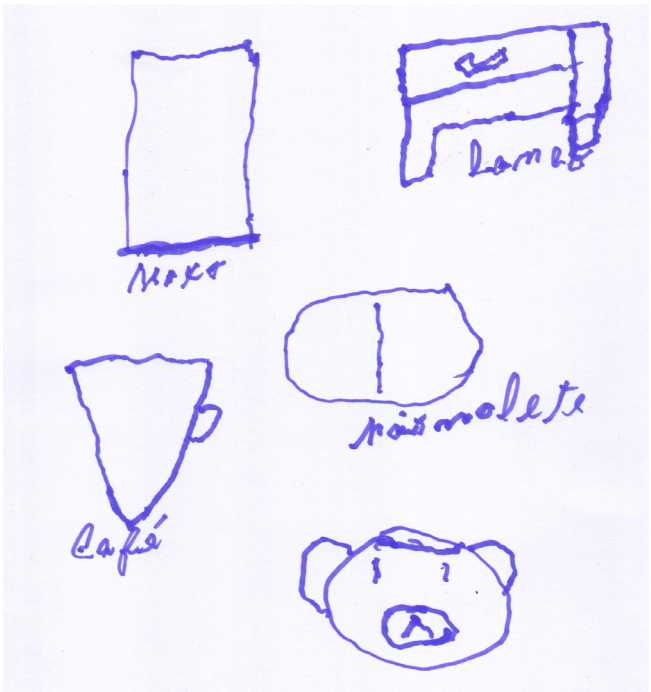


## Recolha Centro de Dia Senhor do Bonfim – Associação de Solidariedade Social

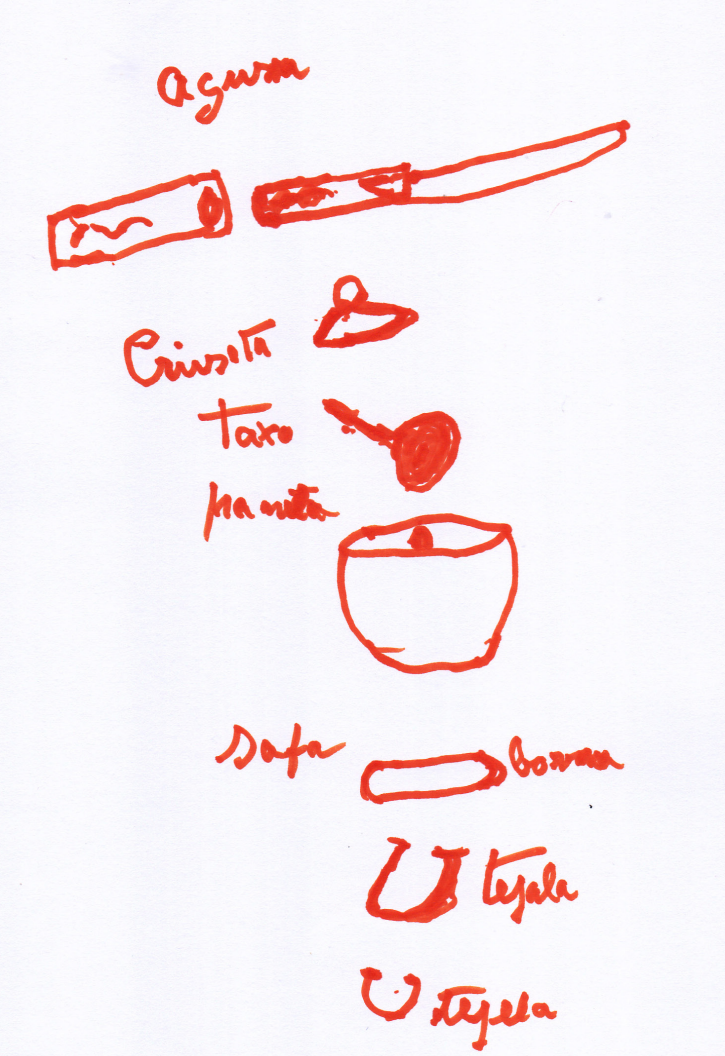


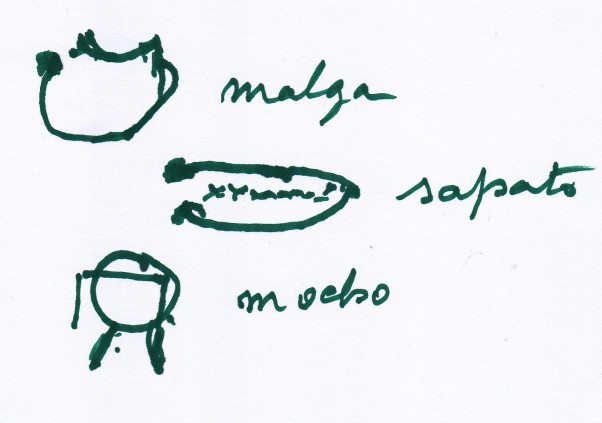



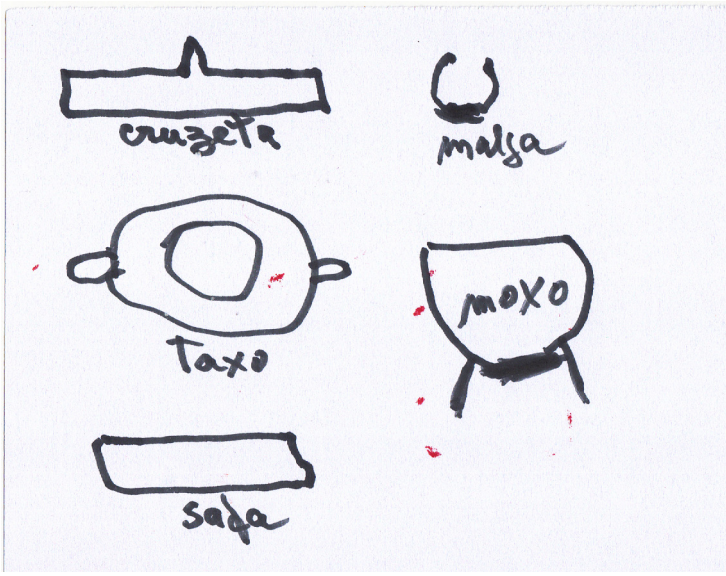



## Recolha Centro de Dia Senhor do Bonfim – Associação de Solidariedade Social



**AUTORIZAÇÃO PARA RECOLHA DE DADOS E REGISTO FOTOGRÁFICO**

Eu, Emilie Jesus Vieira Ribeiro, na qualidade de responsável pelo Coro de Zit e Canto Pomjeiro, autorizo a estudante **Andreia Moreira**, do Mestrado em Ilustração, Edição e Impressão da Faculdade de Belas Artes do Porto, a realizar a atividade proposta no âmbito da sua investigação sobre os vocábulos tradicionais do Norte de Portugal.

Esta autorização inclui:

1. **A recolha de palavras** partilhadas pelos utentes durante a atividade, exclusivamente para **fins de investigação** no contexto do referido mestrado.
2. **O registo fotográfico da atividade**, garantindo que as imagens serão utilizadas apenas para documentação do estudo e eventuais materiais ilustrativos associados ao projeto, sem fins comerciais.
3. O compromisso de que todos os dados recolhidos serão tratados com **confidencialidade e respeito pela privacidade** dos utentes, sendo utilizados unicamente para a finalidade da investigação.

Caso algum utente ou responsável não autorize a sua participação ou o registo da sua imagem, será garantido o devido respeito por essa decisão.

**Data:** 17/2/2025

**Assinatura do Responsável:** Emilie Ribeiro

**Nome e Cargo:** Emilie Ribeiro Diretora Técnica

**AUTORIZAÇÃO PARA RECOLHA DE DADOS E REGISTO FOTOGRÁFICO**

Eu, Sílvia Mautrus Fidalgo, na qualidade de responsável pelo Centro Dia - Fraternidade do Bonfim autorizo a estudante **Andreia Moreira**, do Mestrado em Ilustração, Edição e Impressão da Faculdade de Belas Artes do Porto, a realizar a atividade proposta no âmbito da sua investigação sobre os vocábulos tradicionais do Norte de Portugal.

Esta autorização inclui:

1. **A recolha de palavras** partilhadas pelos utentes durante a atividade, exclusivamente para **fins de investigação** no contexto do referido mestrado.
2. **O registo fotográfico da atividade**, garantindo que as imagens serão utilizadas apenas para documentação do estudo e eventuais materiais ilustrativos associados ao projeto, sem fins comerciais.
3. O compromisso de que todos os dados recolhidos serão tratados com **confidencialidade e respeito pela privacidade** dos utentes, sendo utilizados unicamente para a finalidade da investigação.

Caso algum utente ou responsável não autorize a sua participação ou o registo da sua imagem, será garantido o devido respeito por essa decisão.

**Data:** 19.3.2025

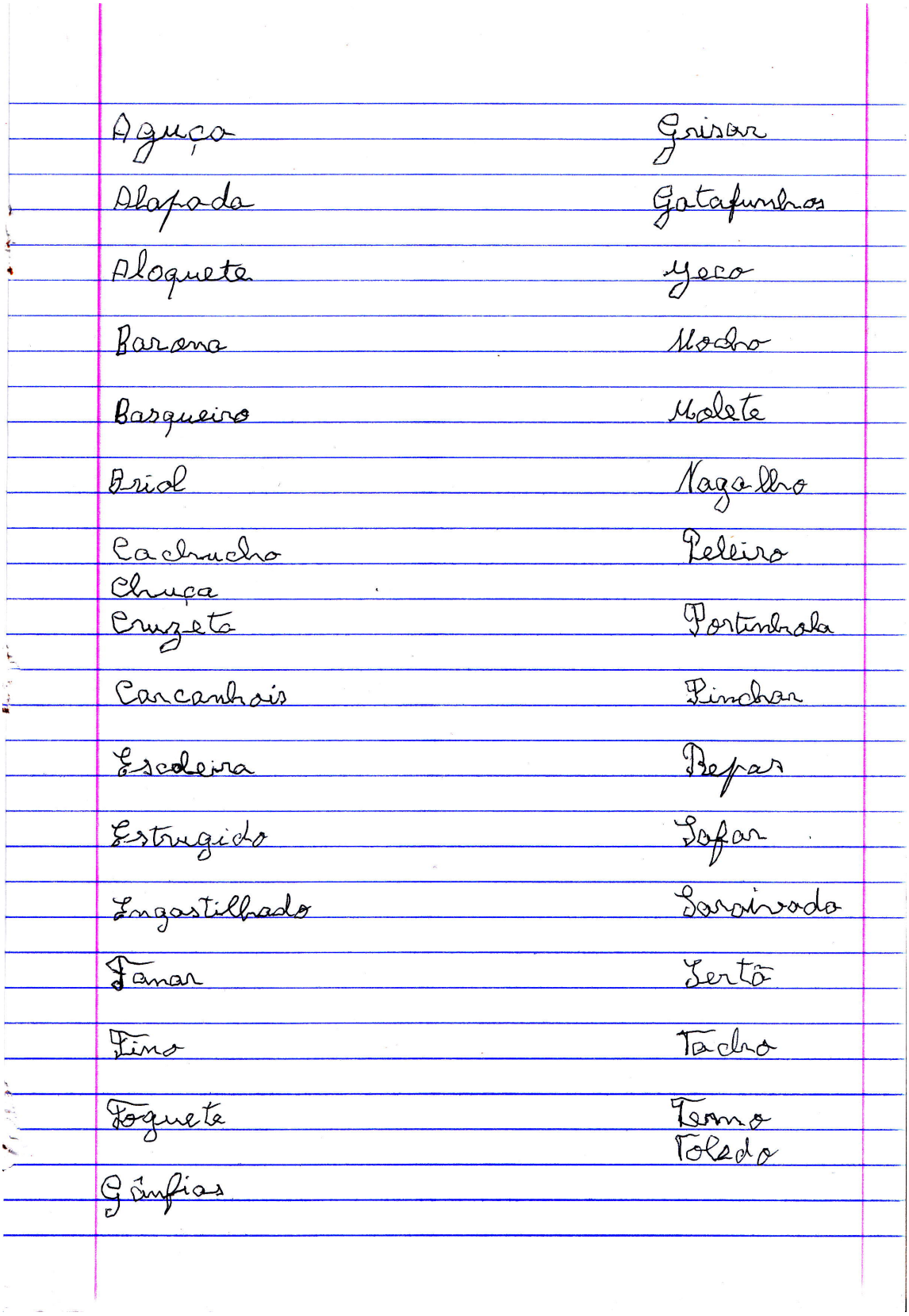
**Assinatura do Responsável:** Sílvia Mautrus fidalgo.

**Nome e Cargo:** Sílvia Mautrus fidalgo - Dir. Téc.

## *Regionalismos Recolhidos sem Repetições*

Acabrunhada
Aguça
Alapada
Alhear
Aloquete
Amuada
Aninhar
Arreganhados
Arruaceiro
Azeiteiro
Bacalhoar
Banca
Barona
Basqueiro
Bicha
Bisbilhoteira
Bitaites
Bitorinos
Borracholas
Briol
Cachopos
Cachucho
Caldo
Caloteiro
Canalha
Chaga
Chagar
Chalado
Choldra
Choça
Chuço
Coscuvilheira
Cruzeta
Cusqueiro
Escaleira
Estrilho
Estrugido
Fanar
Fanico
Fino
Foguete
Forreta
Fronha
Fusca
Gadelha
Gamar
Gandaia
Gânfias
Gatafunhol
Grisar
Griso
Jeco
Lambão
Lambareiro
Lapada
Malandro
Malga
Matrafona
Matreiro
Mocho
Moina
Molete
Morcão
Naifada
Paleio
Parné
Peta
Picheleiro
Pinchar
Portinhola
Rapinar
Repas
Safa
Safar
Saraiva
Saroto
Sertã
Sonsa
Sorna
Sostra
Sovina
Tacho
Telhuda
Terno
Testo
Tola
Toledo
Trafulha
Traquitana
Trengo
Trolha
Tromba
Venda

# Transcrição para Caligrafia de alguns Regionalismos Selecionados



# Lá diz-se assim:

## Illustration of regionalisms from Porto

Andreia Moreira (up202308091@fba.up.pt) Júlio Dolbeth (jdolbeth@fba.up.pt) Fine Arts Faculty, University of Porto, Portugal

## *Introduction*

*Lá diz-se assim* is a project that articulates regionalisms with illustration as a means of visual expression.
Illustration is a fundamental tool for their preservation and perpetuation. The projects serves as an enriching contribution when it comes to the preservation regionalisms, recognising their historical and cultural value, as well as the invocation of collective memory and the constant transformation of the Portuguese Popular Language.

## *Aim*

The project has as its central goal the creation of an editorial artefact that visually portrays regionalisms from Porto.
The choice of this theme arises from the need to promote and preserve this cultural heritage, exploring the intersection between illustration and regional vocabulary to document, disseminate, and keep these expressions alive.
This research aims to contribute to the revival of oral expressions and popular culture while enhancing the value of illustration in social and cultural dialogue.

## *Methodology*

In terms of theory, our literature review is based on experts who study the topic in question. As far as the practical side of this project is concerned, a game/playing tool was created as a way of collecting regionalisms.
This collection was done mainly at two day centres in Porto, the Corujeira Day Centre and the Senhor do Bonfim Day Centre — where the playing tool was applied and seniors wrote regionalisms they knew and illustrated them.
There was also a collection in informal conversations, making the collection organically with the population and the author's relatives.

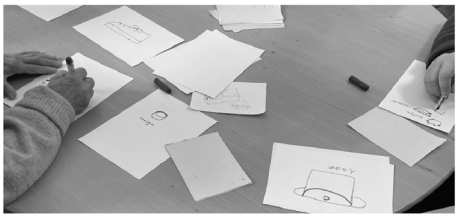


Fig 1. Senhor do Bonfim session for regionalism collection

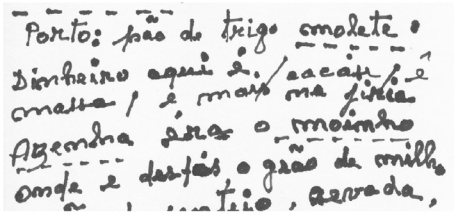



Fig 2. Collection results Corujeira Day Centre

## *Results*

Regionalisms are linguistic constructions that are directly related to the social and cultural dimensions of the Portuguese language in terms of their formation and use.
The final product is a comic book that pairs illustrations with regionalisms, creating engaging narratives where words and images enhance each other.
By putting these words into visual stories rather, they come alive in context.
This book contributes to preserving these distinctive expressions that might otherwise be forgotten, while making them accessible and enjoyable for contemporary audiences.

## *Conclusions*

As far as the relevance of this project is concerned, there is the difficulty of accessing literary objects that deal with the subject in a specific way and that illustrate the topic, so that more people can have access to the information. Regionalisms and idiomatic expressions have been dealt with in specialised dictionaries for consultation and in books on orality (linguistics and cultural heritage), but not so much in conjunction with illustration as a means of communication.
In the course of our research, we realised that the study of regionalisms is not a recent topic, since we have old records of the evolution of our language, but that there is a need to continue collecting them. What we see here is the need to bring regionalisms and illustration together, since there aren't many projects that articulate the two, and that's where this project could be pertinent.
The project presents itself as a contribution to the preservation and future projection of regionalisms, of Portuguese popular culture, conserving this intangible heritage.

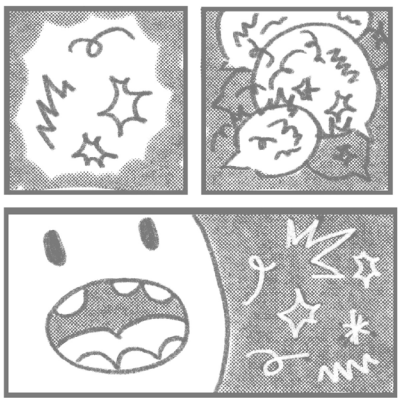


Fig 3. Basqueiro

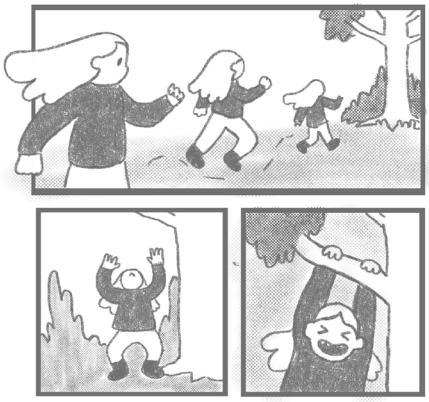


Fig 4. Pinchar

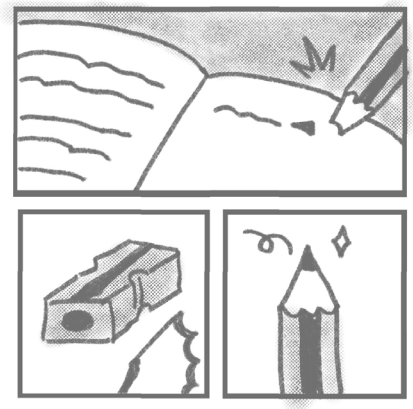


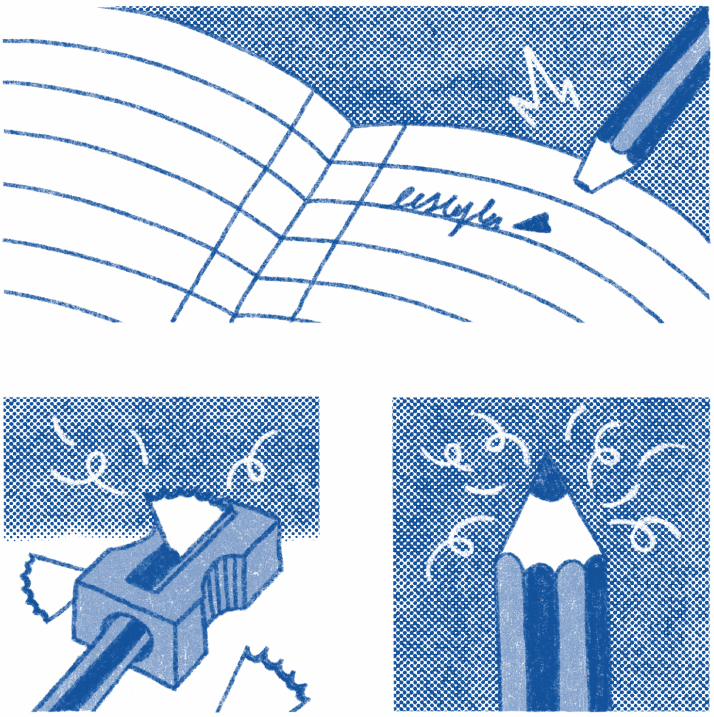
Fig 5. Aguçar

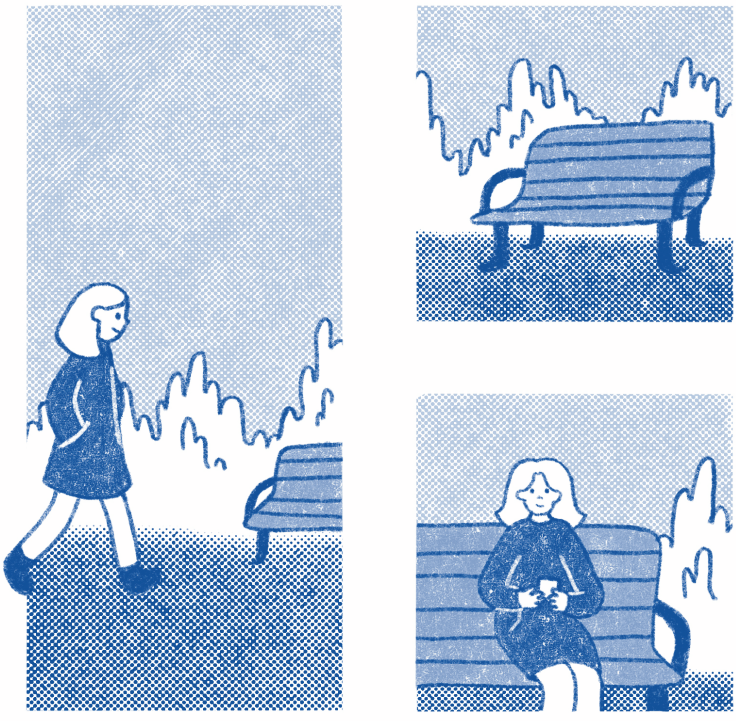
## *References*

1. Almeida, J. J. D. de. (2003). Dicionários dinâmicos multi-fonte [Tese de doutoramento, Universidade do Minho]. https://hdl.handle.net/1822/92494
2. Alvarenga, D. L. de. (2019). A salvaguarda do patrimônio cultural imaterial: Uma perspectiva comparada entre portugal e brasil [Dissertação de Mestrado, Universidade Autónoma de Lisboa]. https://repositorio.grupoautonoma.pt/server/api/core/bitstreams/9e83a844-6938-45f8-bcda-bf5c618f9c21/content
3. Brandão, L. (2017). As estruturas linguísticas de Ferdinand de Saussure. Comunidade Cultura e Arte. https://comunidadeculturaearte.com/as-estruturas-linguisticas-de-ferdinand-de-saussure/
4. Giacometti, M., & Lopes-Graça, F. (1981). Cancioneiro Popular Português. Círculo de Leitores. https://tradicao.wordpress.com/wp-content/uploads/2011/02/michel-giacometti1981-cancioneiro-popular-portugues.pdf
5. Gonçalves, M. da S. (2016). O calão no Português Europeu: Tendências e utilizações [Universidade do Minho]. https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/44358/1/Marina%20da%20Silva%20Gon%c3%a7alves.pdf
6. MatrizPCI Inventário Nacional do Património Cultural Imaterial. (2022, dezembro 15). https://matrizpci.patrimoniocultural.gov.pt/InventarioNacional/DetalheFicha/903?dirPesq=0
7. Museu da Música Portuguesa—Arquivos Sonoros Portugueses. (2012, março 1). Cascais Câmara Municipal. https://www.cascais.pt/museu-da-musica-portuguesa-arquivos-sonoros-portugueses
8. Paiva, M. H. (2001). Para conceber a língua na sua plasticidade: O contributo da história da língua portuguesa. https://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/7292.pdf
9. Sarmento, C. (2007). Práticas, discursos e representações da cultura popular portuguesa [Tese de doutoramento]. https://www.academia.edu/37760241/Pr%C3%A1ticas_discursos_e_representa%C3%A7%C3%B5es_da_cultura_popular_portuguesa
10. Teixeira, J. (2016). Castanhas e cascavelhos – ou como um regionalismo do Minho evidencia a relação entre as vivências e a língua. Revista Galega de Filoloxia, 17, 165–183. https://doi.org/10.17979/rgf.2016.17.0.1874
11. Topa, F. (2002). A tradição ainda é o que era: A presença do cancioneiro popular nos álbuns infanto-juvenis. Em Revista da Faculade de Letras «LÍNGUAS E LITERATURAS» (pp. 545–552). https://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/4782.pdf

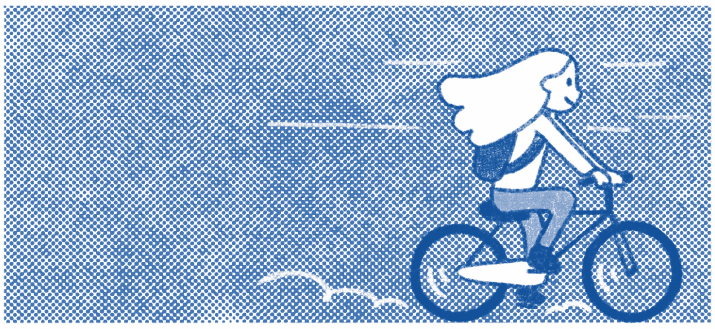
Organização U.PORTO Apoio

# *Ilustrações do artefacto final*

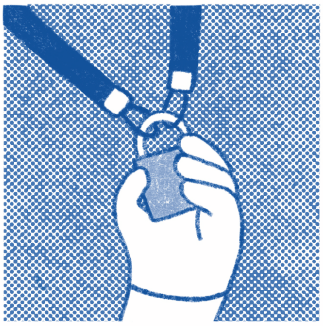


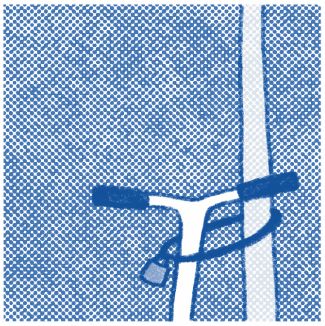



# *Ilustrações do artefacto final*



Aloquete





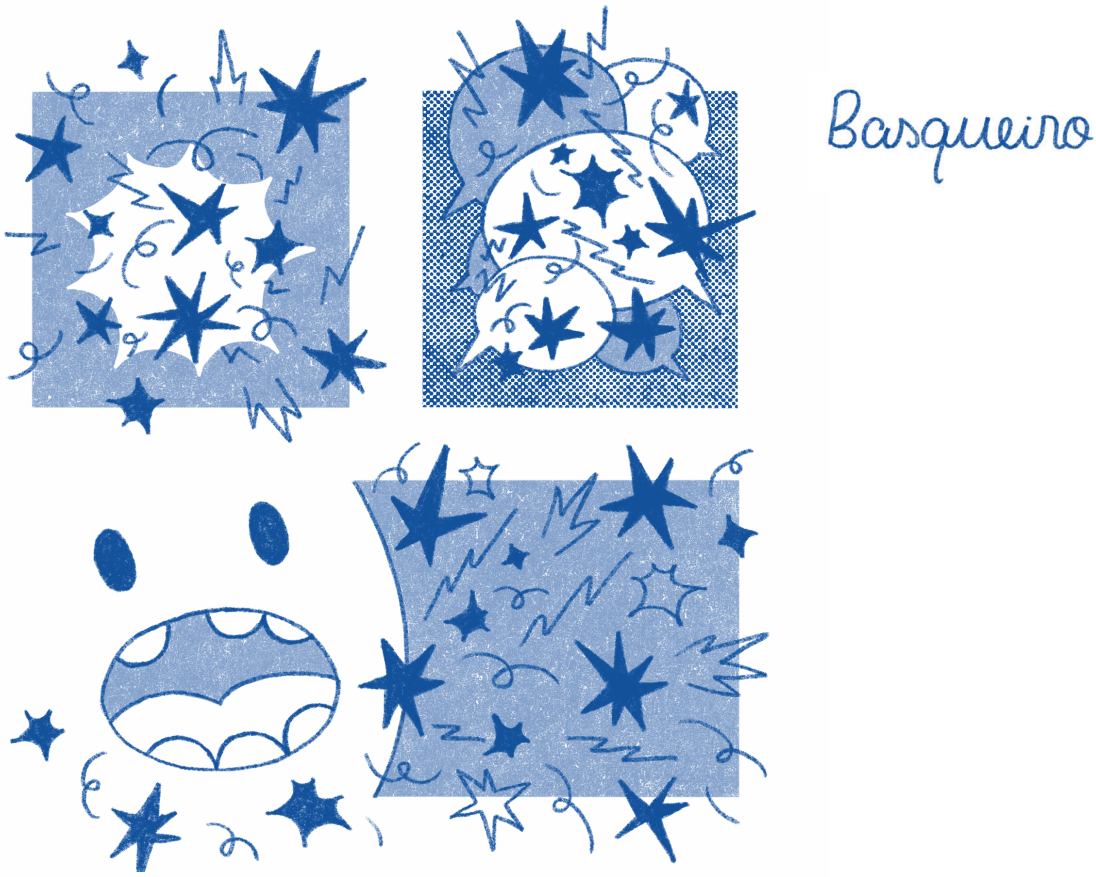




Barona

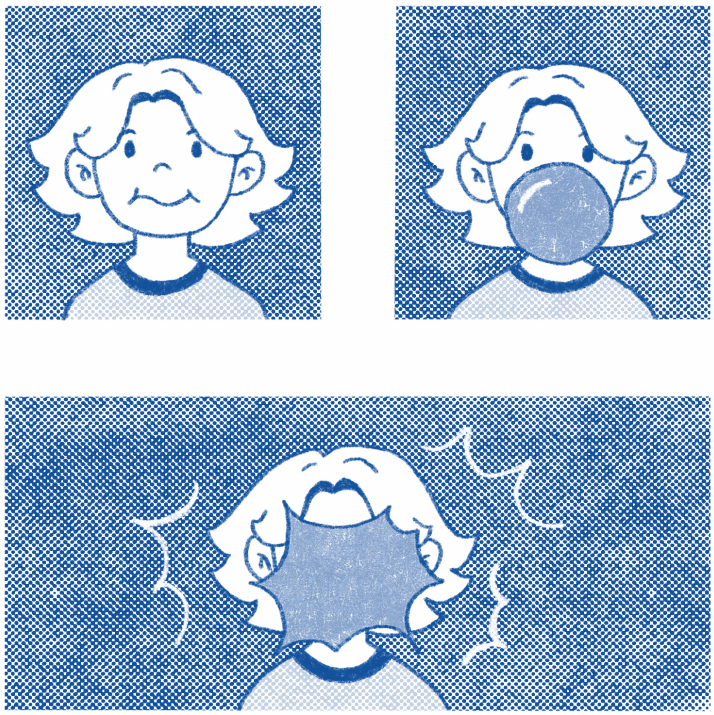


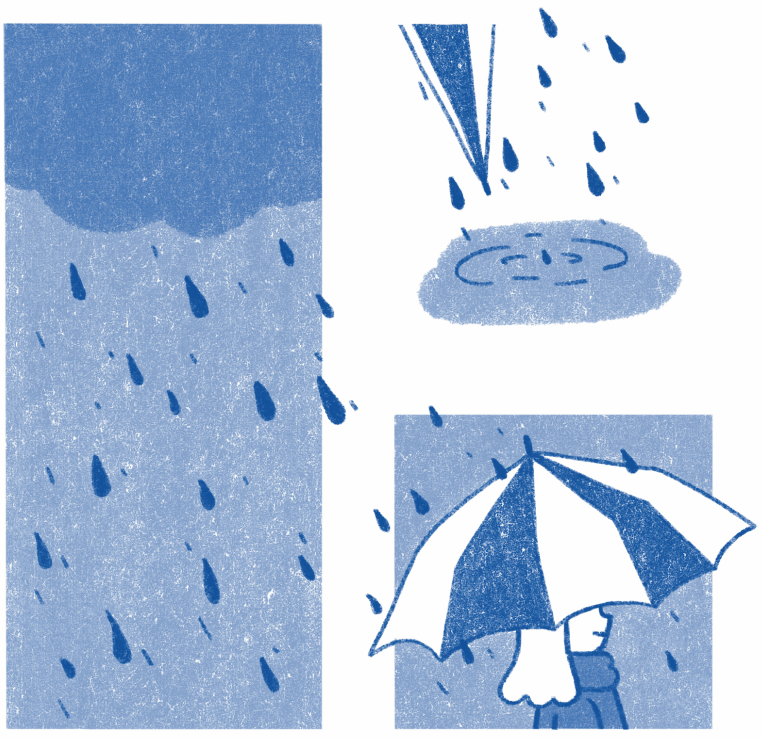
## *Ilustrações do artefacto final*



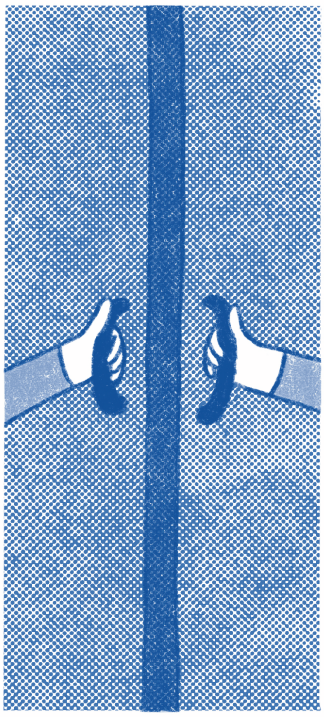


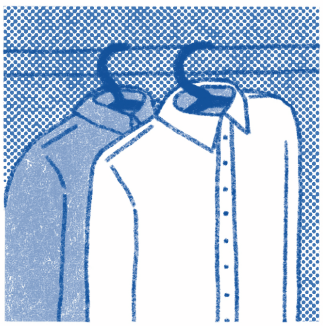

# *Ilustrações do artefacto final*



# *Ilustrações do artefacto final*





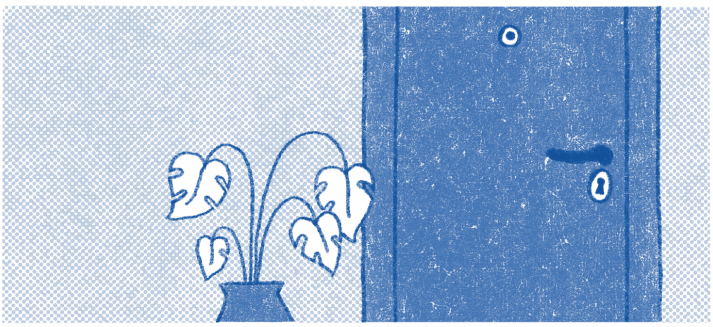
Cruzeta



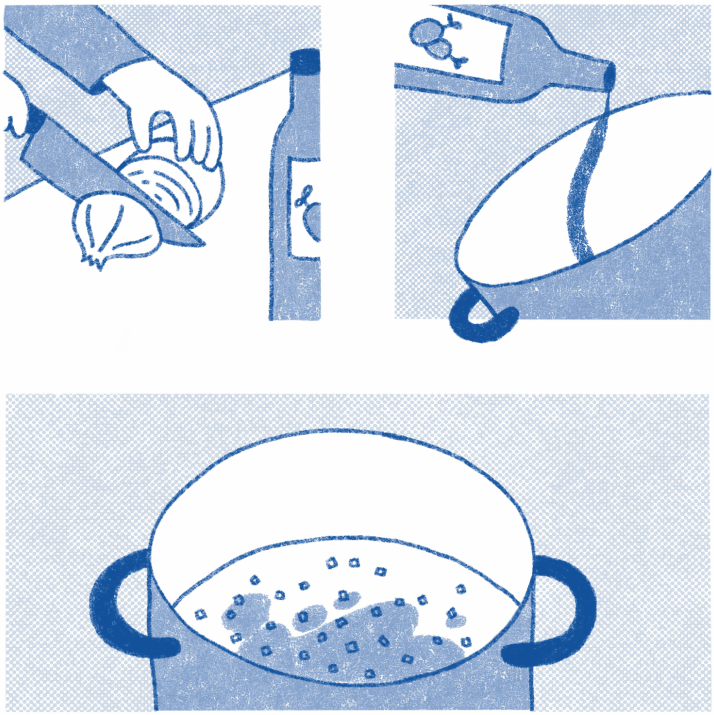


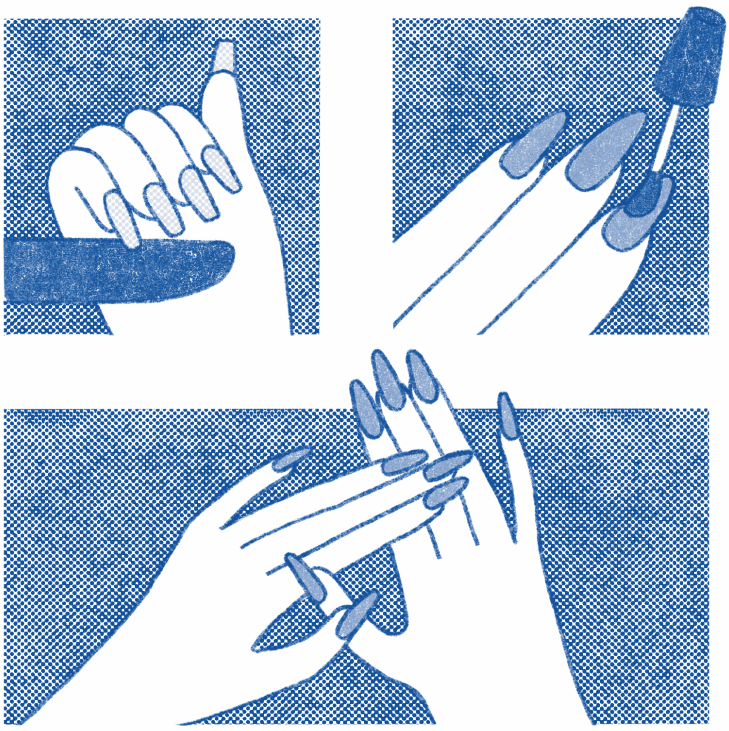


Escaleira

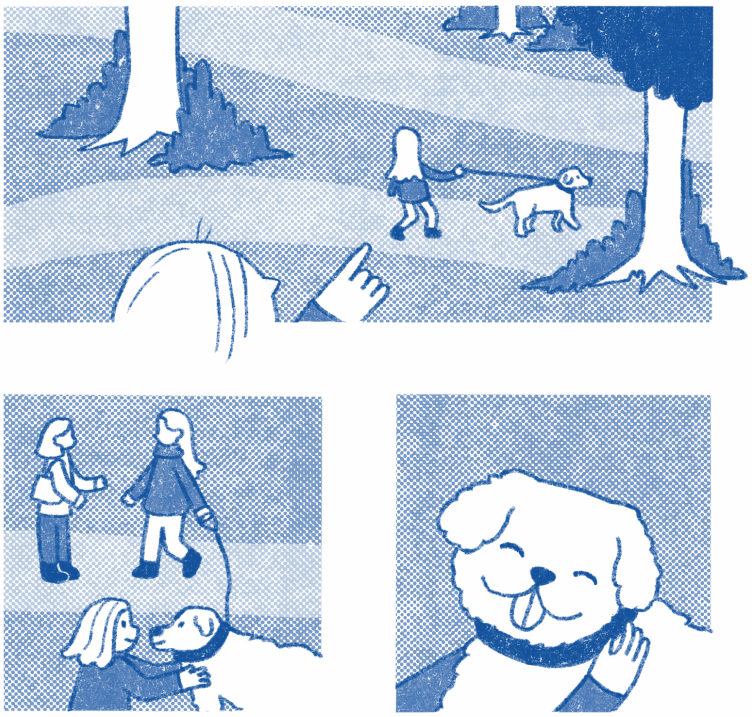


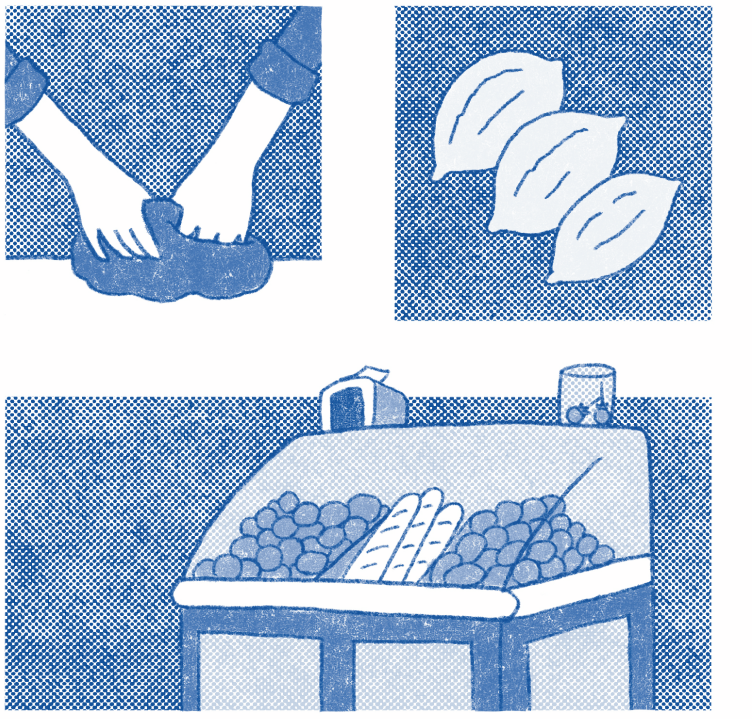
# *Ilustrações do artefacto final*



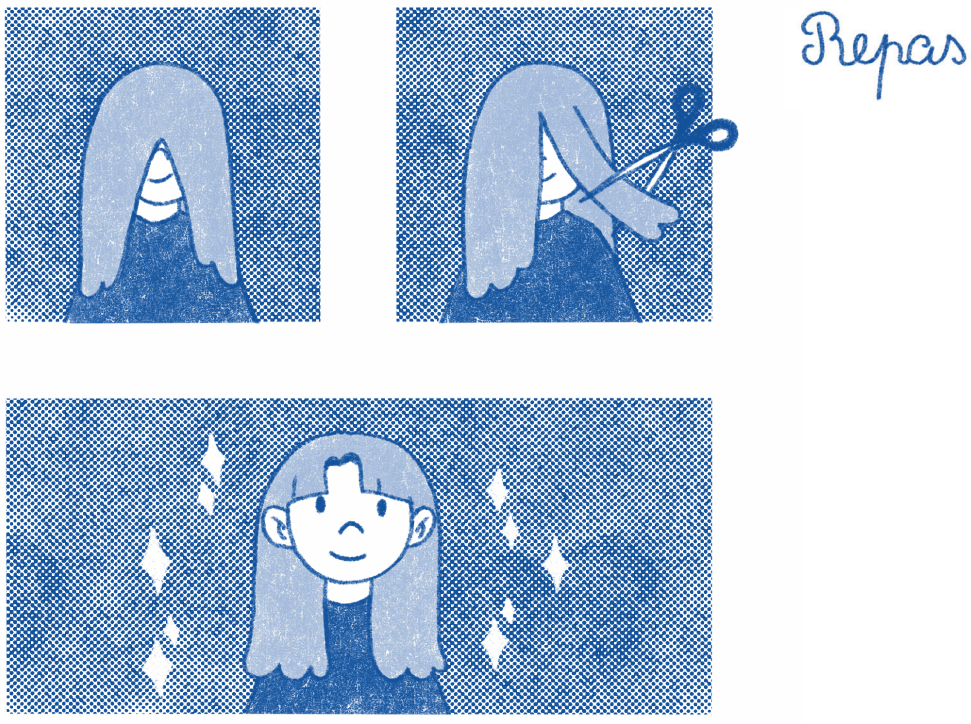
# *Ilustrações do artefacto final*



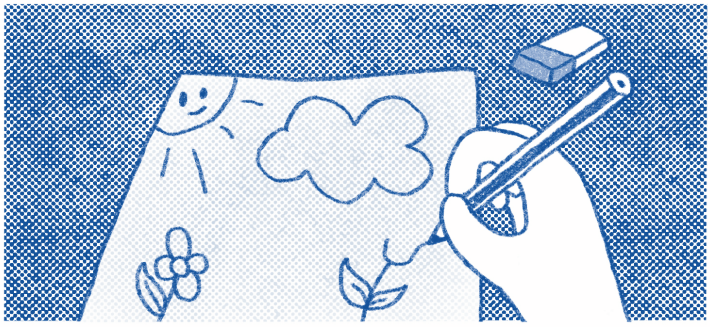



## Ilustrações do artefacto final



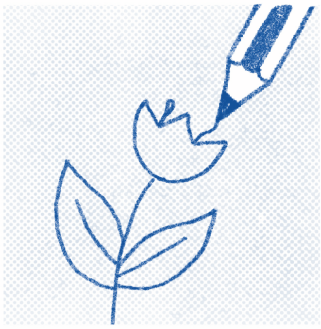



# Ilustrações do artefacto final



Safar





# *Lá diz-se assim: Ilustração de Regionalismos do Porto*

Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto
Mestrado em Ilustração, Edição e Impressão

Relatório de Projeto para a Obtenção do Grau
de Mestre em Ilustração, Edição e Impressão

Orientação do Professor Doutor Júlio Dolbeth
Andreia Santos Moreira
Porto, junho 2025